



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

ANTÔNIO EDUARDO DE OLIVEIRA JUNIOR

**“MENTE VAZIA, OFICINA DAS ONGs”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
MOVIMENTO MIGRATÓRIO VENEZUELANO EM PACARAIMA, BRASIL**

BOA VISTA, RR
2024

ANTÔNIO EDUARDO DE OLIVEIRA JUNIOR

“MENTE VAZIA, OFICINA DAS ONGs”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
MOVIMENTO MIGRATÓRIO VENEZUELANO EM PACARAIMA, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Fronteiras, na área de concentração Sociedade e Fronteiras na Amazônia, na linha de pesquisa em Fronteiras e Práticas de Mobilidade Humana.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francilene dos Santos Rodrigues

BOA VISTA, RR
2024

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O48m Oliveira Junior, Antônio Eduardo de.
“Mente vazia, oficina das ONG’s” : Representações sociais do movimento migratório venezuelano em Pacaraima, Brasil / Antônio Eduardo de Oliveira Junior. – Boa Vista, 2024.
119 f. : il.

Orientadora: Profª. Dra. Francilene dos Santos Rodrigues.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Representações sociais. 2 – Migração. 3 – Conflito. 4 – Acolhida. 5 – Intolerância. I – Título. II – Rodrigues, Francilene dos Santos (orientadora).

CDU – 325.14:061.2(87)

ANTONIO EDUARDO DE OLIVEIRA JUNIOR

**“MENTE VAZIA, OFICINA DAS ONGS”:
representações sociais do movimento migratório venezuelano em
Pacaraima, Brasil**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Sociedade e Fronteiras e Linha de Pesquisa 1: Fronteiras e Práticas de Mobilidade Humana. Defendida em 27 de março de 2024 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Francilene dos Santos Rodrigues
Orientadora/Presidente/PPGSOF/UFRR

Prof.^a Dr.^a Márcia Maria de Oliveira
Membro Interno/PPGSOF/UFRR

Prof.^a Dr.^a Vângela Maria Isidoro de Morais
Membro Externo/PPGCOM/UFRR

Dedico ao meu núcleo familiar e
aos migrantes venezuelanos e
venezuelanas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão bem-sucedida deste mestrado.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha orientadora, Prof. Dra. Francilene dos Santos Rodrigues, pela orientação dedicada, apoio incansável e valiosos insights ao longo deste processo. Sua orientação sábia e incentivo constante foram fundamentais para minha jornada acadêmica.

Agradeço à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSFOF/UFRR), em nome das, Prof. Dra. Ana Lúcia de Sousa, atual coordenadora e, Prof. Dra. Márcia Maria de Oliveria, coordenadora anterior, pela oportunidade de fazer parte deste programa de mestrado e pela dedicação em proporcionar um ambiente acadêmico propício ao aprendizado e à pesquisa. Estendo esse agradecimento a todos os professores e professoras que também foram peças-chave e fundamentais na minha formação, e Simone, secretária executiva por todo o apoio prestado nesse tempo de mestrado.

À Coordenação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), expresso minha sincera gratidão pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou minha participação neste programa de mestrado. O apoio financeiro oferecido foi fundamental para minha formação acadêmica e para a realização desta pesquisa.

Agradeço a *International Association for Media and Communication Research* (IAMCR), por viabilizar uma das experiências mais incríveis da minha vida: conhecer parte da Europa. Viagem que me oportunizou apresentar um trabalho em evento internacional, em inglês, e conhecer o trabalho com migrantes e refugiados da Cáritas e do PRADO, em Lyon-França e, do Exército da Salvação, em Roma-Itália.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, escolhidos com muito apreço, pela avaliação cuidadosa deste trabalho e por suas sugestões construtivas, que contribuíram significativamente para a melhoria desta dissertação.

Agradeço a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE/UFRR) por aprovar e disponibilizar bolsistas para acompanhar as atividades do Projeto de Extensão, desenvolvido a partir desta pesquisa. Aproveito para agradecer a equipe-coordenação: Fernando, Prof. Dra. Norah, Prof. Dra. Alessandra e Kelly; e a todas as pessoas que se inscreveram, participaram e contribuíram no Projeto de Extensão Oficina das Representações Sociais e Coleta de Dados pelo Método de Análise de Conteúdo.

À minha família, expresso minha sincera gratidão pelo amor incondicional, apoio e compreensão durante os momentos desafiadores desta jornada. Seu incentivo constante foi o alicerce que me permitiu perseverar e alcançar meus objetivos acadêmicos.

Aos meus amigos e amigas de vida, agradeço porque sempre estiveram me incentivando a não desistir e acreditar no meu potencial. São eles e elas: Alfredo (Manaus), Lucimar, Karuliny, Kerly, Raiza, Alef, Djavan, Daiane, Dom Vanthuy, Karla e outros tantos...

Às minhas amigas e colegas de curso, agradeço por compartilharem seus conhecimentos, experiências e por serem fontes de inspiração ao longo deste percurso acadêmico. São elas e eles: Angélica, Ingrid, Ellene, Vanessa, Beatriz, Fernanda, Eudyafla, Kátia, Gabriela, padre Teddy, León, Adriel e Marcos. E não posso esquecer de Marielys, que esteve presente e impulsionou a mim com inspiração!

Estendo o agradecimento ainda a amigos e amigas que fiz nas experiências profissionais antes do mestrado: primeiro Militza, que viu potencial em mim e me incentivou como nunca a entrar no PPGSOF; Cassy, uma das amizades mais inusitadas e inesperadas e que estimo como uma amizade de milhões... ela foi sem dúvidas, meu aporte emocional em todo esse tempo; Tatiana, que apareceu de surpresa e ficou, te agradeço a companhia em meus momentos mais angustiantes. Assim como outras pessoas muito especiais nesse caminho: Sandy, Michel, Nelsis, Fernanda, Eduarda, Ono, Cinthia (Fortaleza), Tainanda, Rafael e Thais, Raissa, Thais M., Thais A., Célio, Denis, Carol B., Helena, Jair, Geórgia, Georgina, Renata, Pedro, Rebeca, Leandro.

Agradeço em especial a duas pessoas que foram minha companhia em conversas e desabafos: Karol e Rejane. Nossos almoços, aos domingos, eram descanso para as tensões que vivia. Sinto falta de encontrá-las.

Agradeço às pessoas venezuelanas que conheci, antes e durante da construção dessa pesquisa e me inspiraram com suas histórias de vida!

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para esta pesquisa e para minha formação acadêmica. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e colaboração de cada um de vocês.

Que este seja apenas o início de uma jornada de descobertas e contribuições para o avanço do conhecimento em nossa área!

*“Una tierra que no tiene fronteras, sino manos
que juntas formarán, una cadena más fuerte
que la guerra y que la muerte.
Lo sabemos, el camino es el amor”*
[Alberto Croce e Eugenio Perpetua]

RESUMO

Esta dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima é uma pesquisa interdisciplinar que abrange os estudos migratórios e os estudos interculturais na perspectiva das representações sociais a partir de um contexto marcado pelas migrações venezuelanas. Pacaraima é uma cidade historicamente caracterizada pelas migrações sucessivas e por encontros de distintas culturas que resultam em trocas interculturais presentes na arte, na arquitetura, nas espacialidades, na religião, na culinária, e, assim por diante. São os migrantes que promovem estas interações que nem sempre são espontâneas ou simultâneas. Muitas vezes são tensas, violentas e resultam em xenofobia, intolerância, discriminação e resistência ao novo e às mudanças inerentes às interações interculturais que se processam nos contextos migratórios. Nos últimos cinco ou seis anos o Estado de Roraima tornou-se um referencial no acolhimento aos migrantes venezuelanos. Esta nova conjuntura oferece oportunidades de novas interações sociais que podem ser refletidas e abordadas pela hermenêutica, com o objetivo de aprofundar o tema das migrações, na perspectiva de entender as representações sociais que aparecem ao movimento migratório venezuelano a partir da sociedade pacaraimense. Por fim, a pesquisa verificou as representações sociais na fronteira entre brasileiros e venezuelanos. A pesquisa é orientada pela natureza exploratória, com pesquisa de campo orientada pelo modelo de entrevistas abertas (informais) com participação ativa e efetiva de brasileiros moradores do município de Pacaraima. Os resultados indicam as principais ideias e influências que despertam as representações sociais das pessoas migrantes na sociedade local a uma posição de rejeição a migração venezuelana e a Operação Acolhida e seus parceiros implementadores.

Palavras-chave: Representações Sociais; Migração; Conflito; Acolhida; Intolerância.

RESUMEN

Esta tesis realizada en el Programa de Posgrado en Sociedad y Fronteras de la Universidad Federal de Roraima es una investigación interdisciplinaria que abarca los estudios migratorios y los estudios interculturales desde la perspectiva de las representaciones sociales, en un contexto marcado por las migraciones venezolanas. Pacaraima es una ciudad históricamente caracterizada por las migraciones sucesivas y los encuentros de diversas culturas que resultan en intercambios interculturales presentes en el arte, la arquitectura, las espacialidades, la religión, la gastronomía, entre otros aspectos. Son los migrantes quienes promueven estas interacciones, que no siempre son espontáneas ni simultáneas. A menudo son tensas, violentas y resultan en xenofobia, intolerancia, discriminación y resistencia a lo nuevo y a los cambios inherentes a las interacciones interculturales que se producen en los contextos migratorios. En los últimos cinco o seis años, el estado de Roraima se ha convertido en un referente en la acogida de migrantes venezolanos. Esta nueva coyuntura ofrece oportunidades de nuevas interacciones sociales que pueden ser reflexionadas y abordadas desde la hermenéutica, con el objetivo de profundizar en el tema de las migraciones, con la perspectiva de comprender las representaciones sociales que surgen en torno al movimiento migratorio venezolano desde la sociedad pacaraimense. Por último, la investigación examinó las representaciones sociales en la frontera entre brasileños y venezolanos. La investigación se guía por su naturaleza exploratoria, con trabajo de campo orientado por el modelo de entrevistas abiertas (informales) con la participación activa y efectiva de brasileños residentes en el municipio de Pacaraima. Los resultados indican las ideas principales y las influencias que generan las representaciones sociales de las personas migrantes en la sociedad local, que tienden a una posición de rechazo a la migración venezolana y a la Operación Acogida y sus socios implementadores.

Palabras clave: Representaciones Sociales; Migración; Conflicto; Acogida; Intolerancia.

ABSTRACT

This dissertation, conducted within the Postgraduate Program in Society and Borders at the Federal University of Roraima, is interdisciplinary research encompassing migratory studies and intercultural studies from the perspective of social representations within a context marked by Venezuelan migrations. Pacaraima is a city historically characterized by successive migrations and encounters of diverse cultures that result in intercultural exchanges present in art, architecture, spatiality's, religion, cuisine, and so forth. It is the migrants who promote these interactions, which are not always spontaneous or simultaneous. Often, they are tense, violent, and result in xenophobia, intolerance, discrimination, and resistance to the new and the inherent changes in intercultural interactions that occur within migratory contexts. Over the last five or six years, the state of Roraima has become a reference point in the reception of Venezuelan migrants. This new situation offers opportunities for new social interactions that can be reflected upon and addressed through hermeneutics, aiming to deepen the theme of migrations and to understand the social representations that emerge concerning the Venezuelan migratory movement from the perspective of Pacaraima's society. Finally, the research examined social representations at the border between Brazilians and Venezuelans. The research is guided by an exploratory nature, with field research guided by the model of open (informal) interviews with active and effective participation of Brazilian residents of the municipality of Pacaraima. The results indicate the main ideas and influences that awaken social representations of migrant people in the local society to a position of rejection of Venezuelan migration and the Welcome Operation and its implementing partners.

Keywords: Social Representations; Migration; Conflict; Reception; Intolerance.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1	– Amostra de matérias jornalísticas coletadas na atividade de extensão.....	67
Figura 1	– Mapa do estado de Roraima com a localização do município de Pacaraima.....	32
Figura 2	– Mapa da organização do perímetro urbano de Pacaraima e distribuição de abrigos em 2018.....	41
Figura 3	– Cartaz utilizado em protesto em Pacaraima em 2021 como uma crítica aos trabalhadores e serviços prestados aos migrantes na cidade.....	78
Figura 4	– Distribuição de café da manhã em Pacaraima em janeiro de 2017.....	86
Quadro 1	– Etapas do método de Análise de Conteúdo.....	65
Quadro 2	– Organizações operadoras da Operação Acolhida em Pacaraima.....	87
Quadro 3	– Formulário de sondagem para participação voluntária em pesquisa.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Tripé de organização das ações da Operação Acolhida.....	44
Tabela 2	–	Matérias jornalísticas selecionadas dos anos de 2017 e 2018 no Jornal FolhaBV.....	68
Tabela 3	–	Matérias jornalísticas veiculadas entre 2017-2022 na seção Polícia do Jornal FolhaBV.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
COVID-19	Corona Vírus
ENCOVI	Pesquisa Nacional de Condições de Vida
FTLogHum-OpA	Força Tarefa Logística Humanitária - Operação Acolhida
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAMCR	International Association for Media and Communication Research
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IIES-UCAB	Instituto de Investigações Econômicas e Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Andrés Bell
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PRAE/UFRR	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
STF	Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 01: O LUGAR DE FALA NA AMAZÔNIA	22
1.1 O IMAGINÁRIO SOBRE A REGIÃO AMAZÔNICA	22
1.1.1 Na colonização	22
1.1.2 Na literatura	25
1.1.3 Na geopolítica.....	28
1.2 UM LUGAR NA AMAZÔNIA: PACARAÍMA	31
1.2.1 A cidade de Pacaraima (sem fronteiras)	32
1.2.2 “Fronteira do Amor”.....	35
1.3 PACARAÍMA: PARA ALÉM DA FRONTEIRA	36
1.3.1 Cultura, turismo e comércio: breve apontamento.....	37
1.3.2 O início da migração venezuelana.....	38
1.3.3 A criação da Operação Acolhida	40
CAPÍTULO 02: O LUGAR DE REPRESENTAÇÃO NA AMAZÔNIA	47
2.1 O ENCONTRO COM O OUTRO: DO “BÁRBARO” À ALTERIDADE	47
2.1.1 O Outro nas relações sociais.....	48
2.1.2 A barbárie nas relações sociais	51
2.1.3 A alteridade na contramão da violência	54
2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MIGRANTE VENEZUELANO	55
2.2.2 As representações sociais das pessoas em mobilidade.....	56
2.2.1 Quem está à nossa porta?	61
2.3 O ENCONTRO DAS AMBIGUIDADES NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA	63
2.3.1 Do discurso político às manifestações.....	69
2.3.2 Das manifestações à violência.....	75
2.3.3 Da violência ao silêncio.....	79
CAP 03: OFICINA DAS ONGS? O TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL	82

3.1 OFICINA DO POVO: A SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA PROTAGONISTA DA ACOLHIDA	82
3.1.1 Protagonistas da Acolhida antes da Operação: a sociedade civil	83
3.1.2 As agências, Organizações Internacionais e trabalhadores humanitários	86
3.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MIGRANTE VENEZUELANO A PARTIR DOS MORADORES DE PACARAIMA	88
3.2.1 A seleção das pessoas entrevistadas	89
3.2.2 Do discurso à realidade: como a sociedade local vê o migrante venezuelano e a Operação Acolhida	92
3.3 OFICINA DE ACOLHIDA EM PACARAIMA: EXEMPLOS PARA O MUNDO?	97
3.3.1 O hoje da cidade de Pacaraima	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERENCIAS CONSULTADAS	107

INTRODUÇÃO

Eu também sou migrante. Pequenino, saí do interior do Ceará com a família para um lugar desconhecido. Esse lugar é Roraima. Aqui, tínhamos esperança de construir um bom futuro. Eu também não queria ter ido embora. Chorei de saudades da minha família, dos meus amigos, da minha casa, da minha rua e da minha escola. Senti saudades de tudo por muito tempo e só consegui amenizá-las depois de 16 anos. Também sofri bullying. Cearenses são estigmatizados pelo sotaque e pejorativamente chamados de “cabeça grande” e, como nordestinos, são representados como famintos e pobres. E sim, esses marcadores identitários eram utilizados de forma preconceituosa por outras crianças provocando risadas que, talvez, não tinham noção dos reflexos de suas ações na alma das pessoas que sofriam humilhações constante. Essas experiências de humilhação social, como bem define Gonçalves Filho (1998), é “uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes”. Não foi fácil, mas superei algumas dores porque tive uma rede de apoio. No entanto, para isso, tive que abdicar do sotaque, do cabelo curto para não evidenciar a cabeça que eu achava que era grande e, sempre evitava fazer amigos “ricos” para não evidenciar as diferenças de classe.

Foi muito impactante ouvir pessoas migrantes e solicitantes de refúgio no Brasil contarem como se sentiam ao chegar aqui. Experimentaram, em meio às suas vulnerabilidades, o cravo da xenofobia, da rejeição, da incompreensão. “Acolhidos, porém, indesejados”. Escutei muito: “só estamos aqui porque temos fome”. Uma fome que, para mim, se revela em muitos sentidos: comida, justiça, direitos, oportunidade, compreensão, respeito, empatia, dentre outros. Estas foram minhas motivações para pesquisar e escrever sobre a migração venezuelana. O contexto migratório me desafiou a rever meu modo de olhar o outro e como agir: ser empático e acolhedor ou intolerante e xenofóbico. Me propus a pensar como a migração pode ser uma oportunidade de alteridade, de trocas e de enriquecimento culturais para as cidades e para as pessoas que participam direta e indiretamente dessa dinâmica. Não poderia imaginar que o cartaz “Mente vazia, oficina das ONGs”, de 2021, me impactaria ao ponto de me fazer chegar até aqui.

Até pouco tempo estava imerso em um mundo completamente diferente, em outro estado vivendo outras realidades, mas, me reencontrei em algo que fez sentido afetivo e intelectualmente: compreender o que é e o que significa a migração em Roraima. Fui impulsionado a fazer essa experiência acadêmica e escrever uma página a mais, para contribuir com o debate e discussões sobre as migrações daqui e de qualquer outra parte. Me esforcei para

que fosse uma contribuição científica genuína, leve e de fácil acesso. Nas minhas limitações busquei, aqui, contribuir para que outras pessoas possam ser alcançadas com as reflexões, com as provocações e, acima de tudo, com o respeito a outra pessoa que se aproxima de nós. Não posso esquecer a pluralidade de viver na Amazônia, que me encanta e encoraja a pensar essa e tantas outras realidades migratórias como os sinuosos rios que são estradas que vem e que vão por uma diversidade de espaços, culturas, povos originários, biomas, enfim, mas sempre são Amazônia.

Essa multidiversidade de vivências que já tive, até então, me fez perguntar que representações e respostas emocionais são elaboradas pelos moradores de Pacaraima sobre os migrantes venezuelanos? De que forma essas representações sociais se expressam em condutas e sentimentos de hostilidades contra os migrantes venezuelanos e o aparato da Operação Acolhida? As respostas, dentro de suas limitações, tentei responder nas páginas dessa pesquisa, ora sendo muito específico, ora necessitando a atenta leitura para percebê-las. A proposta de uma pesquisa sobre o tema da mobilidade humana internacional vem ao encontro da centralidade dos debates sobre as migrações em áreas de fronteiras. O estado de Roraima não poderia ficar de fora por ser uma região de tríplice fronteira e, principalmente porque a Venezuela ganhou notoriedade nos últimos anos. Ao delimitarmos a pesquisa como as representações sociais da população de Pacaraima sobre do movimento migratório venezuelano, desafiamos uma posição egocêntrica que tenta se instalar na sociedade roraimense de rechaço a esse outro, o nosso vizinho venezuelano que, em um passado recente, quando íamos fazer compras e desfrutar do turismo da Gran Sabana, o considerávamos *nuestros Hermanos*.

Nosso intuito é também de proporcionar conhecimento para a atuação profissional, contribuindo cientificamente para o campo de estudos interdisciplinar e para a reflexão dos indivíduos que vivenciam esse processo de interculturalidade de suas formas de agir, de reagir diante do encontro com o outro, esse migrante. Ademais, o acesso aos conhecimentos, frutos dessa pesquisa, ajudará ativamente na construção de saberes locais e poderá despertar o interesse dos moradores locais, em grande parte também migrantes internos, a ouvirem e contarem suas histórias, fontes de memórias fundamentais para a produção do conhecimento.

Decidi incluir a palavra “movimento” no título do trabalho para refletir a contínua e permanente transformação da dinâmica migratória venezuelana para Pacaraima. Assim como um rio que nunca para de fluir, esse processo migratório se reinventa, se adapta e se transforma

ao longo do tempo, ecoando a filosofia de Heráclito de Éfeso sobre a mudança constante na natureza das coisas. Entendo que a migração é, por sua própria natureza, um processo dinâmico. É um exercício de compreensão e análise que transcende as fronteiras geográficas, permitindo uma compreensão mais profunda e abrangente que pode ser visto não só como um fato, mas como um processo humano. Partindo desse pressuposto, optei por me dirigir às pessoas neste texto exclusivamente como migrantes. Minha intenção principal não foi debater seu status legal no Brasil, seja como migrantes ou refugiados, embora reconheça que essa categorização também pode ser relevante em determinados contextos de representação social. O foco aqui reside mais na experiência compartilhada de estar em movimento e nos desafios enfrentados ao tentar se harmonizar a uma nova realidade.

Durante a viagem para Lyon, na França, em julho de 2023, para falar da minha pesquisa que estava em andamento na época, na *International Association for Media and Communication Research* (IAMCR), no GT Diáspora e Mídia, pude observar de perto os movimentos migratórios de todos os continentes, em um mesmo lugar, o que me permitiu perceber que os desafios e dinâmicas da migração são universais, embora possam se manifestar de maneiras diferentes em contextos diversos.

Embora o projeto inicialmente objetivasse analisar, reconstruir, identificar e verificar as representações sociais dos migrantes venezuelanos em Pacaraima, muitos aspectos foram se transformando ao longo do processo. O nosso marco temporal de 2017 a 2022 é amplo, complexo e demanda uma abordagem cuidadosa e abrangente. Ao longo desse período, testemunhamos mudanças significativas nas dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldaram as experiências e percepções dos migrantes e da comunidade local. Essa extensão temporal nos permitiu capturar não apenas momentos específicos, mas também as nuances e transformações ao longo do tempo, enriquecendo nossa compreensão do fenômeno migratório em Pacaraima que não cabe em uma pesquisa de curto prazo.

Mas, o processo metodológico apesar de complexo e cansativo foi criativo e prazeroso. Com o marco temporal delimitado em cinco anos, precisava de ajuda. Foi o período em que a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE/UFRR) lançou um edital para novos projetos. Com o apoio inestimável de minha orientadora, elaboramos um Projeto de Extensão chamado “Oficina das Representações Sociais e Coleta de Dados pelo Método de Análise de Conteúdo” para apoiar as coletas das matérias jornalísticas utilizadas, fontes de dados primordiais para a dissertação. Dessa forma, por meio do projeto de extensão efetivamos, de

fato, indissociabilidade entre ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão universitária. O projeto foi realizado entre setembro e outubro de 2023, com a participação de estudantes, pesquisadores/as, professores/as e sociedade civil interessada. Como um dos resultados, alguns artigos foram produzidos e apresentados em eventos, fruto das coletas realizadas nas atividades da extensão.

Nesse processo de criar, recriei e redefini o escopo da pesquisa. Delimitei como ponto de partida o Jornal FolhaBV online; reduzi as categorias prévias de análise, que eram complexas pois envolviam imagens, vídeos, legendas, dentre outros; delimitei, portanto, os conceitos-chave; separei as informações usando o método de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) e organizei-as no software MAXQDA 24, um aplicativo de análise e organização de dados de pesquisa.

Esse processo de pesquisa me permitiu vivenciar diversas chegadas e partidas, reavaliar minha maneira de representar os outros, aproximar-me e distanciar-me de meu objeto de estudo, aprender a acolher críticas e ouvi-las com atenção, além de expressar críticas de forma respeitosa e aberta ao diálogo. Também pude contribuir com minhas experiências e estimular novas ideias. A participação em eventos interdisciplinares sobre migrações globais e específicas da migração venezuelana enriqueceu consideravelmente minhas investidas intelectuais ao longo do processo de reflexão e escrita. Isso é importante, pois evidenciou as possibilidades de troca e aprendizado proporcionadas pelo engajamento em debates e atividades acadêmicas.

Foi então que, em um desses momentos, busquei incorporar um elemento regional que enriquecesse a narrativa. Como tenho amizade com Argemiro Neto, o filho do cantor e compositor regional Zeca Preto, decidi contatá-lo para que ele pudesse compartilhar comigo um pouco sobre a criação da letra do Hino de Pacaraima, que é de autoria de seu pai. Esse hino é um pequeno poema composto por versos simples, que capturam a essência de uma cidade antes do grande movimento migratório. Aproveitei e iniciei cada capítulo com um verso da canção.

A pesquisa de campo em Pacaraima representou mais do que simplesmente uma atividade acadêmica foi, também, uma jornada emocional e pessoal, uma vez que trouxe à tona memórias que, segundo Carvalho e Funari (2010), vinculam-se aos processos de recriação, no presente, a partir de imagens sobre o passado. Não era apenas o pesquisador-estudante que estava presente, mas também o ex-morador da cidade, repleto de lembranças e conexões

afetivas. Distanciar meu olhar sobre Pacaraima, em uma perspectiva estritamente científica, foi desafiador, dada a complexidade das emoções envolvidas. O lugar, como diz Yu Fu Tuan (2018, p 6) “é um centro de significado construído pela experiência(...) e de sentimentos altamente viscerais”. Minha relação íntima com o local era um fator a ser observado com cuidado para que não enviesasse as minhas interpretações e análises. E, como diz Japiassu (1975, p10), “em matéria de ciência, não há objetividade absoluta(...) e o cientista jamais pode dizer-se neutro, a não ser por ingenuidade ou por uma concepção mítica do que seja a ciência”. Por isso, o caminho metodológico e o aporte teórico foram essenciais para garantir uma certa imparcialidade na escolha dos interlocutores de pesquisa (Barbosa de Oliveira, 2003).

Elegi a hermenêutica como percurso teórico para auxiliar no entendimento e significados expressos no material coletado e nas entrevistas e, desta forma, refletir até que ponto se pode captar e recolher o sentido tal qual é dito, sem esquecer de nossa experiência anterior, pré-compreendida da realidade e que nos ajuda a entendê-la, como diria o filósofo Heidegger (2005). A partir disso, busquei sentir e pensar, *sentipensar*. Essa combinação de sujeitos e o objeto da prática investigativa em um processo de reconhecer as consequências políticas por trás dessas combinações.

Sendo assim, optei por iniciar o texto com uma breve explanação sobre o imaginário da Amazônia, buscando contextualizar até chegar a esta parcela que é a cidade de Pacaraima. O alvo foi evocar, de certa forma, um encantamento plural diante da vasta diversidade que caracteriza as dinâmicas sociais nessa região. Desejava resgatar a riqueza e complexidade das interações humanas e ambientais que se entrelaçam nesse cenário, ilustrando a amplitude de experiências e perspectivas que emergem desse contexto, inspirado por *A invenção da Amazônia*, de Neide Gondim (1994). Dessa forma, em determinados momentos, é possível nos confundirmos sobre se a pesquisa estava focada em Pacaraima ou Boa Vista, já que as notícias jornalísticas geralmente destacavam mais os eventos a partir da capital do estado do que da região fronteiriça. Isso acabou por robustecer nosso conjunto de dados, permitindo-nos concentrar em uma única cidade, ao mesmo tempo em que reconhecemos que muitos dos acontecimentos em Boa Vista tinham repercussões em Pacaraima. Essa interconexão entre os eventos nas duas cidades destacou a complexidade das dinâmicas regionais.

Outrossim, chegamos ao texto produzido. No primeiro capítulo, *O lugar de fala na Amazônia*, explico o sentido deste lugar do qual me posiciono, lugar do qual eu vivo, experiencio, reflito e escrevo, a partir daqui, para aqui e, daqui para outros lugares. Em seguida,

começo com uma (re)visão desse lugar Amazônia, olhando-a pela imaginação colonizadora, literária e geopolítica e como num olhar dedutivo, volta-se a Pacaraima, a “fronteira do amor”, como diz em seu hino. A partir dela é que se desdobra, então, num pequeno percurso histórico da dinâmica de vida, cultura, turismo e comércio do município de Pacaraima ao encontro com a migração venezuelana e a criação da Operação Acolhida.

No segundo capítulo, *O lugar de representação na Amazônia*, é marcado por uma reflexão sobre o outro e sua relação na vida em sociedade, como historicamente vivenciamos na presença do outro o acolher e desacolher, indicando a alteridade como um instrumento que vai contra perspectivas que sufocam a presença de quem é considerado estranho. Depois disso, discuto sobre representações sociais e traço um perfil dos migrantes venezuelanos que estão sendo estudados. O capítulo é finalizado com a interpretação das matérias jornalísticas coletadas em duas análises distintas: a primeira, a partir dos discursos políticos noticiados que referenciam a migração em Pacaraima ou a indicam; a segunda, como foram noticiadas e repercutidas as notícias violentas e crises sociais com a migração venezuelana em Pacaraima.

Por fim, o terceiro capítulo, *Oficina das ONGs? O trabalho da sociedade civil*, quis exaltar como a experiência de voluntariado, de pessoas desconhecidas, foi protagonista da acolhida dos migrantes venezuelanos em Pacaraima, mesmo diante de uma sociedade que não se mostrava empática com a situação. Faço essa reflexão mostrando uma ação que participei como convidado em 2017, bem como a força da chegada da Operação Acolhida que institucionalizou a solidariedade em razão dos mecanismos legais que a formularam. Terminando o capítulo com a análise das entrevistas e fazendo um panorama geral do hoje da cidade de Pacaraima.

CAPÍTULO 01: O LUGAR DE FALA NA AMAZÔNIA

*Extremo norte exuberante do Brasil / Felicidade mora aqui nesta
Serra / Somos da fronteira do amor / O cesto cheio de carinho é
Pacaraima. [Hino de Pacaraima]*

1.1 O IMAGINÁRIO SOBRE A REGIÃO AMAZÔNICA.

Pensar a região amazônica a partir do imaginário construído por diversos anos é complexo e grandioso. Essa reflexão nos oferece uma visão abrangente sobre a colonização, a representação literária e os desafios geopolíticos da região amazônica, destacando-se a complexidade e a importância dessa região única em termos de cultura, meio ambiente e tradições.

Desde a chegada de Cristóvão Colombo ao Caribe, influenciando a visão europeia sobre o Novo Continente, por um lado, por meio da ocupação gradual da Amazônia ao longo do tempo, o extermínio de diferentes povos e etnias e o comércio ao longo dos rios. Por outro lado, a literatura frequentemente representa a região como algo exuberante e misterioso, rica em biodiversidade e cultura, desempenhando um papel importante tanto como cenário de aventuras quanto como palco de histórias que exploram questões sociais e culturais relacionadas à região. Mencionando, ainda, que os povos indígenas são retratados de maneira ambivalente, às vezes enaltecendo suas tradições e, em outras ocasiões, marginalizando suas culturas.

Temos ainda que pensar a região amazônica pelo viés de que é compartilhada por países sul-americanos, o que gera questões territoriais e desafios de governança para todos os envolvidos. A discussão sobre a influência da visão econômica do Brasil no início do século XX, que buscava integrar a Amazônia ao restante do país, também enfatiza a exploração de recursos naturais, que levanta preocupações ambientais em escala global. Além disso, é importante ressaltar o papel dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais na preservação da região e a importância de proteger seus direitos territoriais e culturais.

1.1.1 Na colonização

A chegada de Cristóvão Colombo e seu grupo colonizador a região que chamamos hoje de Caribe fez com que a Europa passasse a conhecer o Novo Continente, mesmo que estes não

tenham sido os primeiros habitantes da até então chamada América. A descoberta dessa nova região habitada mudou a ciência e o imaginário dos europeus (Gondin, 1994) e até os seus habitantes foram questionados quanto à sua origem por parte das pessoas do velho continente, argumentando que “é difícil sustentar a teoria da originalidade do ameríndio no próprio solo americano, já que as evidências que temos são de uma população mais recente” (Ceretta, 2008, p. 28-31).

O mesmo autor, por um lado, destaca que só na Amazônia “a presença humana ultrapassa os 10.000 anos, segundo os sinais deixados nas serras de Alenquer, no Pará”, por outro lado há quem atesta que “a diversidade ‘latino-americana’ pré-colonização europeia permite falar hoje de um espaço americano comum originário” (Haesbaert, 2021, p. 70).

A ocupação do território amazônico e o deslocamento de sua população foram como um balé em câmera lenta. As diversas etnias se substituíram umas às outras, na ocupação do território, e assim se deslocaram e deixaram sinais de sua presença, sobretudo o sinal do fogo. O deslocamento, com o passar dos tempos, foi-se transformando em comércio e trocas feito ao longo das margens dos rios. Como os rios são paralelos, pelas matas se abriram caminhos. (Ceretta, 2008, p. 39).

Os relatos dessa descoberta chegavam a Europa por meio de histórias maravilhosas que falavam de “povos estranhos, grotescos, monstruosos”, influenciados pelas descrições já existentes do mundo oriental. “A natureza não menos fantástica era povoada por animais não menos estranhos [...] por entre vegetação encantada, composta por ervas capazes de curar qualquer doença, podendo ser encontradas próximas à fonte da eterna juventude” (Gondin, 1994, p. 16), esses relatos, inclusive, influenciarão na nomeação da região como “Amazônia” posteriormente.

A descoberta da América, ou melhor, a dos americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. Na “descoberta” dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este sentimento radical de estranheza. Os europeus nunca ignoraram totalmente a existência da África, ou da Índia, ou da China, sua lembrança esteve sempre presente, desde as origens. A Lua é mais longe do que a América, é verdade, mas hoje sabemos que aí não há encontro, que esta descoberta não guarda surpresas da mesma espécie. (Todorov, 1999, p. 4).

A viagem de travessia rumo ao Novo Mundo é registrada nos Diários de Cristóvão Colombo que relatam a ansiedade, sofrimento e a busca incessante para encontrar ouro, e

anuncia que essa região seria “o paraíso terrestre”¹, com uma “grande quantidade de homens disponíveis para a servidão e para receber os ensinamentos de Cristo”, mas também o inferno, “atestado pela presença do belicoso canibal” (Gondin, 1994, p. 43).

No entanto, a conquista dessa região é marcada por “violência, injustiça, hipocrisia” e, parafraseando o poeta Pablo Neruda, “a espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem” (Romano, 1972). Os três substantivos do poema exprimem bem o caminho que foi seguido nesse processo de colonizar a Amazônia: a tomada da região para pertencer a uma “nação”, a presença da Igreja para catequisar e a exploração dos recursos naturais para favorecimento das nações europeias. “A famosa aliança entre a Cruz e a espada era algo comum e poucos questionavam a violência praticada, muitas vezes, em nome da fé” (Ceretta, 2008, p. 40).² Apesar disso, as missões religiosas³ desempenharam papéis importantes, mesmo que ambigualmente, na proteção e na ocupação do território amazônico na época da colonização (Guberman, 2015) e até os dias de hoje com os movimentos sociais em defesas das terras e dos povos originários que resistem na Amazônia.

Diante disso, havia a necessidade de dar um nome a esta região, nomeá-la lhes assegurava a sua posse. A construção do nome dessa região como Amazônia surge, muito provavelmente, pela forte influência do mito grego das guerreiras Amazonas. Destarte, isso pode ser muito improvável, haja visto que não haviam cavalos na região e muito menos a possibilidade de cavalgar pela floresta cortada por diversos rios e igarapés, por exemplo, mas é o que sustenta a narrativa para alguns autores (Ceretta, 2008).

O primeiro documento que se tem relatos das Amazonas são os escritos feitos nas expedições do frei Gaspar de Carvajal⁴. Os relatos remontam ao ano de 1542 em que o grupo parte em uma expedição descendo “o grande rio” saindo de Quema, um pequeno povoado próximo a Lima, no Peru. Sob algumas orientações de, na expedição, conhecer a região e

¹ A imagem desse paraíso terrestre era algo que só alimentava a ideia (o imaginário muito provavelmente influenciado pela religião) dos invasores e em nada tinha a ver com a realidade local. O desejo de adentrar os rios da região se comparam ao modelo comercial mercantilista cada vez mais difundido na época, em que o lucro era algo rápido: muito se poderia ter com todos os recursos em abundância dessa região, se levados ao continente europeu.

² Para aprofundar essa visão da Cruz e a Espada na colonização da região Amazônica, recomendo: PROCÓPIO, Argemiro. Destino amazônico: devastação nos oito países da Hileia. São Paulo, Hucitec, 2005.

³ Missões religiosas por conta das diversas expressões que há hodiernamente.

⁴ Há diversos textos que relatam as expedições da época, aqui vamos utilizar o que foi descrito em por Neide Gondim, em A Invenção da Amazônia (1994), pois entendemos que este não é o foco principal do que tratamos aqui.

procurar alimentos que fossem conhecidos, percorrem muito e não avistam nada. Com a correnteza do rio, ficam impossibilitados de retornar e, tomados pela fome, alimentam-se de couros cozidos com ervas. “Os expedicionários reencontram e sequenciam o imaginário dos antigos viajantes, cujas histórias sobre fortunas incríveis [...] estão sempre presentes na invenção da Amazônia” (Gondin, 1994, p. 77-79), tendo isso como uma “estreita relação de harmonia entre o homem e a natureza propicia uma fértil geração peculiar do imaginário dessa região, um imaginário que transita do real ao surreal, o mundo mágico dos mitos amazônicos” (Guberman, 2015, p. 89).

Nessa viagem expedicionária dá-se, conforme constata Gondin (1994), o encontro com a cidade das mulheres guerreiras, que serão chamadas de Amazonas e posteriormente darão o nome para a região desbravada pelos exploradores, que muito provavelmente é uma construção utópica do frei Carvajal visto que disse que nesse lugar não haveria espaço para bons e pacíficos selvagens, projetando uma sociedade rigidamente hierarquizada a partir do que ele já conhecia do modelo medieval-europeu.

Carvajal mapeia e descreve a estratégia guerreira feminina, seus usos e costumes, incluindo os povos limítrofes. Por outro lado, pontua, a cada investida do nativo, a superioridade bélica e coragem heroica do europeu, endormido, faminto, penetrando o desconhecido e abatendo a quase totalidade dessas Amazonas na pior e mais feroz batalha já realizada na imensidão de um território aprazível, fértil, rico em minérios, habitado por índios [sic] extremamente belicosos, mas não impossível de ser conquistado. (Gondin, 1994, p. 86)

Essas histórias serviram de narrativas que alimentavam o imaginário das pessoas do continente europeu e serviam de fetiche para querer conhecer e explorar ainda mais a região, não só pelas fabulosas histórias dos expedicionários, mas pela quantidade de recursos naturais explorados e levados, “esta história tem um pouco de costume folclórico para prender a atenção das pessoas, pois as narrativas dos soldados eram repletas de figuras de um exotismo conhecido pelos europeus” (Ceretta, 2008, p. 47).

1.1.2 Na literatura

A literatura brasileira oferece uma ampla gama de representações da Amazônia, refletindo a diversidade cultural e ambiental da região. Ela serve não apenas como uma forma de entretenimento, mas também como uma maneira de sensibilizar o público para as questões sociais, culturais e ambientais relacionadas à Amazônia e à importância de sua preservação

“fruto das diferentes percepções quanto à separação entre o homem e a natureza e, por outro lado, a visão unitária da natureza que engloba o homem” (Silva, 2022, p. 56)

A Amazônia é frequentemente representada na literatura brasileira como um cenário exuberante e misterioso, rico em biodiversidade e cultura. Ela desempenha um papel significativo na literatura, refletindo tanto as maravilhas naturais quanto os desafios enfrentados na região. Em geral, autores e autoras descrevem a floresta tropical, os rios caudalosos, as inúmeras espécies de plantas e animais, criando uma imagem de beleza e biodiversidade. Cheio de um discurso fundador que quer inaugurar e dar um sentido para a região Amazônica que ainda seria “desconhecida”, pela ótica do colonizador, que quer que seja conhecida (Munaro, 2020). É também frequentemente cenário de histórias de aventura, onde personagens enfrentam desafios na selva.

Se a América foi inventada por um sonho expansionista europeu, a Amazônia poder-se-ia constituir, talvez mais que em qualquer outro lugar no mundo, como a continuidade desse devaneio. Do século XVI ao século XIX, a região foi literalmente invadida pelo olhar exógeno que a todo custo procurou o inusitado e o espaço para a ampliação das suas posses. Na relação com o indígena local, até hoje, manteve-se um confronto desigual de forças que aos poucos vai apagando os últimos traços de sobrevivência autóctone. Isto não acontece de forma programada, mas simplesmente porque uma determinada lógica se impõe, trazendo sempre uma perspectiva de progresso material, acompanhando os “avanços” da ética burguesa. (Carvalho, 2001, p. 48)

Neste sentido, a Amazônia seria como um exemplo emblemático do impacto do expansionismo europeu nas Américas, muito presente nas obras literárias (Carvalho, 2001)⁵. Vale lembrar que a construção da região pela literatura é como o palco de um sonho expansionista que persistiu por séculos, no qual a exploração exógena e o desejo de expansão territorial europeia ditaram o destino da Amazônia. A relação desigual entre os colonizadores e os povos indígenas locais é sublinhada como um confronto contínuo de forças, cujas consequências se desdobram até os dias atuais, resultando na gradual erosão das culturas autóctones. Essa dinâmica não é necessariamente resultado de um plano sistemático, mas sim uma imposição da lógica que prioriza o progresso material, muitas vezes alinhado aos valores da ética burguesa, a busca incessante por “avanços” e a expansão das posses territoriais que

⁵ Em sua tese, Carvalho (2001), nos convida a refletir sobre o legado do expansionismo europeu na Amazônia, destacando os processos narrados da região em termos de preservação ambiental, direitos indígenas e desenvolvimento sustentável na literatura, de Carvajal a Márcio de Souza. Essa tese também nos lembra da importância de compreender a história e a geopolítica da Amazônia para abordar questões contemporâneas críticas relacionadas a essa vasta e vital região, tema abordado no próximo tópico.

frequentemente marginalizaram as culturas locais e a preservação ambiental em prol do desenvolvimento econômico ditadas nas ficções criadas.

Por outro lado, nas obras literárias que abordam a presença e a cultura dos povos originários que habitam a Amazônia, frequentemente somos convidados a mergulhar nas tradições, línguas, crenças e modos de vida das comunidades indígenas. Estas narrativas desempenham um papel ambivalente, por vezes contribuindo para discursos de menosprezo e racismo demonstrando uma submissão dos povos indígenas (Munaro, 2020), enquanto, em outras ocasiões, enaltecem as ricas tradições e os complexos desafios enfrentados por esses povos (Carvalho, 2001). Contudo, é notável que, raramente, os povos indígenas são apresentados como personagens principais; ao contrário, são frequentemente retratados como figuras vinculadas ao colonizador, seja como apêndices à história dos colonizadores brancos ou como elementos mágicos e seres misteriosos que povoam a floresta, em contextos que às vezes remetem à ficção e à fantasia.

Para melhor esclarecer isso, citamos como exemplo a obra *O Selvagem* (Magalhães, 1975), uma obra literária que apresenta a linguagem como uma forma de dominação e entendimento:

Desde que o selvagem possui, com a inteligência da língua, a possibilidade de compreender o que é civilizado, ele a absorve tão necessariamente como uma esponja absorve o líquido que se lhe põe em contato. Esses homens ferozes e temíveis, enquanto não entendem a nossa língua, são de uma docilidade quase infantil desde que compreendam o que lhes falamos. (Magalhães, 1975, p. 27)

O texto literário citado revela um olhar crítico e perspicaz sobre a noção de “integração” que frequentemente permeava as ações dos colonizadores e exploradores em relação aos povos nativos, da vida real para o narrado na literatura. Um outro exemplo seria o emprego do termo “civilizado”, que nesse contexto, nos diz que em vez de representar um avanço cultural, a integração estava muitas vezes associada à destruição do que era valioso para as populações nativas, como seus costumes, lendas e línguas, visto que essas obras alimentam o imaginário de que no norte do Brasil, especificamente na Amazônia, ainda hoje se vive de forma muito tradicional, sem acesso a recursos tecnológicos-capitalistas e que a população é formada somente por povos indígenas (Bueno, 2002).

Vale lembrar da necessidade de examinar criticamente o passado colonial e as ideologias que o moldaram, principalmente nos textos literários que estiveram presente ao longo de anos na formação educacional do povo brasileiro, bem como reconhecer a importância

da preservação das culturas indígenas e do respeito pelos direitos humanos em qualquer processo de interação entre diferentes grupos étnicos.

Outras obras literárias mergulham nos desafios prementes que a Amazônia enfrenta, desvendando a complexa teia de exploração de recursos naturais, desmatamento, conflitos territoriais e impactos ambientais, “percebe-se a valorização do nativo: é ele o elemento moderador, o que limita o conflito” (Bueno, 2002, p. 59). Por meio dessas narrativas, emergem tensões profundas, que colocam em confronto o anseio pelo desenvolvimento econômico e a imprescindível necessidade de preservar o meio ambiente. Nesse contexto literário, muitas histórias também resgatam os acontecimentos relacionados à colonização da região, lançando luz sobre os momentos cruciais da ocupação e os efeitos duradouros que a colonização teve sobre o cenário amazônico (Correia; Munaro, 2021).

1.1.3 Na geopolítica

A Amazônia é a região latino-americana que está no centro de toda discussão acerca das mudanças climáticas, da potencialidade de seus recursos, da ancestralidade e saberes dos povos tradicionais e indígenas e, nos últimos tempos, como espaço de acolhimento e destino de milhares de migrantes ao redor do mundo (Jakob, 2015). É o lugar da vida de muitos povos, de uma rica expressão cultural, de miscigenação e de mobilidade humana. Dentre tantas outras facetas que podem nos ser desconhecidas acerca da região amazônica, os deslocamentos populacionais é uma realidade milenar: eles acontecem de forma voluntária ou forçada ao longo da história num processo cultural vivenciado tradicionalmente pelas populações originárias como um processo de socialização e reprodução dos grupos étnicos (Barth, 1998).

A formação geopolítica da Amazônia é um processo complexo e multifacetado que envolve fatores históricos, políticos, econômicos e ambientais já que a Amazônia é compartilhada por nove países sul-americanos, tais como Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Equador, República Cooperativa da Guiana, Suriname e Guiana Francesa. A delimitação das fronteiras na região, frequentemente, gera questões geopolíticas, disputas territoriais e desafios de governança compartilhada (Rocha; Gonçalves, 2017).

Do Brasil, a visão econômica estabelecida no início do século XX, que se desenrolou por várias décadas subsequentes, sobre a Amazônia trouxe uma ideia expansionista que não

respeitava a biodiversidade e a vidas dos povos da região, mas, criava um imaginário coletivo⁶ da necessidade de uma conexão econômica com o restante do país, estratégia chamada de “integração”, uma nova ideologia desenvolvimentista que se alimenta em suas raízes, tradições e condições tendo em vista o ideal da construção de uma região nacional independente e desenvolvida (Fernandes, 2011).

É neste momento que uma série de mudanças significativas começam a gerar uma revolução no perfil de percepção teórica dentro da tradição do pensamento desenvolvimentista brasileiro. [...], aspectos como a questão social e regional, a ideologia nacionalista e a desestruturação da base política – ambas questões que havia sustentado o projeto nacional-desenvolvimentista da década de 50 – entram na “crista da onda” das polêmicas intelectuais sobre o modelo de desenvolvimento brasileiro agora em crise. Uma crise, portanto, de graves proporções e impacto sobre a formação do discurso sobre desenvolvimento que havia se formado ao longo da primeira metade do século XX, e que, pela primeira vez, depois de décadas, começa a sofrer reveses de grande significação para a configuração do futuro do pensamento desenvolvimentista brasileiro. (Fernandes, 2011, pág. 79).

Essa tensão no pensamento desenvolvimentista brasileiro é descrita como tendo proporções significativas e um impacto profundo na forma como o desenvolvimento foi discutido e concebido, pela primeira vez em décadas, o pensamento desenvolvimentista brasileiro começou a enfrentar desafios sérios que afetariam a direção futura dessa linha de pensamento. No contexto do desenvolvimento econômico e social do Brasil, essa mudança de paradigma e as controvérsias intelectuais que a cercam representam um período de reflexão e reconfiguração na abordagem do desenvolvimento. É um momento de questionamento e busca por novas abordagens e estratégias para enfrentar os desafios em revolução que o país enfrenta em seu caminho em direção ao “desenvolvimento” (Sassen, 2022).

A temática do “desenvolvimento” abordada anteriormente nos leva a outro tema fundamental para a questão geopolítica da região: a exploração e o uso sustentável dos recursos naturais. A Amazônia é uma das áreas mais ricas em biodiversidade do mundo e abriga uma vasta gama de recursos naturais, animais e vegetais cobiçados pela visão capitalista globalista, uma nova desordem mundial (Bauman, 2012). A exploração desenfreada da Amazônia, em particular o desmatamento, tem gerado preocupações ambientais em escala global, como recentemente o caso da garimpagem no norte do Brasil, na Terra Indígena Yanomami, que

⁶ Esse imaginário se perpetua ao longo dos anos, aonde grande parte da população brasileira que vive nas regiões sul e sudeste ainda alimentam e reproduzem uma ideia de que na região não há “desenvolvimento” ou “vida civilizada”, por exemplo.

levou a diversos conflitos sociais decorrentes da invasão das terras gerando “desmatamento, assoreamento e a contaminação por mercúrio, dos rios, animais silvestres e do homem [sic]” (Ramos; Oliveira; Rodrigues, 2020, pág. 2).

Por outro lado, a Amazônia é ainda espaço de grande interesse para a comunidade internacional, devido à sua importância para a manutenção do equilíbrio ambiental global (Nobre; Sampaio; Salazar, 2007). Países e organizações internacionais desempenham um papel de influência na definição das políticas e práticas que afetam a região, principalmente dentro de uma lógica puramente econômica e nada sustentável (Machado, 2009).⁷ A formação geopolítica da Amazônia é, portanto, um processo dinâmico que envolve uma interação complexa de atores, interesses e desafios, e está sujeita a processos contínuos à medida que questões ambientais, políticas e econômicas se desdobram na região.

Por fim, merece nossa atenção os Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais. A Amazônia é habitada por uma grande pluralidade de povos indígenas e comunidades locais, cada um com suas culturas, línguas e modos de vida. A proteção de seus direitos territoriais e culturais é uma questão fundamental na geopolítica da região, principalmente porque a lógica colonizadora os invisibilizou por muitos séculos e continua a representar uma ameaça à sua sobrevivência e bem-estar (Pereira, 2009). Os Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais desempenham um papel fundamental na preservação da biodiversidade, na manutenção dos ecossistemas e na promoção de práticas sustentáveis de uso da terra (Pessoa, 2005).

No entanto, essas comunidades enfrentam inúmeros desafios, incluindo a pressão do desmatamento, da mineração, da exploração de recursos naturais e da expansão de atividades agropecuárias em suas terras. Além disso, enfrentam ameaças à sua cultura e identidade, à medida que são confrontados com influências externas e práticas predatórias que impactam negativamente seus territórios e recursos naturais, como forma de intimidá-los e dominá-los, para em seguida explorá-los economicamente (Pessoa, 2005).

Portanto, a proteção dos direitos territoriais e culturais dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais é relevante não apenas para a justiça social, mas também para a preservação da Amazônia como um ecossistema vital para o equilíbrio ambiental global. O

⁷ Diversas organizações regionais e iniciativas de cooperação têm sido estabelecidas para abordar questões relacionadas à Amazônia, como, por exemplo, a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) e a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), dentre outras.

reconhecimento e respeito por esses povos e comunidades devem ser uma prioridade na busca por uma abordagem sustentável para o presente e o futuro da região amazônica.

1.2 UM LUGAR NA AMAZÔNIA: PACARAIMA.

Dentre tantos espaços, lugares, regiões, fronteiras, diversidades e pluralidades na Amazônia, podemos alcançar com a força dessa leitura ou com a imaginação no norte setentrional brasileiro, uma pequena cidade chamada Pacaraima, localizada no Estado de Roraima e situada na fronteira entre Brasil e Venezuela. Essa, que experimenta em sua pequenez uma importância geográfica e social extremamente relevante nos últimos tempos. Nela, é possível discutir todas as experiências narradas no tópico anterior que vai desde a formação colonizada, as questões de terras indígenas, os problemas geopolíticos, ambientais e, principalmente, o que é objeto principal dessa pesquisa, a migração venezuelana.

Pacaraima, mesmo sendo uma localidade de dimensões modestas, emerge como um microcosmo de questões complexas que permeiam a Amazônia e a região fronteira Brasil e Venezuela. Sua geolocalização estratégica na fronteira reflete o dinamismo da região, que há muito tempo tem sido palco de interações culturais, comerciais e políticas. Compreender Pacaraima é compreender um elo chave na história da Amazônia, desde sua formação colonizada até as tensões contemporâneas relacionadas à migração venezuelana.

Nessa cidade, um mosaico de narrativas se entrelaça, desde a presença de comunidades indígenas, que são guardiãs de tradições, até os desafios socioambientais que a região enfrenta. Porém, é a migração venezuelana que emerge, nos últimos anos, como um ponto central de interesse nesta pesquisa, representando uma dimensão atual e premente da dinâmica social e econômica de Pacaraima.

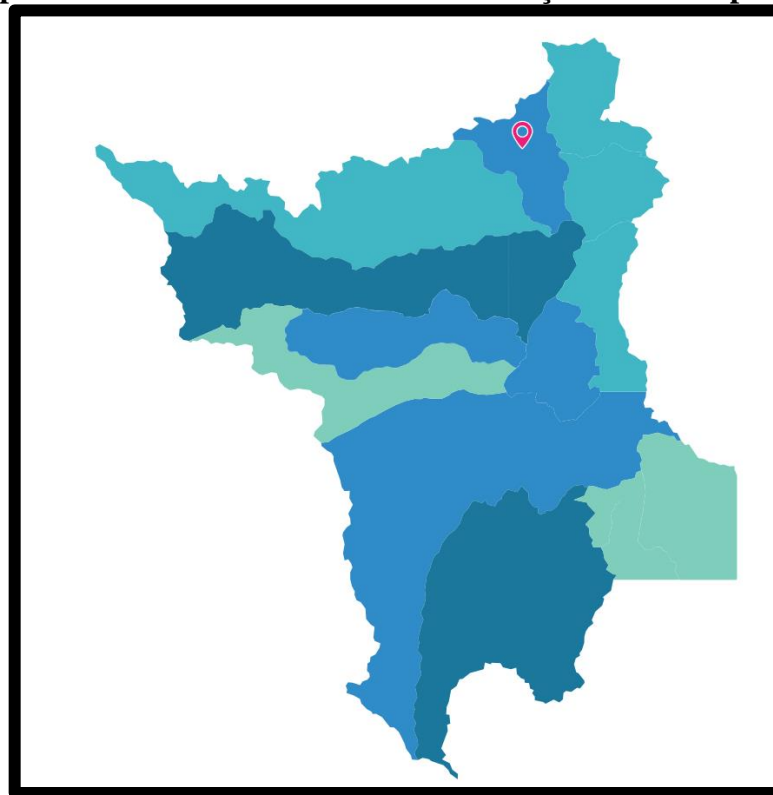
Explorar Pacaraima é, portanto, adentrar em um mundo de complexidade, onde passado e presente se cruzam, e onde os desafios contemporâneos se tornam evidentes. Ao direcionar nossa atenção para essa pequena cidade no extremo norte do Brasil, somos convidados a compreender não apenas suas particularidades, mas também as questões mais amplas que permeiam a região amazônica e a fronteira entre Brasil e Venezuela. É um convite para uma viagem intelectual que nos leva a explorar as múltiplas facetas dessa região única e sua

interação com o panorama mais amplo do desenvolvimento regional e das dinâmicas de migração.

1.2.1 A cidade de Pacaraima (sem fronteiras)

O município de Pacaraima está localizado ao Norte do Brasil, pertencendo ao Estado de Roraima e distante aproximadamente 215 km da capital Boa Vista, com população estimada em 19.305 pessoas⁸, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo um crescimento em quase 100%, se comparado aos dados oficiais do censo de 2010, que levantou 10.433 munícipes (IBGE, 2022). O nome “Pacaraima” é de origem indígena e significa “grande cesto”, no entanto, apesar de popularizado com tal, o termo correto seria “paracaima”, que por sua vez, significando “rios, “matas” e “serras”, sofreu mudanças de adequação fonética para fins de registro oficial já que a palavra está presente no hino do estado de Roraima. (Brito, 2016).

Figura 1: Mapa do estado de Roraima com a localização do município de Pacaraima.



Fonte: IBGE, 2024. Adaptado.

⁸ A projeção estimada do órgão antes da coleta dos dados era de 20.108 pessoas.

Seu espaço territorial é caracterizado pela mescla de relações sociais que produzem e criam espaços e subespaços: comércios, ruas, becos, áreas de lazer, calçadas “que podem ou não estar definidas por fronteiras ‘imaginárias’ e conflitantes de uma região ‘mística-cultural’, que envolve uma eclética área de livre comércio” (Batista; Veras, 2012, p. 104). Outras características são marcantes no município de Pacaraima como um lugar precário e que é provisório, “tem-se a sensação de se estar naquelas vilas típicas dos programas de colonização dos anos 1970, construídas as margens das BR’s como se fossem acampamentos” (Rodrigues, 2012a, p. 44).

Foi fundado em 1996 pela Lei Estadual 96, junto com os municípios de Uiramutã e Normandia, acredita-se que foi uma tentativa de parlamentares roraimenses contra o iniciado processo de demarcação de Terras Indígenas em Roraima (Sartori; Bethônico, 2012), porém, a povoação do município de Pacaraima dá-se diante da instalação de um pelotão militar instalado na região (Rodrigues, 2012a). Foi então que a partir da criação do município de Pacaraima que se instalou órgão públicos municipais, necessitando também de mão de obra para o trabalho principalmente na área de saúde e educação, o que proporcionou a migração de indivíduos ou a permanência temporária na cidade (Sartori; Bethônico, 2012).

Nesse processo da urbanização da área da cidade de Pacaraima, a presença do exército brasileiro refletia a preocupação não só de proteger as fronteiras do país e exercer controle sobre áreas estratégicas, mas de reforçar a presença na região por meio dos militares e suas famílias. Mesmo que o movimento populacional da região tenha acontecido desde muito tempo antes, é com a criação do Município de Pacaraima que gera a mobilidade de outras pessoas, entre os quais estão políticos e candidatos à prefeitura e a resistência dos organismos indígenas que questionam a legalidade da instalação da sede do município em Terra Indígena⁹ (Raposo, 2015).

Assim, o processo de surgimento de Pacaraima está relacionado com o período de militarização do Brasil entre 1964 e 1985, quando o Estado traça um plano estratégico que objetivava a integração da Amazônia à economia nacional. Informamos que o Ministério do Exército Brasileiro autorizou a instalação do Terceiro Pelotão Especial de Fronteira, planejando garantir a segurança nacional da fronteira próxima à Venezuela no ano de 1975 e que a abertura da

⁹ É importante ressaltar que em 1991 foi homologada a Reserva Indígena São Marcos que engloba a área que está situada a sede do município de Pacaraima e virou pauta da resistência do Conselho Indigenista de Roraima (CIR) e da Associação dos Povos Indígenas de Roraima (APIR). Para saber mais, recomendamos a leitura da Dissertação de Mestrado: RAPOSO, Tácio José Natal. A (re) produção do espaço urbano no município de Pacaraima – 1995 – 2013. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Boa Vista, 273 f, 2015.

rodovia BR-174, também na década de 1970, intensificou-se o processo de ocupação da referida área quando, além do crescimento do aglomerado, foram implementados projetos de assentamentos ao longo da referida estrada. (Rocha; Silva, 2012).

Deste modo, a cidade está inserida em um processo de urbanização associado a empreendimentos de grande escala, com a instalação de projetos econômicos e de infraestrutura que dependem de uma instalação de pessoal técnico, trabalhadores permanentes e temporários em diversos serviços. Esses projetos influenciam na configuração urbana da cidade à medida que vão chegando e impondo demandas específicas de infraestrutura e habitantes alterando o cenário local (Raposo, 2015).

Ao longo dos anos, foram se estabelecendo interesses comerciais nas regiões de fronteira entre Brasil e Venezuela, destaca-se que desde os anos 1940 havia um movimento comercial entre Boa Vista, no Brasil, e Santa Elena de Uairén, na Venezuela, principalmente no transporte de carnes para a Venezuela (Rodrigues, 2012a). Nota-se que esta relação comercial é anterior a criação do município de Pacaraima e até mesmo a fundação da Vila BV-08, conhecida atualmente como a cidade de Pacaraima. Do lado venezuelano, por volta da década de 1969, é criada a moderna cidade de Puerto Ordaz e a Hidrelétrica de Guri, no Rio Caroní, além da criação do Parque Canaima, no município Gran Sabana, estado Bolívar, que valorizou a região para a prática de ecoturismo nacional e internacional, sendo próximo a Roraima. Ambas cidades são caracterizadas como cidades fronteiriças ou gêmeas (Rocha; Silva, 2012). É preciso levar em conta que cidades gêmeas são elementos importantes na conexão e no controle entre países fronteiriços, mesmo que suas características sejam as mais diversas, dependendo das particularidades dos países, da localização geográfica e de outros condicionamentos que a definem (Campos, 2017).

Ambas as cidades, Pacaraima e Santa Elena, há muito tempo demonstram boa relação e se declaram parceiras, nações amigas e demonstram a vontade de ampliar a interação entre si, principalmente no que diz respeito a seus respectivos estados nacionais: Roraima, no Brasil e, Bolívar, na Venezuela. Suas áreas de maior interesse são: agricultura, educação, segurança pública, turismo, cultura e saúde, porém, o esforço existente para uma melhor interação de ambas encontra as barreiras legais da burocracia, pois, há decisões que não podem ser tomadas no nível municipal ou estadual, e somente podem ser decididas em nível nacional, nas relações dos governos nacionais em seus acordos bilaterais (Faria; Diniz; Filho, 2012).

A cidade de Santa Elena de Uairén é uma das principais bases da atividade de mineração e garimpagem, realizada por brasileiros que migraram para a Venezuela na década de 70 com o declínio do garimpo na região do Amajari, em Roraima. Muitos brasileiros se estabeleceram nesta e em outras cidades da Venezuela como Maturín e Ciudad Bolívar, Estados Monagas e Bolívar, respectivamente. Logo em seguida ainda pelo declínio da atividade de garimpo e possivelmente com a demarcação da Terra Indígena Yanomami, que ocasionou a destruição de pistas de pouso, máquinas e equipamentos de garimpeiros, muitos cruzaram a fronteira para continuar seu trabalho na região da Gran Sabana. Ainda no fim da década de 90, muitos migraram para a região de fronteira com a criação do município de Pacaraima e a possibilidade de criação da Zona de Livre Comércio (Rodrigues, 2012b).

1.2.2 “Fronteira do Amor”

Um dos símbolos municipais que mais nos chama a atenção é o Hino do Município de Pacaraima¹⁰. Um pequeno poema formado por 17 versos que nos desperta a atenção quando diz “Felicidade mora aqui nesta Serra / Somos da fronteira do amor / O cesto cheio de carinho é Pacaraima” (Zeca Preto, 2005), ressaltando um sentimento existente e simbolizando a história do povo que nela habita. Esses versos tentam passar a ideia de um espírito acolhedor e comunitário de Pacaraima, destacando a felicidade que se encontra na região e a importância da fronteira como um local de união e afeto, onde as relações interpessoais se traduzem em cuidado e carinho, reforçando os laços entre os habitantes da cidade.

Os versos realçam a simbologia da “serra”, fundamental para a identidade local e popularmente mencionando a cidade como Serra de Pacaraima, ponto forte para a felicidade experimentada localmente. Reforçando ainda mais sua localização, encontramos a menção como “fronteira do amor”, que não só ressalta a localização geográfica, mas enaltece um sentimento vivido localmente em razão da época em que foi escrito. Este hino, que é muito afetuoso em todos os versos, traz uma contradição semântica ou uma ambiguidade no terceiro verso citado, há quem diga que Pacaraima significa cesto, e outros, que significa “rios, matas e serras” (Brito, 2016).

¹⁰ Dos símbolos municipais utilizaremos somente o Hino, que nos chama a atenção pelos versos que buscam exprimir o clímax da região antes do movimento migratório venezuelano.

Essa ambiguidade acrescenta uma camada de profundidade à interpretação do hino, permitindo que os habitantes vejam múltiplos significados em sua cidade e realcem a riqueza da cultura local. Essa dualidade no significado da palavra Pacaraima pode ser vista como uma metáfora da própria cidade, que abraça tanto a natureza exuberante e as serras quanto a ideia de acolhimento e comunidade representada pelo “cesto cheio de carinho,” tornando-a um lugar verdadeiramente especial e multifacetado.

No entanto, há que se ressaltar, que os hinos, por meio de uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas tem por finalidade criar uma comunidade coesa, perfeita e simultânea aos olhos de todos (Anderson, 1991). Faz parte do processo de construção de uma nação, estado ou mesmo município a ideia de uma lealdade e pertencimento a um determinado lugar que possa unir diferentes classes e grupos étnicos com base em elementos simbólicos e imaginados.

Como diz Anderson (1991, p 204)

Tomemos o exemplo dos hinos nacionais, cantados nos feriados nacionais. Por mais banal que seja a letra e medíocre a melodia, há nesse canto uma experiência de simultaneidade. Precisamente nesses momentos, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmos versos seguindo a mesma música.

A proximidade de Pacaraima com a Venezuela e a natureza, supostamente, acolhedora que o hino expressa tornam a cidade um local de refúgio e esperança para os venezuelanos que buscam melhores condições de vida e oportunidades em meio aos problemas que estão enfrentando em seu país. É, portanto, neste contexto fronteiriço que se concentra o movimento migratório para o Brasil da população venezuelana nos últimos anos, que “está passando por uma forte crise econômica e política que tem sido reconhecida pela comunidade internacional como uma crise humanitária” (Milesi; Coury; Rovey, 2018, p. 61).

1.3 PACARAIMA: PARA ALÉM DA FRONTEIRA.

Não diferente de outras cidades, Pacaraima é constituída de espaços de vida e dinâmica social enriquecidas desde sempre pela dinamicidade fronteiriça entre a cidade brasileira e Santa Elena de Uairén, na Venezuela. Essa proximidade geográfica e interconexão cultural tem moldado a identidade de Pacaraima e contribuído para uma atmosfera de intercâmbio cultural, influências recíprocas e um senso de comunidade que transcende fronteiras políticas,

promovendo relações comerciais, sociais e culturais entre os habitantes de ambos os lados da fronteira.

A vida em Pacaraima é permeada por essa simbiose cultural, onde a língua, a culinária, as tradições e até mesmo as práticas comerciais se entrelaçam em um mosaico rico e diversificado de interações. Esse ambiente fronteiriço é um reflexo da resiliência e da adaptabilidade das pessoas que vivem ali, e exemplifica como as barreiras políticas podem ser superadas pela conexão humana e pela busca de uma coexistência pacífica e produtiva. Em Pacaraima, as fronteiras, até então, eram mais pontes do que barreiras, criando um local singular, como visto ao longo dos anos que precederam a chegada massiva de venezuelanos cruzando a fronteira.

1.3.1 Cultura, turismo e comércio: breve apontamento

A relação de interdependência entre as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén floresceu antes mesmo do movimento migratório, com um movimento contínuo de pessoas, bens e culturas. Essa conexão fortaleceu os laços humanos e econômicos permitindo que as pessoas compartilhassem recursos, expertise e experiências de vida. Portanto, Pacaraima continua a ser uma encruzilhada cultural e humana, onde a coexistência de brasileiros e venezuelanos demonstra a capacidade de adaptação em face de adversidades vistos por meio de festivais, eventos, encontros, cursos de língua portuguesa e tantos outros realizados, principalmente, no passado recente (Alencar, 2019).

Das memórias de interação cultural entre as cidades fronteiriças destaca-se os eventos e festivais culturais que enriqueciam as relações entre ambos os moradores. Era o momento de compartilhar e vivenciar as diferentes experiências, culturas, culinária, música, dança, saberes, dentre outros, e, ainda, de perceber que as fronteiras políticas, físicas, burocráticas que separam as duas cidades faziam parte de um imaginário jurídico que era fragilizado pela força cultural estabelecida. Se, por um lado, as fronteiras legais eram fechadas em determinados horários, por outro, em razão de eventos culturais mútuos, elas permaneciam abertas para a circulação das pessoas, fomentando o turismo, o comércio e a cultura (Alencar, 2019¹¹).

¹¹ Em sua dissertação de mestrado, Alencar (2019), faz um apanhado de eventos culturais que aconteceram até meados de 2013 na cidade de Pacaraima e fortalecia o vínculo social, econômico e cultural da cidade. Estes

A realização de eventos culturais não só fortalecia e dava sentido social a cidade como também fomentava o setor de turismo e comércio local, esta última, uma das principais atividades econômicas de Pacaraima. O carnaval fora de época ou o festival YAMIX, são exemplos disso. A cidade lotava de turistas e movimentava o comércio local ou, da mesma forma, a cidade de Santa Elena de Uairén se beneficiava com a movimentação de brasileiros que aproveitavam a “diferença de câmbio entre o Real brasileiro e o Bolívar venezuelano, o que barateava bastante os produtos do lado venezuelano” (Fernandes; Senhoras, 2012, p. 77). Esse fenômeno impulsionava o comércio de fronteira, no qual os consumidores atravessavam-na em busca de preços mais acessíveis em produtos diversos, desde eletrônicos até itens de uso diário.

Essa interação econômica entre as duas cidades não só fortalecia os laços entre suas comunidades, mas também desempenhava um papel importante na subsistência de muitos habitantes locais que dependiam do comércio transfronteiriço para suas fontes de renda. Essa dinâmica econômica ilustra a profundidade das relações entre Pacaraima e Santa Elena de Uairén, tornando-as verdadeiramente interdependentes e ressaltando como os eventos culturais e o comércio eram partes essenciais da vida cotidiana nessas cidades fronteiriças.

No entanto, a partir do agravamento da conjuntura econômica, política e social na Venezuela as transformações ocorridas na região provocaram, por um lado, a resiliência da população para ajudar os venezuelanos em busca de abrigo e oportunidades e, por outro, reações truculentas e violentas, sejam institucionais, individuais ou coletivas. A solidariedade, até então característica marcante desse local, onde as fronteiras políticas não conseguem deter as ações, foi suplantada pelo medo e tornou-se, em vários momentos, em espaço de violência, xenofobia, racismo, nacionalismo e barreira cultural.

1.3.2 O início da migração venezuelana

Uma combinação de fatores levou muitas pessoas venezuelanas a deixarem o país em busca de melhores condições de vida. Eles migraram, principalmente, para países vizinhos na América do Sul, como Colômbia, Brasil, Peru, Equador e Chile, bem como para outros países na região ou em outros continentes. A migração venezuelana é um dos maiores movimentos de

perderam sua força por diversas razões e processos históricos e sua ausência fragiliza as relações de hoje entre o povo brasileiro e venezuelano na região da fronteira.

deslocamento na América Latina e tem impactado significativamente as nações vizinhas que recebem esses migrantes. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), estima-se que entre 2017 e 2022 cerca de 700 mil pessoas vindas da Venezuela atravessaram a fronteira, mostrando que “o município de Pacaraima passou a conviver com a intensa movimentação de ingresso no Brasil e o estado de Roraima teve que se organizar para conseguir acolher essas pessoas” (ACNUR, 2022, p. 10). A migração em massa começou a ganhar destaque nos últimos anos devido a uma combinação de fatores que levaram a uma crise econômica, instabilidade política, violências, insegurança, escassez de serviços públicos, perseguição política e condições humanitárias precárias (Milesi; Coury; Rovey, 2018).

É importante refazer um breve apanhado histórico sobre a situação econômica e política na Venezuela, que ganha bastante notoriedade no século XX, por conta das descobertas petrolíferas e do seu potencial para este recurso. As Guerras Mundiais que aconteceram no continente europeu tonificaram o uso do petróleo nos transportes terrestres e aéreos utilizados na guerra. Foi aí que a Venezuela abriu suas portas para as empresas petroleiras britânicas e estadunidenses, tornando-se um importante fornecedor dos países industrializados do norte global. Nesse processo, “a consolidación de la actividad petrolera favoreció el establecimiento de diversas empresas estadounidenses que se presentan en su condición de grupos monopólicos que acaban controlando la vida económica del país” (Fernandez, 2019, p. 181). Esse controle econômico por empresas estrangeiras teve um grande impacto na política e economia da Venezuela, criando desigualdades e tensões internas. A dependência excessiva do petróleo como principal recurso econômico também tornou o país vulnerável a flutuações no mercado internacional de petróleo. Esses fatores, ao longo do tempo, contribuíram para os desafios econômicos e políticos que a Venezuela enfrenta atualmente (Jarochinski; Peres, 2020).

Vale lembrar, nos anos 1970, os venezuelanos tinham o maior poder de compra entre os países da América Latina e, quase três vezes maior que o dos brasileiros (Pardo, 2019). Até a década de 1980 “a taxa de desemprego na Venezuela era de 10%, o crescimento médio era de 4,3% por ano e a inflação era a menor dentre os países da América Latina” (Jardim, 2013). Esse cenário durou até a década de 1990 e, mesmo na era Chavez (1999-2013) a proporção de pessoas em situação de pobreza extrema foi reduzida em 50%; a população total do país em situação de subnutrição foi inferior à 5%; a pobreza caiu mais de 20%, e o país passou a registrar a menor desigualdade entre ricos e pobres entre nações latino-americanas, com 0,41 no índice

de Gini¹² (Jardim, 2013; Naves; Cícero, 2016, p. 4-5). A morte do Chavez, em 2013, a queda do preço do barril do petróleo no mercado mundial provocando recessão somaram-se ao embargo econômico por parte dos Estados Unidos da América e agravando as condições sociais e econômicas da população venezuelana (Fernandez, 2019).

A conjuntura social e política de recessão na Venezuela agravou as condições de vida em que 96,2% da população vivia na pobreza e 79,3% estavam em situação extrema pobreza ou abaixo da linha de pobreza, conforme os dados da Pesquisa Nacional de Condições de Vida (ENCOVI) 2019-2020, realizada pelo Instituto de Investigações Econômicas e Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Andrés Bell (IIES-UCAB). Segundo o Banco Mundial, situação de extrema pobreza significa viver com menos de US\$ 1,90 por dia. Esse contexto proporcionou a maior diáspora da América Latina e Caribe. No mundo, são mais de 7 milhões de Refugiados e Migrantes Venezuelanos, sendo o Brasil, o 3º país receptor (R4V, 2023¹³, online), são 617.093 migrantes (Polícia Federal, 2024¹⁴).

1.3.3 A criação da Operação Acolhida

A intensidade da migração venezuelana e trânsito de migrantes na cidade de Pacaraima-RR despertou o olhar de inúmeras organizações internacionais, nacionais, poder público e da sociedade civil em geral, que sentiu o impacto da mobilidade humana. Dessa forma, o governo brasileiro publicou, em outubro de 2018, a Recomendação N° 5, de 17 de outubro de 2018, que dispõe sobre o direito de venezuelanos e venezuelanas em mobilidade para o Brasil e afirma que “objetivamente a existência de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela” (Brasil, 2018, p. 76). Essa recomendação, emitida pelo governo brasileiro, foi uma resposta à situação de crise humanitária na Venezuela, reconhecendo as violações de direitos humanos que estavam ocorrendo no país vizinho. Ela estabeleceu diretrizes para a recepção e acolhimento de venezuelanos que buscavam refúgio no Brasil, destacando a importância de garantir assistência humanitária e proteção aos migrantes em uma situação tão delicada.

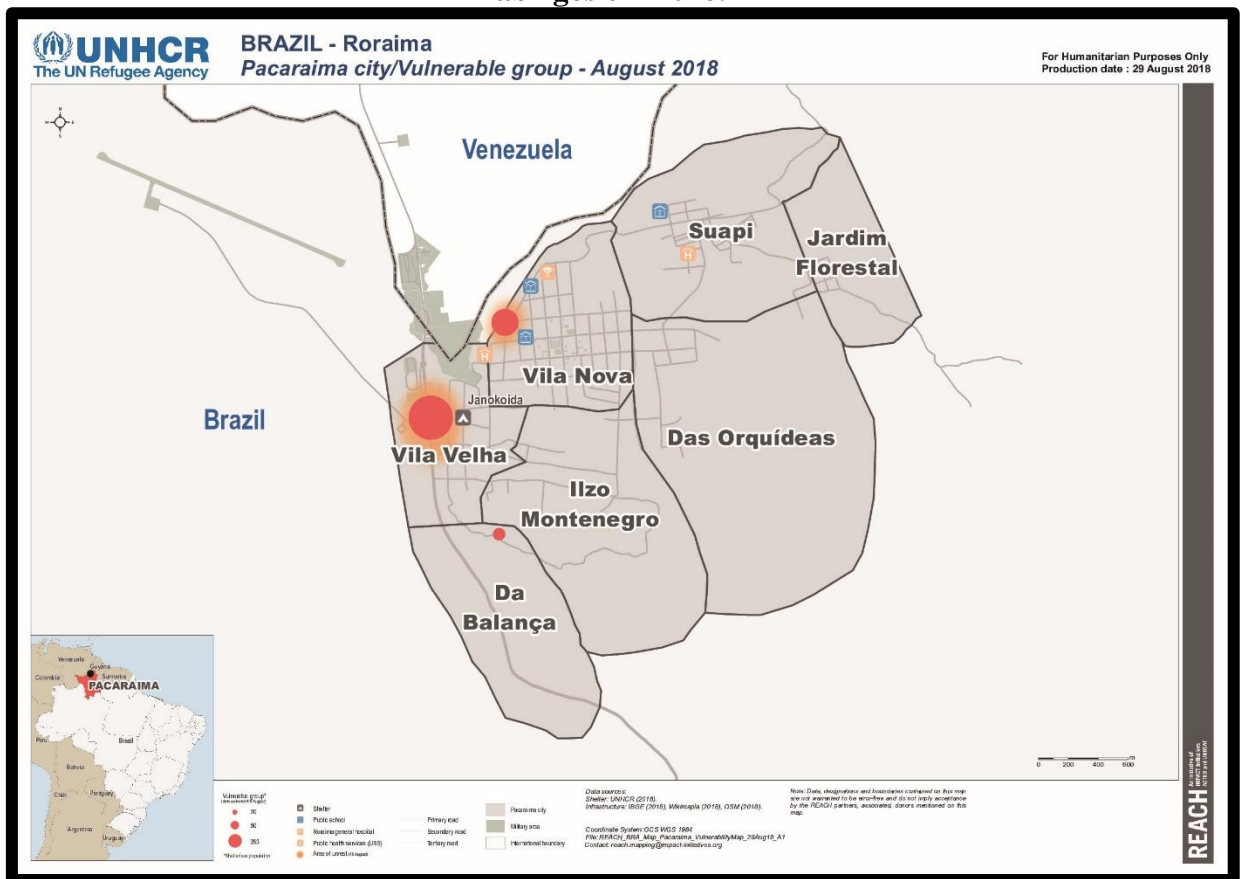
¹² Índice de GINI mede o grau de desigualdade na distribuição da renda domiciliar per capita entre os indivíduos de um país, quanto mais próximo de zero menor a desigualdade.

¹³ Última atualização em 23/02/2024.

¹⁴ Última atualização em 23/02/2024.

Com essa situação, foi estabelecida a Força Tarefa Logística Humanitária – Operação Acolhida¹⁵ (FTLogHum-OpA) por meio da Medida Provisória nº 820/2018, posteriormente convertida em Lei nº 13.684/2018 pelo Congresso Nacional. Essa medida trata das ações de assistência emergencial para o acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório gerado por crise humanitária, e institui o Comitê Federal de Assistência Emergencial, conforme regulamentado pelo Decreto nº 9.970 de 2019, revogado pelo Decreto nº 10.917/2021.

Figura 2: Mapa da organização do perímetro urbano de Pacaraima e distribuição de abrigos em 2018.



Fonte: R4V, 2018.

Em meio a esses fatos vai se consolidando uma “nova cidade” de Pacaraima, que se mistura entre rotina social já estabelecida e os novos sentimentos que afloram diante da chegada de inúmeros venezuelanos na fronteira. É a sociedade civil a primeira protagonista na gestão da

¹⁵ No restante do texto, vamos nos referir sempre a Nesse cenário, foi criada a Força Tarefa Logística Humanitária – Operação Acolhida, somente como Operação Acolhida,

acolhida dos caminhantes venezuelanos. Com a chegada massiva de migrantes, a comunidade local de Pacaraima se une para oferecer apoio humanitário, como abrigo temporário, comida e roupas, evidenciando a solidariedade e compaixão que, muitas vezes, surgem em tempos instáveis. Essa interação entre a comunidade local e os migrantes venezuelanos foi importante para moldar uma nova dinâmica social na cidade, em que diferentes culturas se entrelaçaram e novas conexões foram formadas.

No entanto, essa harmonia inicial e o espírito de cooperação entre a comunidade local e os migrantes venezuelanos nem sempre perduraram. A chegada em grande número de migrantes, bem como os desafios econômicos e sociais que surgiram, eventualmente testaram a capacidade da classe política de Pacaraima de lidar com essa crise humanitária. As tensões surgiram em vários momentos, destacando a complexidade de gerenciar uma situação tão desafiadora, a curto prazo. Discursos com teor xenofóbico passaram a ser corriqueiros indicando que a presença dos migrantes venezuelanos estaria tirando vagas de emprego de brasileiros ou ainda que os mesmos eram “meliantes” (Estarque, 2016). Esse sentimento de hostilidade contra os migrantes é ainda mais extremo por parte daqueles grupos estabelecidos, como dizem Elias e Scotson (2000) e que veem a possibilidade de perder seu status. Essa condição de migrante lembra aos estabelecidos, frequentemente, “da sua própria condição de vulnerabilidade e fragilidade do bem-estar arduamente conquistado”, portanto, que sua “estabilidade é provisória e o pertencimento é sempre precário” (Bauman, 2017; Brum, 2018).

Com o passar do tempo a migração venezuelana passou a ser vista pela ótica da violência e conflitos, como se a narrativa da época quisesse anular “a existência daquele que incomoda, no ‘é fácil, eu nem vejo mais’, ou na refutação da sua qualidade humana” (Jodelet, 2015, p. 92).

No período de 2017 a 2022, vários protestos, audiências públicas e manifestações violentas aconteceram na cidade de Pacaraima-RR por parte da população local contra os venezuelanos, migrantes “indesejáveis”. O Governo de Roraima aciona o Supremo Tribunal Federal (STF), por meio de uma Ação Civil Originária 3121 (Governo de Roraima, 2018) com a intenção de denunciar a ausência do Governo Federal para apoiar o estado na gestão do intenso movimento migratório que afetava principalmente os hospitais públicos com as notificações de circulação do vírus do sarampo que eles atribuíam à migração venezuelana.

É evidente que a questão da mobilidade humana não recebe a devida atenção nas políticas públicas e ações governamentais. Isso é notado devido à escassa presença do Governo

Federal, à época, que se manifestava na falta de recursos financeiros alocados para as regiões de fronteira, com exceção dos gastos relacionados às forças militares. Além disso, há uma carência significativa na implementação efetiva de programas governamentais destinados à população dessas áreas e a existência de dicotomias nos programas voltados para o desenvolvimento econômico. A presença expressiva de organizações criminosas e a falta de disponibilidade de dados e informações estatísticas e administrativas refletem a complexidade das dificuldades estruturais que devem ser consideradas ao abordar questões relacionadas à dignidade humana e à promoção de direitos nas regiões de fronteira (Milesi; Coury; Roverly, 2018).

No entanto, é notável que os instrumentos, citados acima, se demonstrava mais como um jogo político-ideológico do que um real interesse em administrar publicamente a chegada dos migrantes na cidade de Pacaraima. A complexidade da situação e a polarização política contribuíram para uma abordagem muitas vezes mais reativa do que proativa em relação à crise humanitária que se desenrolava na fronteira.

Os efeitos negativos dessa estratégia política são inúmeros. De modo geral, ela confere força a discursos populistas, que propõem falsas soluções às demandas da população e se esquivam de lidar com as causas reais dos problemas, além de isentar os gestores públicos de suas responsabilidades. Para os imigrantes, essa estratégia é ainda mais nociva, pois, além de não terem suas demandas reconhecidas, passam a ser responsabilizados por todas as falhas da administração pública, em áreas como saúde, segurança, educação, emprego e outros. Comunidades inteiras de não-nacionais passam a ser estigmatizadas e o simples pertencimento a um grupo (“venezuelanos”, no caso em tela) se torna condição suficiente para uma culpabilização quase que automática. (Milesi; Coury; Roverly, 2018, p. 38).

Isso gera um ciclo de estigmatização e hostilidade que prejudica tanto os migrantes quanto a comunidade local, minando a coesão social e dificultando a construção de soluções conjuntas para os desafios enfrentados. Esse tipo de estigmatização não reconhece a diversidade dentro do grupo de migrantes e ignora as histórias individuais e as razões pelas quais eles deixaram seus países de origem. Isso gera preconceitos e hostilidade infundados em relação a pessoas que estão frequentemente fugindo de situações difíceis e em busca de uma vida melhor. O combate ao populismo e à responsabilização injusta dos migrantes exige uma abordagem mais informada, que leve em consideração as complexas causas subjacentes dos problemas e promova soluções baseadas em evidências. Isso envolve a cooperação entre governos, organizações internacionais e sociedade civil para abordar as causas reais dos problemas e

garantir o tratamento justo e digno de todos, independentemente de sua origem (Milesi; Coury; Rovey, 2018).

No contexto da intensa migração venezuelana e trânsito de migrantes na cidade de Pacaraima-RR, houve o despertar de inúmeras organizações internacionais, nacionais, poder público e da sociedade civil em geral, que sentiram o impacto da mobilidade humana. Somente em 2018, após enviar uma equipe do Ministério dos Direitos Humanos, à época, o governo brasileiro publica a Recomendação Nº 5, de 17 de outubro de 2018, que dispõe sobre o direito de venezuelanos e venezuelanas em mobilidade para o Brasil e afirma que “objetivamente a existência de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela” (Brasil, 2018, p. 76).

Nesse cenário, foi criada a Operação Acolhida, com a gestão compartilhada do Governo Federal, das Agências da Organização das Nações Unidas (ONU) e organizações da sociedade civil, não governamentais, nacionais e internacionais. Essa iniciativa conjunta tinha como objetivo lidar com os desafios humanitários apresentados pela migração em massa de venezuelanos, buscando garantir a proteção e assistência adequada aos migrantes em uma situação tão delicada. Essa articulação dá-se em ações de ordenamento da fronteira e documentação, acolhimento e assistência humanitária e integração e interiorização dos migrantes e refugiados (Mattos, 2019). Essa iniciativa visa garantir que os migrantes recebam proteção e assistência adequada em um momento tão delicado. É um exemplo de como a comunidade internacional, juntamente com o governo local, pode trabalhar em conjunto para enfrentar crises humanitárias e oferecer suporte a pessoas que estão em situações vulneráveis.

Tabela 1 – Tripé de organização das ações da Operação Acolhida.

Tripé da Operação Acolhida	
Sobre o Ordenamento de Fronteira e o Processo de Documentação	Este pilar concentra-se em ações e serviços de acesso à proteção internacional e documentação, vigilância sanitária e imunização. A partir dessa ótica, foram criadas estruturas capazes de organizar os serviços de atendimento, recepção e acolhimento dos refugiados e migrantes venezuelanos na entrada no país, o PRI (Posto de Recepção e Identificação) e o PTrig (Posto de Triagem).

Abrigamento e a Assistência Humanitária

Este pilar foi pensado a partir da condição de vulnerabilidade de parcelas da população venezuelana presente no Brasil, as quais se encontravam em situação de rua, ou residindo em espaços de organização espontânea. Mesmo hoje, esse é um dos pilares mais relevantes, fazendo com que, no início de 2022, existissem, só no Estado de Roraima, aproximadamente 10 mil vagas de abrigamento.

Integração e Interiorização

Este pilar tem o objetivo de realocar voluntariamente a população venezuelana que deseja estabelecer-se em outras cidades brasileiras, aliviando, dessa forma, sua concentração no Estado de Roraima, e facilitando a integração socioeconômica em lugares com maiores oportunidades. O suporte do Governo é oferecido à população venezuelana em Roraima com prioridade para as pessoas acolhidas nos abrigos, para custear a realocação para outras cidades do país de forma organizada, com a recepção assegurada no destino e, dependendo da modalidade utilizada¹⁶, com acompanhamento do processo de integração das populações relocadas.

Fonte: ACNUR (2022). Adaptado.

O modelo de gestão da Operação Acolhida é baseado no conceito de Coordenação Interagencial que enfatiza a necessidade de uma abordagem colaborativa e integrada envolvendo diversos atores, tanto do governo quanto da sociedade civil e agências internacionais. Na prática, a Coordenação Interagencial significa que diferentes entidades e organizações trabalham em conjunto para fornecer uma resposta coordenada e abrangente à crise humanitária enfrentada pelos migrantes venezuelanos. Isso inclui a harmonização de esforços, a troca de informações, a definição de estratégias conjuntas e a divisão de

¹⁶ As modalidades de Interiorização são: 1. Institucional: saída de abrigos em Roraima para abrigos em uma das cidades de destino (Governamental ou sociedade civil parceira); 2. Reunificação Familiar: migrantes que desejam reunir-se com seus familiares que residem regularmente em outras regiões do país, estejam dispostos e tenham condições de oferecer apoio e moradia; 3. Reunião Social: migrantes que desejam reunir-se com indivíduos com quem possuam vínculo de amizade, ou afetividade, ou familiares cujo vínculo não possa ser comprovado por meio de documentação. Os receptores devem ter condições de garantir o sustento e a moradia dos acolhidos; 4. Vaga de Emprego Sinalizada (VES): deslocamento de migrantes e refugiados que receberam sinalização de oportunidade de trabalho por empresas brasileiras de todas as regiões do país. Fonte: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida#governanca>. Acesso em: 17 fev. 2024.

responsabilidades para garantir que as necessidades dos migrantes sejam atendidas de maneira eficaz e eficiente (ACNUR, 2022).

Sob esse modelo, o governo brasileiro desempenha um papel central na coordenação geral da operação, enquanto as agências da ONU, organizações da sociedade civil e outros parceiros desempenham funções específicas de acordo com suas áreas de expertise e recursos disponíveis. Dessa forma, permite uma resposta humanitária mais ágil e eficaz, maximizando o impacto das intervenções e garantindo que os recursos sejam alocados de forma estratégica para atender às necessidades mais prementes dos migrantes e das comunidades de acolhimento.

Mesmo com os esforços engrenados para conduzir a situação, a Operação Acolhida e os trabalhadores humanitários não ficaram de fora dos protestos e violência mencionadas anteriormente. Podemos inferir que, essa violência generalizada contra os migrantes em Pacaraima é parte do contexto de crise de reprodução do capital que levou à expulsão em massa das pessoas de seus países de origem (Sassen, 2016) gerando temores em uma população que se sente, supostamente, ameaçada de perder os seus empregos, de ver sua cultura, costumes e crenças destruídas e, principalmente amedrontados pela incapacidade do Estado de bem-estar social de atender as suas demandas e as demandas de novos cidadãos (Bauman, 2017).

O enfrentamento a migração venezuelana em Pacaraima não apenas desafiou a infraestrutura e os recursos da cidade, mas também testou a capacidade de coexistência e solidariedade entre as comunidades locais e os migrantes. No entanto, ao longo desse processo, observamos que as tensões e os desafios não se limitaram apenas à prestação de assistência humanitária. Esses eventos de violência mostram a importância de um diálogo constante entre as partes envolvidas, o respeito pelas normas humanitárias e o reconhecimento do papel vital desempenhado pelos esforços humanitários na mitigação do sofrimento humano. A migração é um desafio global e a situação de Pacaraima destaca a complexidade de gerenciar uma crise humanitária e a necessidade contínua de esforços para promover a compreensão e a cooperação entre as comunidades afetadas e as partes envolvidas.

CAPÍTULO 02: O LUGAR DE REPRESENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

*Pacaraima é mais pertinho do céu / Com as estrelas norteando o
nosso brio / É bom viver nesta terra. [Hino de Pacaraima].*

2.1 O ENCONTRO COM O OUTRO: DO “BÁRBARO” À ALTERIDADE.

Para a ciência o gênero humano não é uma criação, mas sim, parte da evolução. Isso nos permite entender que, por um lado, todo o processo de existir e conviver com o outro é fruto de relações que são estabelecidas socialmente. Por outro lado, há quem defenda a ideia de criação, que está intrinsecamente ligada ao conceito de igualdade fruto da influência da dominação do cristianismo que justifica a existência sob a ótica de uma alma com origem divina e igual diante de Deus. O encontro com o outro, um fenômeno complexo e multifacetado, transcende as fronteiras do simples contato entre indivíduos e estende-se a uma intrincada rede de significados sociais, culturais e históricos. Ao explorar essa interação, deparamo-nos com a dicotomia entre a perspectiva científica, que enxerga o gênero humano como um produto da evolução, e as visões que remontam à ideia de criação, profundamente enraizada em concepções religiosas (Harari, 2015).

O encontro com o outro, então, transcende a mera dicotomia entre “bárbaro” e “civilizado”, abraçando a riqueza da alteridade e desafiando-nos a explorar as nuances da convivência humana para além das fronteiras que tentam separar o conhecido do desconhecido. Essa interação complexa, que transcende fronteiras geográficas e culturais, molda não apenas as dinâmicas internacionais, mas também a experiência cotidiana do ser humano na terra. As relações sociais não se limitam mais às trocas comerciais, agora, abrangem interações digitais, diálogos culturais e colaborações científicas.

Nesse contexto intercultural e interativo, vale observar como as ideias dos contratualistas Hobbes e Rousseau, desenvolvidas entre os séculos XVII e XVIII, lançam luz sobre as complexidades contemporâneas. Hobbes, em sua obra “O Leviatã”, argumentou que os seres humanos, no estado de natureza, viviam em um estado de guerra de todos contra todos, onde a vida era “solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta”. Para escapar desse estado caótico, as pessoas concordavam em um contrato social, cedendo parte de sua liberdade e poder a um soberano absoluto, o “Leviatã,” em troca de segurança e ordem. No entanto, à medida que as interações sociais se expandem além das fronteiras físicas, as noções de contrato social

também evoluem, incorporando novas dimensões digitais, culturais e científicas, desafiando-nos a repensar as bases da convivência em uma sociedade cada vez mais globalizada e interconectada (Ribeiro, 2011).

Dessa forma, Rousseau, em “O Contrato Social”, apresentou uma visão mais otimista da natureza humana, argumentando que no estado de natureza, os seres humanos eram livres e bons, mas que a propriedade privada e a desigualdade social corrompiam essa bondade. Ele propôs a formação de uma comunidade política baseada na “vontade geral” em que os cidadãos participariam diretamente na tomada de decisões e no governo, garantindo que o poder político fosse exercido de acordo com o interesse coletivo (Nascimento, 2011).

Ao expandir essas perspectivas para o cenário contemporâneo, percebemos que as ideias de Hobbes e Rousseau continuam relevantes na compreensão das transformações sociais. A interconexão global e as inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que oferecem novas formas de interação, também levantam questões sobre a preservação da liberdade individual e a busca pelo bem comum. Assim, ao refletirmos sobre as bases do contrato social, somos desafiados a adaptar essas teorias clássicas para enfrentar os desafios e oportunidades da sociedade moderna, buscando um equilíbrio entre a segurança coletiva e a preservação dos valores fundamentais da humanidade.

2.1.1 O Outro nas relações sociais

Compreender a espécie humana requer uma gama de variáveis complexas, dada a sua unidade e diversidade. Ainda mais desafiador é compreender as relações sociais que são estabelecidas desde sempre na vida social do gênero humano. Essas relações se formam a partir do momento em que o ser humano constitui sua identidade por meio do contato com o mundo, transformando e produzindo diferenças culturais. Traços próprios, pensamentos, ser e agir são desenvolvidos ao longo das ações cotidianas, no meio da realidade em que estão inseridos (Martinazzo, 2010). À medida que os seres humanos moldam suas identidades, o tecido das relações sociais se entrelaça em uma intrincada rede de interações.

É relevante ressaltar que o fenômeno das relações sociais não ocorre de maneira isolada, mas sim em um cenário dinâmico, em que o indivíduo é, simultaneamente, agente e produto do meio em que está inserido. Nesse contexto, a troca de experiências e ideias desempenha um papel fundamental na formação das percepções individuais e na construção coletiva da

realidade¹⁷. Essa construção da coletividade, do qual chamamos ‘cultura’, apresenta “diferenças regionais de comportamento patente e institucionalizado que não refletem diferenças na orientação cultural” (Barth, 1998, p. 192) porque é diverso os sistemas sociais em que estamos inseridos.

Deste modo, ao analisarmos dinâmicas culturais, é imprescindível considerar a interação constante entre o sujeito e seu ambiente social. A cultura, entendida como esse conjunto de padrões compartilhados de significados, valores e práticas, molda e é moldada pelos indivíduos que dela participam não somente do “desenvolvimento intelectual ligado às boas maneiras na educação e na formação do homem, mas também no desenvolvimento material da sociedade em direção ao progresso” (Rocha; Tosta, 2009, p. 81). É importante destacar que as relações sociais, ao incorporarem elementos culturais, extrapolam as fronteiras individuais e contribuem para a construção de identidades coletivas. Nesta interdependência entre o indivíduo e sua comunidade transcende o reflexo das diferenças regionais, ampliando-se para a compreensão mais ampla de uma teia complexa de influências mútuas que lhe forma um mundo coerente (Berger; Luckmann, 1985).

Os espaços em que as relações acontecem servem para fortalecer as identidades e o pertencimento ao que se identifica propiciando um senso de continuidade cultural e social, permitindo que as identidades sejam vivenciadas e celebradas de maneira dinâmica, seja por meio de sinais ou signos manifestos, seja pelos padrões de moralidade e excelência em que se julgam as ações (Barth, 1998). Estas realidades formam a vida cotidiana em que as relações são estabelecidas e vivenciadas que não se esgotam na presença imediata, mas abraça também outras realidades que ajudaram a chegar ao que se é hoje, aqui e agora, como uma realidade que se apresenta a mim como um mundo intersubjetivo que participo juntamente com outras pessoas (Berger; Luckmann, 1985).

Hoje em dia, nos países ocidentais, a identidade coletiva não é assim tão prestigiada, uma vez que é atingida pela suspeita de ser uma espécie de conspiração contra a liberdade individual. Prefere-se valorizar nessa identidade, enquanto traço especificamente humano, a capacidade de cada uma para se opor a qualquer determinação exterior, a qualquer hereditariedade física ou cultural; a esse aspecto, acrescentam-se outras razões, bastante

¹⁷ Laraia (1986) em “*Cultura: um conceito antropológico*” nos lembra que nem o determinismo geográfico ou biológico foram capazes de resolver o dilema da conciliação entre a unidade biológica e a diversidade cultural da espécie humana, uma discussão interessante que não será aprofundada aqui, porém nos revela a cultura como um fator dinâmico e em constante evolução, influenciando não apenas as percepções individuais, mas também os valores compartilhados e as normas institucionalizadas.

diversificadas, para contestar a pertinência dessa noção. [...]. Na outra extremidade do espectro social, é valorizada a existência de uma elite mundializada, composta por prósperos homens de negócios, por *stars* da mídia e do espetáculo, mas também cientistas e escritores de reputação, que passam grande parte do tempo nas salas de espera dos aeroportos, falam com facilidade várias línguas e afirmam que, por toda parte, se sentem em casa. (Todorov, 2010, pág. 67).

Há uma complexidade no entendimento das relações sociais e na valorização da identidade coletiva em razão de diversos aspectos, por ocasião da crescente globalização que cria e recria identidades e culturas, sugerindo que as novas reformulações enfrentem descrédito, associado à suspeita de ser uma possível conspiração contra a liberdade individual em um recuo “a identidades mais defensivas, em resposta à experiência de racismo cultural e de exclusão” (Hall, 2006, p. 85). O receio de que novas identidades coletivas possam ser impostas revela uma reação à vulnerabilidade percebida diante das influências externas e, mesmo com essa realidade é preciso lembrar que as relações sociais são partilhadas quando há interações com os outros (Berger; Luckmann, 1985).

Dessa forma, a particularidade de cada indivíduo em um contexto interacional jamais revelará a essência do humano. Essa complexidade intrínseca à natureza humana transcende as interações momentâneas e se estende para além das características individuais observáveis em situações específicas (Heller, 1970) visto que há, em cada ser, uma influência de fatores históricos, culturais, sociais e psicológicos que moldam a identidade e as ações de uma pessoa ao longo do tempo¹⁸ (Oliveira, 2000). A história pessoal de cada indivíduo, suas raízes culturais, as interações sociais que vivenciou e os processos psicológicos que influenciam seu pensamento e comportamento são elementos inseparáveis na construção da identidade e sua interação social, por isso, é essencial considerar não apenas as manifestações observáveis, mas também o legado de experiências e influências que se acumula ao longo do tempo em meios das relações sociais que se estabelecem e se rompem com o passar do tempo.

[...], a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente. As coisas e os homens constituem o ambiente cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização; e, no entanto, este ambiente, o mundo ao qual viemos, não existiria sem atividade humana

¹⁸ Compreender verdadeiramente a natureza humana exige a consideração da jornada individual, das experiências vividas e das relações construídas ao longo do tempo. A cada interação, apenas uma faceta da complexidade humana é revelada, sendo necessário um olhar mais abrangente para capturar a totalidade dessa essência em constante evolução.

que o produziu, como no caso de coisas fabricadas; que dele cuida, como no caso das terras de cultivo; ou que estabeleceu através da organização, como no caso do corpo político. Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem o mundo que, direta ou indiretamente, testemunha a presença de outros seres humanos. (Arendt, 2007, p. 31).

À medida que a identidade se forma as relações são estabelecidas, configurando-se como fios entrelaçados que se dedicam ativamente à realização de ações, mantêm raízes permanentes em um mundo construído por pessoas e suas concepções, constituindo o ambiente no qual cada atividade humana encontra significado e contexto, favorecendo as relações sociais. Por outro lado, essas relações são marcadas pela espontaneidade, que por sua vez não está em contradição com a vida pessoal e coletiva nas relações, mas expressa-se na assimilação de comportamentos, do ritmo da vida, por motivações efêmeras em constante alteração (Heller, 1970).

Muito embora, a tomada de consciência da identidade é um processo que se consolida com o passar do tempo, crucial para as relações estabelecidas em sociedade, elas podem permanecer, serem moldadas ou sofrerem, por diversas circunstâncias, mudanças substanciais com as experiências e relações estabelecidas nesse processo. Este processo de conscientização ou reconhecimento possibilita colocar harmonia às ações que, de forma individual, realizamos no cotidiano (Alfieri, 2014).

A autoconscientização da singularidade nos ajuda a entender que o que pensamos precisa ser manifestado e concretizado em nossas escolhas. Se conseguirmos anular a divergência entre o que pensamos, o que expressamos e o que escolhemos, nutriremos nossa singularidade, preservando nossa marca pessoal, o que nos ajudará a viver no mundo plenamente, com o que somos por inteiro. (Alfieri, p. 93, 2014)¹⁹.

2.1.2 A barbárie nas relações sociais

A história das sociedades humanas é marcada por episódios em que as relações estabelecidas se transformam em cenários de conflito, mecanismo de dominação e sobrevivência engendrado ao longo dos tempos (Oliven, 2010). A espontaneidade das interações, importante para a dinâmica social, provoca constante mutabilidade das motivações humanas tornando-se um aspecto complexo, podendo gerar tanto momentos de colaboração

¹⁹ É importante frisar que o que Alfieri (2014) trata como singularidade no texto citado, aqui, chamamos de identidade.

quanto de confronto (Heller, 1970). Este fenômeno muitas vezes revela não apenas conflitos individuais, mas também questões mais profundas relacionadas a estruturas de poder, desigualdades sociais e sistemas de valores divergentes (Oliven, 2010).

Com a pluralidade de valores e de configurações sociais possíveis nos processos de transformação social e identitário, os sentidos e as significações da violência estão sempre em variação refletindo a dinâmica complexa das relações humanas ao longo do tempo (Porto, 2010). A variabilidade nos valores culturais, nas estruturas sociais e nas identidades individuais contribui para uma constante redefinição dos significados atribuídos à violência porque é o modo de como são regulamentadas as relações dos seres humanos (Freud, 2010). A violência surge, então, em um contexto em que a desumanização é um sinal muito claro, lugar que se enfrenta acontecimentos e condições ultrajantes à liberdade humana; há circunstâncias em que esta é a única maneira de equilibrar a balança da justiça (Arendt, 2004).

Vale lembrar que dinâmica das sociedades e das identidades individuais influencia diretamente a percepção e interpretação dos comportamentos violentos, em alguns contextos, a violência pode ser utilizada como uma resposta extrema diante de circunstâncias que atentam contra a liberdade humana, muitas vezes, interpretadas como fruto do ódio. Porém, o ódio pode não ser o ponto de partida da violência e, assim como outras paixões humanas pode ser fruto de irracionalidade ou patologia (Arendt, 2004)²⁰.

Para entender a violência é necessário ir a fundo das motivações, considerando fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para sua manifestação. Em alguns casos, a violência pode ser impulsionada por questões estruturais, como desigualdades sociais e econômicas, resultando em respostas extremas como uma forma de protesto ou tentativa de reequilibrar as injustiças percebidas (Sassen, 2015).

Se há certamente uma ligação entre a violência e essas mudanças sociais, tal ligação não é automática e imediata, a violência deve ser concebida a partir dessas mediações. Ela não surge diretamente da mobilidade descendente, ou da crise; assim, os motins dos bairros difíceis da França ou da Inglaterra ou das grandes metrópoles americanas sobrevêm por ocasião de excessos policiais ou de decisões inadequadas da justiça, bem mais do que como um protesto contra o desemprego; a raiva e o ódio dos jovens exprimem-se certamente tendo por trás um cenário marcado por dificuldades sociais, mas

²⁰ Quando Arendt (2004) na obra *Da Violência* fala que o ódio não é, necessariamente, o estopim da violência, ela justifica em razão de que há outras violências que desumanizam e não são frutos do ódio, como por exemplo: uma doença incurável, um terremoto ou ainda, condições sociais que persistem na sociedade.

correspondem acima de tudo a sentimentos fortes de injustiça e de não reconhecimento, de discriminação cultural e racial. O desemprego e a pobreza [...] não se traduzem imediatamente ou diretamente em violências sociais [...], mas sobretudo alimentam frustrações [...]. (Wieviorka, 1977, p. 22 *apud* Porto, 2010, p. 54).

A relação entre violência e mudanças sociais não é mecânica, mas, mediada por uma série de fatores e contextos específicos que emerge de maneira direta da mobilidade descendente ou de crises econômicas. Pelo contrário, ela deve ser concebida a partir dessas mediações, sendo influenciada por uma complexa interação de elementos sociais, econômicos, culturais e políticos que se correlacionam empiricamente numa estrutura temporal da vida cotidiana (Berger; Luckmann, 1985). A ideia de que a violência é instrumental destaca seu caráter como meio para atingir determinados fins, sugerindo que, quando aplicada, a violência é planejada e utilizada como uma ferramenta para metas específicas (Arendt, 2004).

Sob este enfoque, poder-se-ia falar da violência como forma de dominação, da violência como forma de sobrevivência, da violência como afirmação da ordem institucional-legal, da violência como contestação desta mesma ordem, da violência como forma de manifestação de não cidadania, de não relação social [...], da violência como forma de manifestação de insegurança, do medo etc. (Porto, 2010, p. 21).

Portanto, isso acontece porque homens e mulheres constantemente buscam dominar uns aos outros, para estabelecer valores e regras que, historicamente, procuram induzir a ideia de liberdade. A busca pelo domínio muitas vezes se manifesta como um reflexo das dinâmicas de poder presentes na sociedade, frequentemente, se disfarçando sob o pretexto de estabelecer ordem, segurança ou preservar valores considerados fundamentais. Nesse processo, valores e regras são moldados e difundidos para perpetuar a estrutura de poder existente. A ideia de liberdade, que deveria representar a autonomia e a igualdade, pode ser distorcida para justificar práticas que, na realidade, restringem a liberdade de determinados grupos (Foucault, 2006).

Em última análise, a barbárie nas relações sociais reflete a manifestação mais extrema das dinâmicas de poder e dominação. Surgindo quando a busca pelo domínio ultrapassa limites éticos e humanos, subjugando e oprimindo grupos vulneráveis, desvelando violências. As relações de poder, muitas vezes disfarçadas sob pretexto de ordem e segurança, podem criar um ambiente propício para a barbárie florescer, marginalizando a verdadeira essência da liberdade e igualdade.

2.1.3 A alteridade na contramão da violência

O que se soma importante para a continuidade deste debate é, primeiramente perceber o outro como uma pessoa humana contra as investidas de ações que o desumaniza e a nós mesmos (Costa, 2019). A alteridade, como princípio ético, destaca a importância de reconhecer a individualidade e a dignidade de cada ser humano, ou seja, o outro, independentemente de suas diferenças (Lévinas, 1997). Para que isso ocorra, deve estar claro que, o outro e o eu, também participa dessa relação de alteridade estabelecida e é impossível colocar-se fora ou não a corresponder, visto que ambos se encontram reunidos sob um olhar comum (Lévinas, 1980).

A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um tempo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de *entrada* na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu. (Lévinas, 1980, p. 24).

A alteridade propõe, então, uma abertura para a variedade de experiências, perspectivas e identidades que existem dentro da interação humana. Ao reconhecer a alteridade, criamos um espaço para a verdadeira compreensão e respeito mútuo, em que cada indivíduo é valorizado em sua unicidade e contribuição para a complexidade das relações sociais. Ela também estimula a superar a compreensão de uma relação em que um é superior ao outro em razão de padrões que foram estabelecidos por forças dominantes (Moscovici, 2007).

Mesmo vivendo as diversas mudanças sociais e culturais, nesse processo de reconhecimento do outro, é imprescindível conhecer-se. Um passo primordial que, para além da sua individualização, há a sua identidade como conteúdo de si mesmo, que não é um ser imutável, mas que “cujo existir consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo que lhe acontece” (Lévinas, 1980, p. 24).

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (Baumann, 2005, p. 21-22).

Portanto, a pessoa humana deve ser entendida como um ser essencialmente social, inserido em meio a relações e interações que moldam a sua experiência numa complexidade da natureza humana que se revela não apenas na individualidade, mas também nas conexões que

estabelece ao longo de sua jornada como um antídoto para a desumanização das relações sociais, de negação do outro e de naturalização da violência (Costa, 2019).

Além disso, a inserção na sociedade não se limita apenas às relações pessoais imediatas, mas abrange a participação em estruturas mais amplas, como comunidades, instituições, culturas, grupos, tribos, dentre outros. Esses contextos desempenham um papel importante na formação da autenticidade em que cada pessoa que, mesmo distinta uma da outra, não serão precisamente únicas (Lévinas, 1997). A diversidade de pessoas nos possibilita compreender a riqueza das experiências humanas, pois cada indivíduo traz consigo uma narrativa única, influenciada pelo contexto em que está inserido.

Neste sentido, reconhecer a alteridade como um ato humano, dentre as vivências humanas, sugere que a compreensão do outro vai além da mera observação superficial de diferenças, envolvendo a disposição de se colocar no lugar do outro, de entender suas perspectivas, sentimentos e experiências, tornando-se uma manifestação elevada da empatia, uma habilidade categórica para construir pontes de entendimento e promover relações harmoniosas (Stein, 1996). E o que seria tomar conhecimento da experiência vivencial do outro? Significa, portanto, que, ao ver ou encontrar uma pessoa chego a compreender pela minha experiência e sentimentos o que ela está experimentando, se sente dor ou alegria, por exemplo, posso não sentir o que ela sente, mas tenho consciência de que o que ela sente pode ser dor ou alegria (Bello, 2000) e acabamos por romper com a tendência de categorizar o mundo entre “nós” e “outros”, de forma a reconhecer a humanidade compartilhada que une todas as pessoas.

Isso implica transcender estereótipos e preconceitos, abrindo espaço para o diálogo e a colaboração entre indivíduos e grupos, fortalecendo as relações sociais, estimulando a criação de espaços inclusivos e respeitosos, valorizando a diversidade de experiências, culturas, identidades e construindo uma sociedade onde cada indivíduo é reconhecido em sua singularidade em um ambiente mais enriquecedor e plural (Arendt, 2007).

2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MIGRANTE VENEZUELANO

Permita-me fugir um pouco da formalidade empenhada até aqui para lhes contar que deste ponto em diante eu escrevo aquilo que escutei de centenas de migrantes e refugiados, o

que atiçou minha curiosidade humana e se tornou o objeto científico de pesquisa ao qual me dediquei para elaborar esta dissertação. Imbuído não só de dar voz a essas experiências, mas também de ser crítico diante das formas pejorativa e desumanas para com as pessoas em extremas condições de vulnerabilidade. Cada narrativa, cada trajetória de vida compartilhada comigo trouxe à tona, não apenas os desafios enfrentados, mas, também a resiliência, a esperança e a extraordinária força interior presente em cada pessoa que decidiu migrar em busca de uma vida melhor.

Escrever esta dissertação não é apenas um exercício acadêmico, mas uma tentativa de contribuir para o conhecimento acadêmico e, também, para a construção de uma sociedade mais compassiva, empática e inclusiva onde as histórias de migrantes e refugiados sejam valorizadas por suas experiências de vida e não reduzidas a estereótipos simplistas.

O processo de representar o outro é um fenômeno que persiste mesmo diante das várias mudanças nas características culturais que são usadas para demarcar as fronteiras, mesmo quando esses atributos podem se transformar (Barth, 1998). A compreensão e aceitação da diversidade cultural são fundamentais para desafiar representações simplificadas e estigmatizantes.

Os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar – apesar de tudo, o fato da contínua dicotomização entre membros e não membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e conteúdo da transformação cultural (Barth, 1998, p. 195).

Reconhecer esta dinâmica das características e fronteiras entre grupos torna-se evidente que as representações do outro não são fixas, mas moldadas por percepções em constante transformação, processo historicamente esquecido e evitado em razão da mentalidade colonizadora que esmaga a mestiçagem presente em nossa sociedade (Schwarz, 2008).

2.2.2 As representações sociais das pessoas em mobilidade

As representações sociais surgem para nós como um embate entre crença e conhecimento, assim descrito na Alegoria da Caverna, de Platão (1956). Na narrativa platônica, a caverna representa o mundo das percepções sensíveis e das opiniões subjetivas, onde as pessoas estão acorrentadas, observando sombras projetadas na parede como se fossem a realidade. Nesse contexto, as representações sociais podem ser equiparadas às sombras na

parede da caverna. Elas refletem as interpretações coletivas, muitas vezes simplificadas e distorcidas, que as pessoas formam sobre fenômenos sociais, incluindo grupos de indivíduos, conceitos e ideias. Assim como os prisioneiros na caverna acreditam que as sombras são a única realidade, as representações sociais podem limitar a compreensão da verdadeira complexidade e diversidade dos fenômenos sociais. O embate entre crença e conhecimento surge quando os indivíduos, assim como o prisioneiro que é libertado e exposto à luz do sol, buscam transcender as representações sociais previamente aceitas. Isso implica questionar as percepções limitadas e explorar novas perspectivas, permitindo uma compreensão mais profunda e objetiva da realidade.

Assim sendo, torna-se evidente que o senso comum exerce uma influência marcante no cotidiano das pessoas e, nesse caso, ao conceber grupos em movimento migratório. Esse processo é frequentemente moldado por diversas influências, incluindo discursos políticos agressivos, ideias de nacionalismo totalitários e experiências desafiadoras na convivência entre nacionais e migrantes. Assim, as ciências, de maneira mais abrangente, empenham-se em compreender e suavizar as representações muitas vezes violentas que permeiam a percepção das pessoas em migração, buscando evitar atitudes preconceituosas e criminosas. Desse modo, emerge um embate significativo: a opção entre permanecer na “caverna” da dúvida confortável, moldada por visões limitadas, ou embarcar em uma jornada para uma nova perspectiva, capaz de transformar a maneira como encontramos e compreendemos o “outro”.

O que aqui estamos denominando de representações sociais pode ser entendido com fatos sociais: estruturas mentais compartilhadas por grupos, delineando, assim, as fronteiras sociais que delimitam as esferas de pertencimento de cada indivíduo, algo análogo a “bolhas” sociais (Durkheim, 2004). Esses espaços desempenham o papel relevante de conferir ideias e significados às coisas, tendo um núcleo central que abriga valores e memórias coletivas. Geralmente, essas esferas são percebidas como estruturas rígidas e de difícil transformação, configurando-se como espaços mentais consolidados e resistentes a mudanças.

Por outro lado, Moscovici (2007) entende que as representações sociais são realidades “convencionadas”, abrangendo objetos, pessoas e eventos, enquanto simultaneamente são “prescritivas”, impondo-se, sendo transmitidas e moldadas por eventos que se desenrolam ao longo do tempo, evoluindo através de gerações. Nesse contexto, podemos inferir que ao permanecer aprisionado nas representações do que observa, invariavelmente aceitará como verdadeira a realidade de seu ambiente, sua “bolha” social, sem fazer o esforço de contemplar

o outro por uma perspectiva diferente. Similarmente, este conceito de representações pode ser entendido como um “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é”, quando resultantes da fragilidade da imaginação, essas representações “faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. [...] transforma-se em uma máquina de fabricar respeito e submissão” (Chartier, 1999, p. 184-186).

Diversos elementos influenciam nossa percepção e maneira de representar o outro, uma vez que estamos inseridos em “um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais” (Moscovici, 2007, p. 51). Nesse contexto, “os seres humanos geralmente empregam critérios equivocados, de que ambicionam poder, sucesso e riqueza para si mesmos e os admiram nos outros enquanto menosprezam os verdadeiros valores da vida” (Freud, 2010, p. 41). Existe, assim, o risco de perder de vista a diversidade tanto no mundo humano quanto no psíquico quando tentamos impor uniformidade às pessoas. Na convivência social, nos deparamos com uma ampla gama de formas, comportamentos, contextos, culturas e identidades, e somos constantemente desafiados a nos adaptar a essas ambiguidades sociais, fortalecendo, portanto, a riqueza da diversidade.

Essa diversidade presente em nossa sociedade estabelece uma clara distinção entre o “nós” e o “eles”, seguindo um sistema classificatório que delinea as divisões no mundo social, destacando aqueles que possuem maior prestígio. Isso possibilita que os grupos dominantes imponham seus valores, comportamentos e costumes, muitas vezes rebaixando aqueles que se diferenciam. Essa dinâmica alimenta a percepção de que os indivíduos de fora, como os migrantes, são vistos como invasores, uma imagem que os exclui de maneira contundente. (Batista; Bonono, 2018).

As opiniões e percepções na sociedade divergem conforme os estereótipos que seguem num “roteiro” preconcebido para o funcionamento das interações sociais, frequentemente marcado por preconceitos, contribuindo para a formação de narrativas discriminatórias que influenciam as atitudes em relação aos migrantes, limitando a compreensão das suas experiências e perpetuando visões simplificadas e muitas vezes injustas (Santos, 2020), por meio “uma representação negativa (reação cognitiva), como também respostas emocionais negativas, em termos comportamentais (internas ao sujeito e que podem ser publicamente exteriorizáveis), por parte de quem os constrói e manifesta” (Mendes, 2011, p. 270-271).

Poderíamos nos perguntar: as representações sociais construídas em torno das pessoas em migração não sugerem, de forma coletiva, um discurso homogêneo que, simultaneamente, enfatiza a violência por elas vivenciada? (Delumeau, 2009). Em certa medida, podemos afirmar que sim, como evidenciado no caso dos indivíduos provenientes da Venezuela, que deixam seu país devido ao cenário permeado por violência, corrupção, escassez de recursos e a ausência do estado de direito, entre outros fatores (Padilla; Lopez, 2021). Este exemplo ilustra como tais representações tendem a padronizar e categorizar a situação nos discursos sobre o tema, promovendo generalizações que, por sua vez, podem intensificar as barreiras e violências enfrentadas pelas pessoas migrantes.

Não obstante, as questões econômicas frequentemente se destacam como o fator mais preocupante em relação à migração. Em um mundo capitalista, a perspectiva de que a presença de pessoas possa representar um ônus econômico torna-se uma fonte de inquietação para os Estados na formulação de suas políticas públicas. Essa preocupação transcende o direito liberal de salvaguardar sua riqueza, serviços e bens acumulados, mas também suscita receios relacionados aos limites à inclusão de grupos excluídos (Castro, 2005), em que a aproximação se dá com muita cautela na medida em que as relações com migrantes possam ter algum ganho econômico (Mendes, 2011; Sassen, 2022).

Em geral, os governos frequentemente encaram a migração como um desafio a ser solucionado, abordando a questão do migrante com uma visão de curto prazo. Nesse contexto, as políticas migratórias, muitas vezes, não conseguem atingir seus objetivos, pois costumam ser delineadas com base em demandas imediatas e preocupações internas, negligenciando aspectos fundamentais a longo prazo, demonstrando que “falta-lhes uma compreensão da migração como parte intrínseca do desenvolvimento humano, mediante a qual as pessoas respondem às oportunidades procedentes de fatores ambientais, econômicos e políticos nas possíveis áreas de chegada”. (Castle, 2010, p. 14). Neste mesmo embalo, o crescimento de políticos de extrema direita reforça os atos de xenofobia e intolerância aos migrantes, bem como a naturalização da violência e humilhação a estas pessoas, marcado por discursos polarizados e nacionalistas, contribuindo para uma abordagem hostil em relação aos migrantes, perpetuando estereótipos negativos e acentuando a marginalização desses grupos na sociedade (Almeida; Rodrigues; Cruz, 2020).

Essa visão vira-se para o migrante como um turista temporário, limitando-se muitas vezes a perceber sua presença como transitória e desconsiderando os aspectos mais amplos e

permanentes da migração. Ao enxergá-lo apenas sob a perspectiva de um visitante de curto prazo, essa abordagem negligencia as complexidades das razões que levam à migração, as questões de interação e os desafios enfrentados pelos migrantes em sua busca por uma nova vida (Bauman, 2012). Por outro lado, são também indesejados,

[...] são uns estraga-prazeres meramente por estarem por perto, pois não lubrificam as engrenagens da sociedade de consumo, não acrescentam nada à prosperidade da economia transformada em indústria de turismo. São inúteis, no púnico sentido de “utilidade” em que se pode pensar numa sociedade de consumo ou de turistas. E por serem inúteis são também indesejáveis. Como indesejáveis, são naturalmente estigmatizados, viram bodes expiatórios. Mas seu crime é apenas ser como os turistas... sem ter os meios de realizar os seus desejos como os turistas. (Bauman, 2012, p. 85-86).

O avanço da tecnologia, especialmente o uso das redes sociais, emerge como um espaço onde os migrantes produzem e expressam seus pertencimentos grupais, territoriais e socioculturais. No entanto, esse mesmo espaço está intrinsecamente associado às polêmicas e à polarização política. As plataformas digitais proporcionam uma voz aos migrantes, permitindo que compartilhem suas histórias, culturas e desafios de maneira mais acessível e global. Contudo, essa mesma visibilidade pode resultar em debates intensos e divisões, muitas vezes vinculados a questões políticas, revelando a dualidade complexa das interações migratórias no mundo digital (Rozendo; Giacomozzi; Vitali, 2021).

Contudo, vale ressaltar que as representações do protagonismo dos migrantes ainda são escassas e, se fossem mais visíveis, possibilitariam uma compreensão mais ampla da experiência de manifestações culturais, da ocupação dos espaços públicos e da manutenção de identidades próprias (Lia; Oliveira; Monteiro, 2022). A visibilidade dessas representações permitiria não apenas destacar as contribuições significativas dos migrantes para a riqueza cultural, mas também desafiar estereótipos e preconceitos, promovendo uma apreciação mais autêntica das diversas formas de expressão cultural trazidas por esses indivíduos.

O protagonismo dos migrantes permite a identificação da experiência de manifestações culturais, de ocupações dos espaços públicos e de manutenção de identidades. Neste processo de visibilidade constitui-se, também, a potencialização da atuação dos mesmos na garantia e ampliação de direitos. Movimentar-se é também uma forma de criar impacto positivo na sociedade é evidência para a garantia de proteção à dignidade das comunidades migrantes. (Lia; Oliveira; Monteiro, 2022, p. 88).

A contribuição dos migrantes para a diversidade cultural de uma sociedade vai além da mera coexistência; ela se reflete na riqueza de expressões artísticas, culinárias e nas interações sociais que enriquecem a organização cultural do local de acolhimento. Ao assumirem um papel

proativo na construção e compartilhamento de suas culturas, os migrantes promovem uma maior compreensão mútua e enriquecem o panorama cultural da comunidade, desafiando estereótipos e promovendo a aceitação da diversidade. Além de ser um testemunho visual das contribuições culturais e sociais que os migrantes oferecem, o destaque dado ao protagonismo impulsiona ações concretas em prol da garantia dos direitos e da ampliação da dignidade das comunidades migrantes (Mendes, 2011).

2.2.1 Quem está à nossa porta?

A migração venezuelana, que se intensificou nos últimos anos, revela um quadro complexo moldado por uma interseção de fatores políticos, econômicos e humanitários. O perfil desse movimento migratório nos ajuda a expandir nossa compreensão sobre as motivações que impulsionam os venezuelanos a deixarem seu país, aos desafios enfrentados durante a jornada e os impactos dessa diáspora em Pacaraima, lançando luz sobre as histórias individuais dos migrantes, mas também oferecendo reflexões para as políticas públicas e a compreensão mais ampla dos desdobramentos dessa significativa movimentação populacional.

A trajetória política da Venezuela é uma característica fundamental para entender esse processo. Ela é historicamente caracterizada por acirrados embates ideológicos, políticos e militares remontando ao período pós-guerra de independência no século XIX até os dias atuais. Ao longo desse período, destaca-se distintos projetos de sociedade, rotulados como conservadores e liberais, cujas nuances têm variado nas mudanças políticas, transitando por ditaduras e períodos democráticos. Esses projetos não apenas se modificaram ao longo do tempo, mas também passaram por mutações, adaptações e ressignificações, refletindo a dinâmica complexa do cenário político venezuelano (Fernandez, 2019). Com a ascensão do petróleo, por exemplo, a Venezuela transitou de um país agrário para se transformar em uma nação petroleira moderna. Essa transição representou uma mudança significativa de formas antigas feudais para uma modernidade cosmopolita, levando-a de uma condição de pobreza antiquada para novas fontes de riqueza (Rodrigues, 2012a).

Durante la primera mitad del siglo XX los gobiernos dictatoriales (Gómez, López Contreras, juntas de gobierno, Pérez Jiménez) van a imponer una “paz social” favorable a la inversión extranjera y van a obstaculizar la creación y funcionamiento de los partidos políticos. No obstante, es durante ese período se dan algunos ensayos democráticos (Medina Angarita y Gallegos) y se fundan las organizaciones políticas que tendrán proyección histórica en la segunda mitad del siglo, también se crean sindicatos emblemáticos como el

de maestros y el de trabajadores petroleros, los cuales se convierten en referentes fundamentales de las luchas sociales. (Fernández, 2019, p. 182-183).

Em meio a essas flutuações, a Venezuela viu-se envolvida em uma série de desafios e transformações que moldaram profundamente sua estrutura política e social, principalmente entre os anos de 2004 e 2005, com as declarações do então presidente Hugo Chaves de ser “anti-imperialista” e afirmações do caráter “socialista” da Revolução Bolivariana, declarações que possivelmente desestabilizariam a hegemonia dos Estados Unidos (EUA) construída a mais de 100 anos de influência continental. Esse cenário tumultuado repercutiu significativamente no panorama migratório do país após o falecimento de Hugo Chávez e a vitória eleitoral de Nicolás Maduro em 2013, em que o EUA reforçou o confronto com a Venezuela por meio de discursos midiáticos e impasses diplomáticos enfatizando que o país seria uma ameaça incomum e extraordinária para a sua segurança, tendo ainda sanções econômicas e financeiras implementadas durante o governo de Barack Obama e reforçadas na administração de Donald Trump (Fernandéz, 2019; Mendes; Medeiros; Fernandes, 2022).

Diante da polarização política e do aumento das divergências de opiniões na sociedade, juntamente com a instabilidade resultante da falta de um consenso básico no cenário político e o agravamento das dificuldades socioeconômicas, as contendas internas representaram uma mudança significativa entre os dois projetos que se confrontam, aparentemente de maneira quase irreconciliável, tornando uma conciliação a curto prazo algo desafiador (Lyra Junior; Melo, 2020). A dimensão das consequências desses embates é enorme, afetando principalmente a população mais pobre, nesse período, por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu cerca de 37%, a população passa cada vez mais fome, a violência esvazia as ruas das grandes cidades e a situação provoca um dos maiores movimentos migratórios já visto na América Latina (Pardo, 2019).

A crise venezuelana que se prolonga nos últimos anos, desperta na população uma saída em busca de melhores condições de vida. Essa saída manifesta-se, em grande parte, por meio de um significativo movimento migratório, onde um número expressivo de venezuelanos busca refúgio em países com proximidade geográfica. O deslocamento maciço de pessoas tornou-se uma resposta compreensível diante da deterioração das condições internas, envolvendo escassez de recursos, instabilidade política e econômica, bem como desafios sociais crescentes. Esse êxodo massivo representa não apenas uma tentativa de enfrentar as adversidades

imediatas, mas também uma busca por perspectivas mais promissoras e dignas (Mendes; Medeiros; Fernandes, 2022).

De 2015 até os dias atuais, o perfil populacional que migra para o Brasil vindo da Venezuela é marcado por todos os estratos sociais, porém com pessoas cada vez mais pobres e de baixa renda por motivos de escassez de itens básicos (Singer, 2020), esses

[...] migrantes geralmente são mais pobres e menos qualificados do que ondas anteriores de migrantes, apresentando maior desespero para fugir. Essa população de diáspora inclui estudantes vivendo nas ruas [...], pessoas se aventurando em balsas para travessias marítimas em ilhas caribenhas vizinhas, e mulheres se envolvendo em redes de prostituição na Colômbia e Panamá. Esses migrantes costumam ter menos recursos ao fugir e redes de apoio mais frágeis ao chegar em seus países de destino. (Peñalver; Páez, 2017, p. 3). [Tradução nossa].

A migração cada vez mais representativa de pessoas de baixa renda que enfrentam dificuldades econômicas e buscam oportunidades para reconstruir sua vida no Brasil ou dar suporte aos familiares que ficaram no país reflete no status migratório do qual buscam ao chegarem no Brasil. Muitos migrantes venezuelanos enfrentam questões relacionadas à regularização de sua situação migratória, tendo que conhecer e entender, assim que chegam ao Brasil, o dilema do status de residente temporário ou refugiado. Essa decisão, muitas vezes, torna-se um verdadeiro desafio, pois cada opção implica em diferentes benefícios, direitos e condições de permanência no Brasil, bem como acesso às políticas públicas que vulnerabilizam, estratificam e prejudicam o acesso aos direitos de forma plena (Velásquez, 2021).

2.3 O ENCONTRO DAS AMBIGUIDADES NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

Não seria adequado iniciar esta seção sem fazer menção à obra célebre de Zigmunt Bauman (2017), *Estranhos à Nossa Porta*, que não apenas serviu de inspiração, mas também orientou a escolha do material de coleta de dados e informações, fundamentando cientificamente esta dissertação. Logo nas primeiras páginas dessa obra, o renomado sociólogo nos alerta para a presença de “uma mídia ávida por audiência”. Diante do atual cenário de uma 'revolução midiática', em que a ênfase recai sobre a notícia e sua abrangência, tornando-as por vezes mais significativas do que o próprio conteúdo noticiado, é imperativo analisar como a mídia local retrata o migrante venezuelano e, mais ainda, compreender os impactos dessa representação sobre eles. Não são só as questões geopolíticas que refletem na dinâmica, mas as histórias de milhares de migrantes que cruzam a linha divisória dos países se entrelaçam criando

tramas cheias de desafios e oportunidades. Enquanto fronteira que se apresenta como uma linha geográfica, ela também é uma zona de interseção cultural e social. Se por um lado é divisor de territórios, por outro, é um ponto de convergência de diferentes narrativas e identidades, o que torna a fronteira um espaço poroso, que dribla as leis que fecham e regulamentam as entradas (Lussi, 2015).

Neste cenário, os meios de comunicação se tornam mecanismos que podem diminuir ou fomentar ainda mais as formas violentas de representar o outro, principalmente quando se trata de um migrante, exercendo um papel muito específico sobre essas minorias migratórias, geralmente realçando violência urbana, distúrbios e manifestações dessas populações, enquanto “temáticas como as experiências da vida cotidiana, os papéis não estereotipados, os êxitos e as contribuições desses imigrantes no campo das culturas, das artes, da política e da economia, sofrem censura sistemática, são ignoradas ou então subvaloradas” (Cogo, 2006, p. 28). É como se existisse um sistema classificatório de maior e menor prestígio aos grupos que migram e sua representação está ligada a coisas de cunho negativo tornando-os indesejados e ainda mais vulneráveis as práticas xenofóbicas de exclusão (Batista; Bonono, 2017). A migração possui essa representação negativa em razão de serem migrantes do sul global, geralmente migrando por conta das dinâmicas globais de pobreza extrema, o que não aconteceria se estivéssemos falando de migrantes do norte global, por incomodar o senso comum seja pela raça, religião, idioma, gênero ou classe social, em que os “discursos xenofóbicos, racistas, sexistas e homofóbicos, e disputas sobre reserva de mercado de trabalho e segurança nacional tem atravessado as discussões no espaço público brasileiro sobre políticas migratórias” e principalmente, a respeito de quem deveria ou não entrar e permanecer no país (Rossa; Menezes, 2018, p. 391; Sassen, 2016).

Da mesma forma, devido as notícias que circulam nos jornais, as redes sociais se tornam um espaço ainda mais violento da ‘polemização’ e polarização dos movimentos migratórios (Rozendo; Giacomozzi; Vitali, 2021), por ser um local de realidade virtual e cada vez mais distante do contato com a realidade real (Lorite, Nicolás *apud* Cogo, 2006). Isso acontece porque as redes sociais se tornam locais de organização social de processamento e transmissão de informação como fontes de produtividade e poder (Cogo; Brignol, 2010, p. 4), lugar aonde tudo circula muito rápido, em que, aparentemente, não há limites para a opinião de senso comum.

Esses espaços, quando se tornam um meio de infamar ainda mais negativamente o processo migratório, ignoram as exigências não sabidas pelos indivíduos que regulam “as representações e ações; supõe uma eficácia própria as ideias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que, ao se apropriarem deles, os investem de significações plurais e concorrentes” (Chartier, 1999, p. 188). E ainda “formam um saber oral que se transmite de geração em geração ou, então, encontram-se também consignadas por escrito; elas é que conferem sentido aos diferentes acontecimentos constitutivos da vida de uma pessoa” (Todorov, 2010, p. 73). Essa difusão ao longo do tempo pode se tornar uma “memória coletiva” de forma injusta sobre as pessoas, enunciados que evocam casos específicos e que nem sempre valorizam a identidade local (Candau, 2012), haja visto que nem todos são aquilo do que se é falado e, em sua grande maioria, as notícias tendem a generalizar em busca de audiência, cliques ou engajamento na internet (Bauman, 2017).

A abordagem metodológica utilizada nessa coleta de dados foi a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977), uma das possibilidades de coleta de dados qualitativo e quantitativo, especialmente quando se deseja compreender o significado subjacente dos textos, discursos e documentos. A coleta e seleção dos textos foi realizada durante a ação de extensão Oficinas sobre Representações Sociais e Coleta de Dados pelo Método de Análise de Conteúdo, realizado entre agosto e outubro de 2023, com apoio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão e equipe composta por mim, a orientadora, estudantes a nível de mestrado e graduação e professoras doutoras convidadas.

A coleta das informações é organizada seguindo o método proposto por Bardin (1977), que consistem algumas fases (descritas no Quadro 1): preparar e organizar os dados; codificar e categorizar; identificar padrões e temas; e, por fim, interpretar e elaborar as conclusões, levando em conta o rigor metodológico.

Quadro 1 – Etapas do método de Análise de Conteúdo.

Etapa	Descrição
Preparação Organização Dados	e dos Começa com a coleta e preparação dos dados. Nesta fase, foram reunidas matérias de jornal objeto de estudo. Foram organizados os dados de forma apropriada, categorizando-os por temas, datas e coluna publicada, garantindo que a análise subsequente seja conduzida de maneira eficiente e sistemática.
Codificação Categorização	e Uma vez que os dados estão organizados, procedemos com a codificação, que envolve a atribuição de rótulos ou tags a segmentos

	<p>específicos do texto. Essas codificações consistiram em palavras-chave, frases ou conceitos que capturam o tema e a ideia de uma representação estereotipada da migração venezuelana em Pacaraima, a partir do que foi publicado no jornal. Posteriormente, as codificações foram agrupadas em categorias, que representam os principais tópicos ou áreas de interesse da pesquisa.</p> <p><u>Codificação:</u> “estrangeiro”; “fronteira”; “migrante/migração”; “ilegal”; “clandestino/clandestinidade”; “tráfico/máfia/contrabando”; “caráter de criminalização da matéria”; e “outras terminologias relacionadas à criminalização”.</p> <p><u>Categorização:</u> 1. Discurso político; 2. Atos violentos.</p>
<p>Identificação de Padrões e Temas Emergentes</p>	<p>Com as categorias estabelecidas, busquei identificar padrões e temas emergentes nos dados. Isso envolveu a análise de frequências das codificações, a busca por relações ou associações entre as categorias e a identificação de anomalias ou discrepâncias que poderiam merecer investigação adicional para outras pesquisas futuras. Esta etapa requereu uma mente aberta e sensibilidade para reconhecer nuances e insights sutis que podem não ser imediatamente óbvios.</p>
<p>Interpretação e Elaboração de Conclusões</p>	<p>A última etapa do processo de análise de conteúdo envolveu a interpretação dos resultados e a elaboração de conclusões, que se seguirão apresentadas no texto que se segue. Aqui, buscamos entender o significado mais amplo dos padrões identificados, relacionando-os ao contexto mais amplo da pesquisa e às teorias existentes. Busquei dar sentido aos dados, fornecendo interpretação e conclusões fundamentadas.</p>

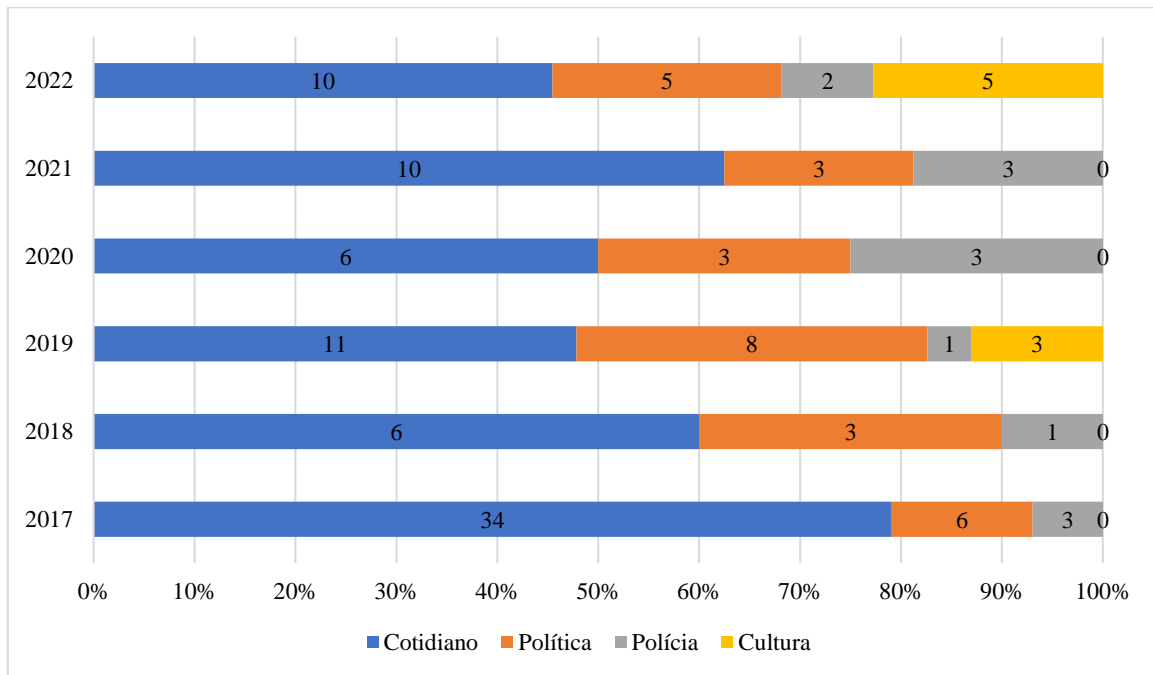
Fonte: Bardin (1977). Adaptado.

Para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica entre a vida e sua representação nas notícias, torna-se essencial analisar cuidadosamente o material coletado no período de 2017 a 2022, o nosso marco temporal, do principal veículo de comunicação da região, o Jornal Folha de Boa Vista²¹. Este é o jornal mais acessado pelos residentes de Pacaraima, por tratar-se do mais antigo veículo de comunicação e que, até 2019, circulava de forma impressa em todo o estado de Roraima. O Gráfico 1 oferece uma visão abrangente do material analisado, composto por um total de 126 matérias jornalísticas, coletadas entre os anos de 2017 a 2022, que servirão como base para nossa análise. Notavelmente, o ano de 2017 se destaca com o maior número de materiais coletados. Isso sugere que, nesse período, o tema estava no centro das atenções e debates devidos a várias razões, e que já o ano de 2022, cresce notavelmente as notícias veiculadas do qual deduzimos em razão do período eleitoral mais polarizado no Brasil, como também notícias gerais acerca de potencialidades da presença migratória e, notavelmente a

²¹ Trata-se do site: <https://www.folhabv.com.br>.

mudança em terminologias usada na construção do texto. A maioria das notícias dentro do nosso marco temporal foi veiculada na seção “cotidiano” do jornal, mesmo quando abordavam questões políticas.

Gráfico 1: Amostra de matérias jornalísticas coletadas na atividade de extensão.



Fonte: Autor (2024).

Outras colunas do mesmo Jornal que noticiaram sobre a migração venezuelana dentro do marco temporal que estabelecemos foram política, polícia, cultura, social, economia e esporte²².

Em 2018 coletamos 10 matérias jornalísticas, destas, seis estavam na seção cotidiano, três em política e uma em polícia; em 2019, por sua vez, 23 matérias jornalísticas, sendo 11 em cotidiano, oito em política, uma em polícia e três em cultura; em 2020, foram 12 matérias jornalísticas, seis em cotidiano, três em política e polícia; em 2021 foram coletadas 16 matérias jornalísticas, sendo 10 em cotidiano e três em política e polícia; em 2022 foram um total de 22 notícias, 10 em cotidiano, cinco em política, duas em polícia e cinco em cultura. Essa diversificação nas colunas evidencia a complexidade e a interconexão da migração venezuelana

²² Para melhor organizar, adicionamos as notícias de social, esporte e economia à seção cultura.

com diferentes aspectos da sociedade local. A presença contínua nas seções “cotidiano” ao longo dos anos sugere que a migração se estabeleceu como uma parte intrínseca e constante da vida diária na região.

Tabela 2 – Matérias jornalísticas selecionadas dos anos de 2017 e 2018 no Jornal FolhaBV.

ORDEM	DATA	TÍTULO DA MATÉRIA JORNALÍSTICA
01	15/03/2017	“Pedidos de refúgio na PF chegam a 300 por mês somente este ano”
02	19/04/2017	“Polícia Federal reforça efetivo para atender estrangeiros”
03	16/06/2017	“BV poderá ter mais de 59 mil venezuelanos até o final de 2018”
04	03/07/2017	“Sem espaço no ginásio, venezuelanos constroem favela na área externa”
05	15/07/2017	“Comerciantes reclamam de ocupação desordenada ao lado da rodoviária”
06	25/07/2017	“Crianças venezuelanas continuam pedindo livremente nos semáforos”
07	08/08/2017	“Favela surge com chegada de mais venezuelanos no entorno da rodoviária”
08	14/08/2017	“RR ainda espera por ajuda e governo prevê caos com a migração em massa”
09	24/08/2017	“Prefeitura pagará aluguel e alimentação de venezuelanos; Veja em 360 graus”
10	30/08/2017	“Prefeitura volta atrás e afirma que vai construir abrigos e não pagar aluguéis”
11	26/09/2017	“Abrigo para estrangeiros registra surto de catapora entre crianças”
12	28/09/2017	“Imigração faz aumentar número de atendimentos em hospitais do Estado”
13	06/11/2017	“Comerciantes recuperam confiança após remoção e revitalização do local”
14	14/11/2017	“Venezuelanos já começam a receber Programa Bolsa Família na Capital”
15	15/11/2017	“Fluxo migratório faz aumentar número de bebês nascidos em Roraima”
16	18/11/2017	“Com mais de mil venezuelanos, segurança é o desafio em abrigos”
17	18/12/2017	“Conanda constata violação de direitos de crianças venezuelanas em RR”
18	03/01/2018	“Comitiva visita Boa Vista para conhecer situação de crianças venezuelanas”
19	10/08/2018	“Peru volta a permitir entrada de Venezuelanos sem passaporte”
20	18/08/2018	“Em Pacaraima moradores fazem manifestação contra imigrantes”
21	18/08/2018	“Governo pede envio da Força Nacional novamente para Roraima”

22	19/08/2018	“Exército diz que operação acolhida continua sem alterações em Roraima”
23	09/09/2018	“Exército realiza retirada de venezuelanos de ruas da Capital”

Fonte: Folha de Boa Vista (2024).

As notícias veiculadas na seção cotidiano do jornal sugerem a construção de uma imagem superficial do migrante. Ao reunir esses artigos, percebe-se uma sequência que parece se complementar devido à proximidade de publicação, como ilustrado na Tabela 2, que compila as matérias jornalísticas coletadas entre 2017 e 2018. É importante observar as datas de cada matéria, pois parece que uma notícia válida ou reforça a anterior, criando uma narrativa contínua.

2.3.1 Do discurso político às manifestações

A construção das representações do migrante venezuelano ao longo do marco temporal da pesquisa, no que diz respeito aos discursos políticos, é uma trama extremamente intrincada, que abrange uma ampla gama de visões, desde a concepção de pessoas empobrecidas que necessitam de ajuda até a percepção de indivíduos que são vistos como portadores de problemas sociais, derivados de um sistema político-ideológico que muitos procuram evitar. Essa diversidade de representações reflete a interação dinâmica entre fatores socioeconômicos, políticos e culturais que moldam a imagem coletiva dos migrantes venezuelanos na fronteira Brasil-Venezuela. O próprio discurso político e, a até pouco tempo, a ausência de políticas públicas voltadas para o tema da migração em Roraima, que é um estado fronteiriço, também fomentavam toda a tensão a este fenômeno que se apresenta na fronteira.

Em 2017, a então governadora de Roraima, Suely Campos (Folhabv, 2017), dirigiu um apelo ao ministro da Saúde da época, Ricardo Barros, buscando a inclusão de médicos venezuelanos, previamente identificados no estado, no Programa Mais Médicos. O motivo para essa solicitação residia na alta demanda por profissionais que falassem espanhol e na dificuldade que médicos brasileiros enfrentavam para compreender as particularidades dos problemas de saúde desses migrantes. Ao abordar essa questão, a governadora destacou os desafios enfrentados na saúde pública das cidades de Boa Vista e Pacaraima, evidenciando um aumento expressivo no número de atendimentos. Em 2016, foram registrados 5.695

atendimentos a migrantes venezuelanos, e até julho de 2017, data da publicação da matéria jornalística, esse número já havia alcançado 5.090 atendimentos.

No ano seguinte, em 2018, é visto que o Governo de Roraima altera seu posicionamento, promulgando a Ação Civil Originária 3121²³ (2018). Esta medida tornou-se uma das ferramentas públicas utilizadas, infelizmente, para fomentar a xenofobia e a intolerância. O contexto dessa ação diz sobre a ausência de apoio do Governo Federal ao estado, que enfrentava um volume significativo de migrantes venezuelanos. Segundo consta, alguns fatores como a preocupação com a circulação do vírus do sarampo no Brasil, que estaria potencialmente relacionada à migração venezuelana, e a pressão pela proteção dos direitos humanos, levaram até mesmo ao pedido de fechamento da fronteira como uma medida extrema para evitar violações sistemáticas desses direitos.

Os efeitos negativos dessa estratégia política são inúmeros. De modo geral, ela confere força a discursos populistas, que propõem falsas soluções às demandas da população e se esquivam de lidar com as causas reais dos problemas, além de isentar os gestores públicos de suas responsabilidades. Para os imigrantes, essa estratégia é ainda mais nociva, pois, além de não terem suas demandas reconhecidas, passam a ser responsabilizados por todas as falhas da administração pública, em áreas como saúde, segurança, educação, emprego e outros. (Milesi et al, 2018, p. 38).

O episódio se repetiu quando a Prefeitura de Boa Vista, liderada pela então prefeita Teresa Surita, anunciou medidas para lidar com os desafios decorrentes da migração. Em uma matéria jornalística assinada por Luan Guilherme Correia (Correia, 2017), observamos a presença de terminologias pejorativas e racistas que alimentavam o imaginário de repulsa em relação aos migrantes, como pode ser notado em expressões como “anunciou uma série de medidas para controle e auxílio aos estrangeiros” e “a doação de um aluguel solidário e alimentação para milhares de venezuelanos não-índios”. Essa abordagem provocou repercussões negativas em todo o estado de Roraima, gerando manifestações, o que levou a prefeitura a recuar, esclarecendo que se tratava da construção de abrigos de acolhida, e não do pagamento de aluguéis.

No auge desse tensionamento, o Jornal Folha BV veicula uma matéria intitulada: “Imigrantes haitianos viram exemplo de superação no mercado informal” (Folhabv, 2017),

²³ Hoje sem validade, mas importante para entender como o discurso político inflamou as reações violentas em Pacaraima.

evidenciando uma abordagem que, ao destacar os migrantes haitianos como exemplo de superação, pode inadvertidamente contribuir para uma representação negativa dos migrantes venezuelanos. Essa narrativa, ao colocar um grupo de migrantes em destaque, pode impactar localmente, influenciando o discurso popular de maneira significativa perpetuando estigmas e preconceitos.

Em 2017, para intensificar ainda mais um olhar preconceituoso sobre os venezuelanos migrantes, outras matérias jornalísticas foram publicadas com manchetes, tais como “o governo prevê caos com a migração em massa” (Folhabv, 2017), “Venezuela está cada vez mais perto de uma guerra civil, diz EUA” (Folhabv, 2017), “Estados Unidos não irão tolerar ‘ditadura’ na Venezuela, diz ONU” (Folhabv, 2017) e “Venezuelanos constroem favela na área externa” (Folhabv, 2017). Essas manchetes, ao destacarem problemas e conflitos no país de origem, inadvertidamente contribuíram para a criação de estigmas e preconceitos em relação aos migrantes, alimentando percepções negativas que podem reverberar na sociedade receptora. Esse tipo de cobertura ressalta a importância de um jornalismo responsável e equilibrado ao abordar questões sensíveis, como a migração, evitando a propagação de estereótipos prejudiciais.

Ao passo que em 2018, ano eleitoral no Brasil, a persistência em caracterizar a migração como um problema político não é tão notável nas matérias jornalísticas do jornal. As matérias jornalísticas se limitam a evidenciar como o Governo brasileiro está respondendo e o que políticos locais têm feito para mitigar o problema, incluindo reuniões com o ex-presidente, Michel Temer. Chama a atenção uma matéria jornalística intitulada “Peru volta a permitir entrada de venezuelanos sem passaporte” (Folhabv, 2017), destacando o direito de livre locomoção de venezuelanos pela América Latina, por outro lado, uma entrevista concedida pelo então secretário da Casa Civil de Roraima, Frederico Linhares (Folhabv, 2017), indica o desejo do governo estadual em limitar a entrada de venezuelanos a 200 pessoas, por dia, na fronteira em Pacaraima. Vale lembrar que os discursos xenofóbicos e contrários à acolhida dos Venezuelanos eram frequentes no estado de Roraima e foram ecoados em campanhas eleitorais, mas não noticiados no jornal²⁴.

²⁴ Em 2018, eu morava em Manaus-AM e acompanhava as redes sociais e notícias locais. Neste mesmo período, visitei Pacaraima e, apesar de toda a organização, as pessoas sempre se expressavam com muita rudeza em relação à população migrante na cidade. Era bastante comum, por exemplo, ouvir que candidato X ou Y assumiria a responsabilidade de encerrar a Operação Acolhida e controlar a migração na cidade.

Em 2019, já sob a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, o cenário passa por mudanças significativas, como por exemplo, a saída do Brasil do Pacto de Migração e ressoa fala do ex-presidente sobre: “o Brasil é soberano” (Folhabv, 2019). As primeiras matérias jornalísticas do ano destacam a atenção de um deputado quanto à fiscalização da aplicação dos recursos da Operação Acolhida, exigindo transparência: “Deputado pede transparência na aplicação de recursos” (Carvalho, 2019). Em meio às tensões vivenciadas pela Venezuela naquele período, o ex-juiz e ex-ministro da Justiça, atual senador pelo estado do Paraná, Sérgio Moro, autoriza a deportação de estrangeiros considerados “criminosos” (Folhabv, 2019), reforçando uma característica já associada aos migrantes em Pacaraima: a ideia de serem criminosos e economicamente desfavorecidos. Outra vez uma abordagem que contribui para a perpetuação de estereótipos prejudiciais.

Ainda em 2019, um destaque é a entrevista do prefeito de Pacaraima, Juliano Torquato, à FolhaBV, ressaltando que a migração venezuelana estava afetando o abastecimento hídrico da cidade (Rocha, 2019). Isso ocorreu numa tentativa de desviar a atenção do serviço de baixa qualidade disponível à época e reforçar problemas sociais do município, nunca resolvidos (Rocha; Silva, 2012²⁵), associando-os à presença da população migrante. É nesse período que o ditador venezuelano, Nicolás Maduro, envia tanques de guerra à fronteira brasileira e ameaça desligar o sistema de distribuição de energia para o estado de Roraima, gerando uma grande instabilidade política e social na fronteira (Folhabv, 2019).

Já em 2020, pouco antes de iniciar pandemia da síndrome respiratória do COVID-19, deputados estaduais visitam a cidade de Pacaraima e cobram “providências sobre a crise migratória”²⁶. O deputado estadual Renato Silva, na entrevista concedida, enfatiza que: “Quando o povo brasileiro decide se manifestar de forma pacífica, a PRF, que deveria proteger os moradores, coloca eles para correrem desferindo tiros de bala de borracha. Quando um venezuelano comete crimes não se vê as autoridades policiais reagirem dessa forma. Deixo meu repúdio à ação da PRF”. Discurso, este, que reforça na população local um sentimento de inconformidade com a abordagem das autoridades policiais diante de manifestações e crimes,

²⁵ Nesse capítulo, Rocha e Silva (2012) já apontavam os problemas e dilemas enfrentados pela população de Pacaraima em 2011, derrubando a tese do majoritário do município que seria culpa da migração venezuelana naquela época.

²⁶ Essa mesma matéria jornalística cita eventos anteriores que causaram manifestações na cidade, estas, não foram encontradas nas pesquisas na página web do jornal

contribuindo para a polarização de opiniões sobre a migração venezuelana e reforçando ainda mais uma imagem negativa de quem migra na cidade. (Folhabv, 2020).

O próprio decreto de fechamento das fronteiras terrestres em 2020 para mitigar o impacto da pandemia reforçava a ideia de “estrangeiro”, como uma medida do governo federal para interromper a entrada de venezuelanos por Pacaraima, com a manchete “Restrição de entrada de estrangeiros via terrestre é prorrogada” (Folhabv, 2020). Curiosamente, a matéria jornalística classificava a matéria com a *tag* “Venezuela”, embora não citasse diretamente a migração venezuelana, evidenciando a associação automática entre ‘estrangeiros’ e o contexto migratório local, o que contribui para a perpetuação de estereótipos.

As restrições à permanência de migrantes venezuelanos na cidade foram evidenciadas no início de 2021, durante uma ação policial que invadiu o abrigo administrado pela Pastoral dos Migrantes em Pacaraima, alegando condições insalubres no local. Segundo o Ministério Público Federal e a Defensoria Pública da União, havia a intenção de deportar mulheres e crianças desprovidas de documentação na época. De acordo com as autoridades, “a forte presença de policiais militares e federais armados, alguns encapuzados, transmite a ideia de que não se tratou de simples inspeção sanitária, mas de ação coordenada com o objetivo de invadir a Casa São José, desativá-la, e encaminhar mulheres e crianças para a deportação” (Folhabv, 2021), essa mesma situação, observada nos abrigos da Operação Acolhida, contrasta com a ausência de uma ação semelhante.

Ainda em 2021, a Câmara de Vereadores de Pacaraima convocou uma audiência pública para discutir o “caos social e insegurança com o aumento do número de crimes, como furtos, roubos e arrombamentos e relacionam essa subida com a migração”, sob o título da matéria “Câmara de Pacaraima discutirá alternativas contra impactos da migração” (Folhabv, 2021). No entanto, a audiência foi adiada posteriormente para permitir a participação de autoridades públicas conforme noticiado pelo jornal analisado. Não há informações disponíveis sobre as discussões realizadas após o adiamento. É importante ressaltar que esse episódio ocorreu em meados de outubro de 2021, um ano antes das eleições a nível estadual e federal, período em que os políticos começam a se articular e a tirar proveito da situação para sua autopromoção.

Disso, obtém destaque as polêmicas declarações feitas no período pelo ex-senador por Roraima, Telmário Mota, ainda em 2021, “Ou acaba com a Operação Acolhida ou acaba com Roraima”, induzindo, dias depois, que a melhor solução seria pôr fim ao acolhimento em

Roraima, sugerindo que a Operação Acolhida fosse feita dentro do estado venezuelano e não no Brasil, uma fala que gerou controvérsia e debate entre as pessoas que o apoiavam, destacando a migração como algo violento e problemático.

Em 2022, ano eleitoral, o jornal FolhaBV realizou uma entrevista exclusiva com o ex-presidente Jair Bolsonaro para abordar, entre outros assuntos, a questão da migração venezuelana em Pacaraima e Boa Vista. Na entrevista, o ex-presidente já aborda a questão do povo venezuelano como uma “questão humanitária”, destacando que o principal público assistido são mulheres e crianças, e que a construção de um muro na fronteira não resolveria o problema. No entanto, ele ainda enfatiza que o povo venezuelano foge “do regime de Maduro, apoiado pelo PT no Brasil” (Folhabv, 2022). Essas declarações, dadas em um contexto eleitoral, refletem as diferentes abordagens políticas sobre a questão da migração e sua interpretação em relação à política nacional e internacional.

Ainda no contexto das declarações polêmicas feitas em 2022, o jornal noticiou um encontro do ex-presidente com uma mulher venezuelana em São Paulo, onde ele afirmou que já esteve em Pacaraima²⁷ e reafirmou categoricamente que a crise venezuelana é fruto da má administração governamental de Chavez e Maduro (Folhabv, 2022), sugerindo o mesmo destino caso o candidato à época, hoje presidente do Brasil, Lula, ganhasse as eleições. O episódio, então, reforça os discursos locais de apoio ao ex-presidente e aumenta a tensão em relação aos venezuelanos por terem o presidente Maduro no poder. A retórica anti Maduro, amplamente difundida durante o mandato do ex-presidente Bolsonaro, continua a moldar as percepções sobre a migração venezuelana ao Brasil.

É importante destacar essas coisas para entender que a construção narrativa desse processo é que irá influenciar a construção das representações do povo venezuelano em Pacaraima. Muito embora, todo o discurso de acolhida e de boas-vindas aos migrantes venezuelanos, é uma forma de ataque ao atual governo da Venezuela, na tentativa de desmoralizar e deslegitima-lo, acolhendo aqui e condenando lá, com um “discurso blando, velado em argumentos humanitários, viene a la par de la instrumentación de denuncias y ataques al gobierno venezolano, es decir, es un mecanismo a través del cual se ponen en evidencia las

²⁷ O ex-presidente Bolsonaro afirma, no texto da matéria jornalística ter ido a Pacaraima, no entanto, não foi encontrado nenhum registro de sua ida a fronteira, excetuando sua ida a Boa Vista, capital de Roraima, em diversas ocasiões.

fricciones y contradicciones de las relaciones bilaterales”²⁸ (Gallegos; Grajales, 2021, p. 50).

2.3.2 Das manifestações à violência

A retórica inflamada e polarizada sobre a Venezuela e sua relação com o cenário político brasileiro foi um campo perfeito para incitar sentimentos de hostilidade e animosidade em algumas ocasiões na cidade de Pacaraima, num contexto de uma cidade “extremamente” conservadora e seguidora do ex-presidente Bolsonaro²⁹, que conspirou várias vezes imaginando que o comunismo invadiria o Brasil assim como, supostamente, na Venezuela (Toscano; Colussi; Silva; Arrufat-Martín, 2024). Esses episódios desencadearam um clima de tensão e hostilidade na região, exacerbando os conflitos e aumentando a vulnerabilidade dos migrantes venezuelanos. Além disso, contribuíram para a disseminação de estereótipos negativos e preconceitos em relação aos migrantes, alimentando um ciclo de desconfiança e intolerância. As ações dos políticos locais, ao invés de promoverem soluções humanitárias e diálogo, agravaram ainda mais a situação, que levaram à violência de municípios contra os migrantes em Pacaraima.

Enquanto já ressoavam as notícias em 2017 de como a capital recepcionava e se deparava com a migração como “RR ainda espera por ajuda e governo prevê caos com a migração em massa” (Folhabv, 2017) e “Favela surge com chegada de mais venezuelanos no entorno da rodoviária” (Folhabv, 2017), começava a se formar um estereótipo amplamente difundido: migrantes eram associados à desorganização e a problemas sociais. Esse quadro contribuiu para a estigmatização dos venezuelanos que buscavam refúgio no Brasil, por Pacaraima. Quando estive em Pacaraima em janeiro de 2017, ouvi muitos moradores locais comentarem que “pessoas perigosas” da Venezuela estavam entrando no Brasil sem documentos e, ao chegar aqui, obtinham um documento chamado de refúgio sem a necessidade de apresentar qualquer dado oficial de seu país. Isso foi visto como uma porta aberta para a entrada da criminalidade no Brasil, expressado pelo senso comum à época.

²⁸ Tradução nossa: “esse discurso apaziguador, velado de argumentos humanitários, que vem ao encontro da instrumentalização de denúncias e ataques ao governo venezuelano, é o mesmo que dizer que é um mecanismo através do qual se colocam em evidenciar os atritos e contradições das relações bilaterais”.

²⁹ A exemplo, nas eleições de 2022, dos 8427 eleitores aptos em Pacaraima, 61,51% elegeriam Bolsonaro no 1º Turno e 63,93% no 2º Turno das Eleições daquele ano. Fonte: Supremo Tribunal Eleitoral (TSE), disponível em <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/resultado-da-elei%C3%A7%C3%A3o?session=214529647412803>, acesso em 11/02/2024.

Embora a maioria das matérias jornalísticas mencione a capital, seu impacto se reflete diretamente no cotidiano de Pacaraima, onde a mudança rápida na rotina não recebe a mesma visibilidade. Em março de 2018, poucos dias depois do início da Operação Acolhida, um grupo faz uma manifestação na cidade em razão de que o abrigo seria construído no principal espaço de lazer dos munícipes (Folhabv, 2018). No entanto, em 18/08/2018³⁰, a população expressou sua revolta de forma marcante. Naquele sábado de agosto, aproximadamente 1200 pessoas foram expulsas de Pacaraima durante uma revolta da população, que se organizara silenciosamente no dia anterior, revelando as tensões subjacentes à situação dos migrantes venezuelanos na região. O evento, que ganhou repercussão internacional e foi manchete em diversos portais de notícias, destacou a gravidade e a enredamento das questões envolvendo a migração e a recepção dos venezuelanos em Pacaraima (Folhabv, 2018; Barbosa, 2018).

O jornal, de forma curiosa, não forneceu uma descrição detalhada da ocorrência (ao que mencionou sem grande destaque), ao contrário de outros veículos de comunicação que destacaram a violência e a impiedade com que os brasileiros agiram, além de divulgar vídeos gravados pelos próprios protestantes. Posteriormente, foi noticiada a reação da população local, “Moradores de Pacaraima contestam matéria do Fantástico” (Folhabv, 2018), que contestaram a matéria veiculada no Fantástico, principal programa jornalístico da TV Globo, após o episódio ganhar destaque na mídia nacional. Dias depois foi realizada outra manifestação, dessa vez com pouca adesão, segundo a matéria jornalística “Nova manifestação é registrada em Pacaraima” (Folhabv, 2018), não tiveram adeptos porque havia a notícia de que o Ministério Público acionou a Polícia Civil para investigar as pessoas envolvidas na expulsão dos venezuelanos dias antes.

Um ano após esse episódio, em agosto de 2019, a população organizou um novo protesto na cidade. Diferentemente do que ocorreu um ano antes, os manifestantes marcharam pelas principais ruas de Pacaraima, realizando um buzinaço e exibindo cartazes com palavras de ordem, com o objetivo de chamar a atenção das autoridades para o estado caótico em que se

³⁰ Em março de 2018, a sede do município de Mucajaí foi palco do primeiro episódio de expulsão (que foi tomado como “exemplo”, conforme as conversas populares da época em Pacaraima) quando um grupo de brasileiros protestavam contra uma suposta “invasão” venezuelana na cidade e aumento da criminalidade por um episódio que vitimou um brasileiro e um venezuelano. O alvo foi um abrigo improvisado e as pessoas, além de serem expulsas, tiveram seus pertences lançados à rua. Esse episódio está disponível no link: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/moradores-de-mucajai-expulsam-venezuelanos-de-abrigo-e-fecham-br/>.

encontra o município. Em destaque na matéria jornalística intitulada “Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima” (Folhabv, 2019)³¹, um morador não identificado, mesmo protestando contra a migração, alertou para a ausência do poder público na prestação de serviços na localidade: “a população se sente desassistida. Os policiais que trabalham dentro do município estão sobrecarregados e eles precisam ter mais condições de trabalho. Tem muita viatura ‘no prego’ e o efetivo é insuficiente para atender a quantidade de pessoas que moram aqui”.

Após experienciarem os decretos de isolamento social e todas as suas restrições em 2020, novos protestos não puderam ocorrer. Foi somente em novembro de 2021 que uma nova onda de tensão entre brasileiros e venezuelanos surgiu, desencadeada pelo assassinato de um comerciante durante um assalto (Folhabv, 2021)³². Esse incidente exacerbou as tensões já existentes e ondas de violência contra os migrantes e trabalhadores humanitários foram registrados. Nesse protesto, cartazes não só bradavam ordem, mas também insultos aos trabalhadores humanitários na cidade.

Um destes cartazes utilizados na manifestação³³, chamou-me muito a atenção por carregar a expressão: “cabeça vazia é oficina das ONG’S” (Imagem 1), uma catacrese ao bordão “mente vazia, oficina do diabo”, induzindo que os atos criminosos cometidos por alguns venezuelanos na cidade eram “patrocinados” (ou estimulados) pelas agências internacionais que administram os abrigos da Operação Acolhida e os demais serviços. Esse tipo de comentário passou a ser corriqueiro e trouxe muita insegurança para os trabalhadores humanitários naquela região, constatando que “a violência, incluindo os abusos e assédios, mata o humanitário e o humanitarista deixa de viver [...], o que o desumaniza” (Lemos, p. 137, 2021). Outras formas de violência foram constatadas pelos trabalhadores humanitários que eram rechaçados ao tentar acessar serviços públicos e privados em Pacaraima, como por exemplo,

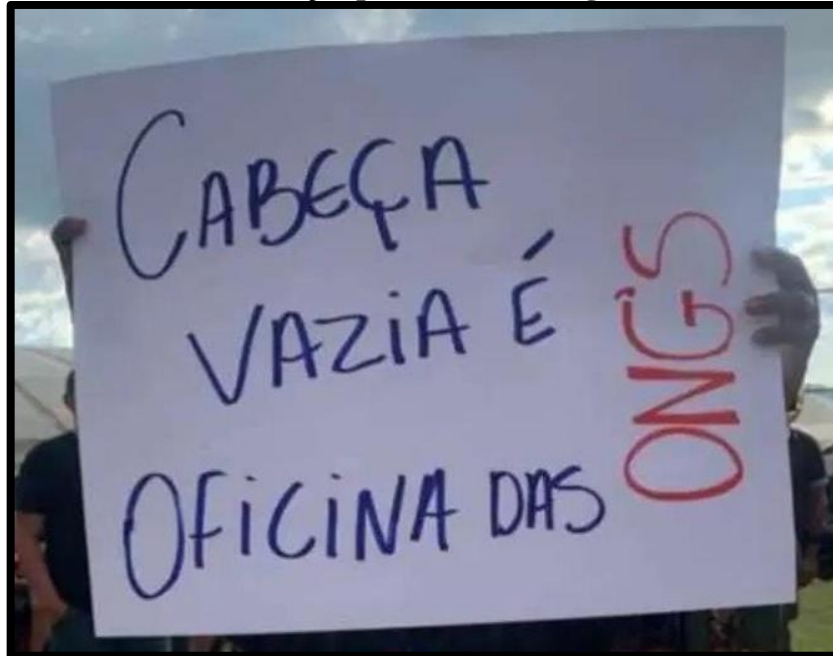
³¹Essa manifestação repercutiu em uma cena da novela “Órfãos da Terra”, da TV Globo, em 17/08/2019 (disponível em: <https://globoplay.globo.com/orfaos-da-terra/t/G2Ddk86BWF/>) gerando descontentamento do governo de Roraima que avaliou como um “desserviço” visto que o estado havia empenhado “esforços” para a população migrante. Vale ressaltar que a cena da novela faz uma crítica aos protestos feitos por moradores em Pacaraima e não às ações do governo estadual.

³² O episódio teve o fim esclarecido em maio de 2022, quando um suspeito é preso pelo crime. Disponível aqui: <https://www.folhabv.com.br/policia/suspeito-de-matar-comerciante-em-pacaraima-e-presos/>

³³ No dia em que a imagem começou a circular nas redes sociais e foi divulgada nos portais online, fui alvo de uma enxurrada de críticas por parte de amigos próximos, que me acusaram de contribuir para a criminalidade por ser funcionário de uma organização internacional em Boa Vista. Foi nesse momento que decidi redigir o esboço do projeto de mestrado, com o título mencionado, e submetê-lo ao PPGSOF.

não conseguir usar o serviço de táxi da cidade porque os taxistas evitavam transportar os trabalhadores das ONGs.

Figura 3³⁴: Cartaz utilizado em protesto em Pacaraima em 2021 como uma crítica aos trabalhadores e serviços prestados aos migrantes na cidade.



Fonte: Internet/Instagram/@noticias24hrr (2021).

A seção do Jornal FolhaBV contribuiu de forma significativa para a construção de uma imagem negativa dos migrantes venezuelanos. Não apenas deixou de destacar suas potencialidades, mas também persistiu em retratar os venezuelanos como problemáticos para a sociedade local. A Tabela 3 apresenta as principais matérias jornalísticas coletadas durante o período, evidenciando como a criação de uma imagem negativa dos migrantes foi uma forma muito evidente de promover tensões, preconceitos e xenofobia.

Tabela 3 – Matérias jornalísticas veiculadas entre 2017-2022 na seção Policia do Jornal FolhaBV.

ORDEM	DATA	TÍTULO DA MATÉRIA JORNALÍSTICA
01	19/08/2017	Prostituição avança e afugenta moradores e comerciantes do Caimbé
02	03/11/2017	Crianças venezuelanas estavam sendo obrigadas pelos pais a se prostituírem
03	18/11/2017	Com mais de mil venezuelanos, segurança é o desafio em abrigos

³⁴ Durante o período do protesto, essa imagem ganhou destaque nos portais da FolhaBV e G1 Roraima. No entanto, alguns dias após sua publicação, foi removida. Eu guardava os prints das publicações, mas perdi tudo em novembro de 2023, com uma pane elétrica no meu computador. Posteriormente, a imagem ressurgiu em uma página não oficial de notícias no Instagram, chamada @noticias24hrr. No entanto, verificou-se que, em 12/02/2024, a referida página estava fora do ar.

04	09/09/2018	Exército realiza retirada de venezuelanos de ruas da Capital
05	09/10/2018	Venezuelanos são retirados do Estado por medida de segurança
06	23/02/2019	Clima de Guerra toma conta de Santa Elena de Uairén
07	18/08/2020	Operação cumpre 19 mandados de prisão a venezuelanos em RR e MS
08	18/08/2020	Mais de 700 venezuelanos fazem parte de facção em Roraima
09	19/08/2020	Dupla de imigrantes é detida com 48 papalotes de crack e celulares
10	23/09/2020	Venezuelanos atuam em papel de liderança no crime organizado em RR
11	12/02/2021	Não dá para evitar adesão de venezuelanos em facções', diz Sesp
12	15/08/2022	Crime organizado da Venezuela está em Roraima, diz chefe da Dicap
13	14/11/2022	Líder de quadrilha venezuelana que planejava vir para Roraima é preso

Fonte: Folha de Boa Vista (2024).

Considerando que delimitamos o marco temporal da pesquisa até 2022, não houve registro de nenhum outro protesto após o incidente mencionado anteriormente. Surge a questão de se a população deixou de protestar porque os movimentos não estavam surtindo os efeitos esperados ou se, pelo contrário, houve um processo de resignação e aceitação da situação. Isso seria impossível de prever. Ademais, o tema da migração em Pacaraima ainda hoje não foi resolvido e desperta, ora ou outra, a necessidade de agir para organizar a fronteira, sugerindo que a questão continua sendo um ponto de tensão e preocupação para a comunidade local e as autoridades. Novos desafios e debates certamente surgirão à medida que a dinâmica migratória e as políticas de fronteira continuarem a evoluir.

2.3.3 Da violência ao silêncio

A falta de políticas públicas voltadas para a inserção social e econômica dos migrantes também pode resultar em segregação social, falta de acesso a serviços básicos e aumentar a vulnerabilidade dessas populações. Além disso, a ausência de diretrizes claras pode intensificar a xenofobia e o preconceito, criando barreiras para a interação deles na sociedade. Este é o grande grito de silêncio da migração em Pacaraima, pois, enquanto a migração é tratada com viés político e ideológico, a troca de defender uma ideologia e demonizar a outra, nenhuma das ações existentes até então tornou-se política pública. A Operação Humanitária ainda trata a questão da migração na cidade como uma crise ou emergência.

A migração venezuelana continua a suscitar desconfiança na sociedade local, mesmo diante da ausência de eventos considerados ‘violentos’ até o momento. Os estereótipos e os sentimentos de desconfiança permanecem enraizados na comunidade, influenciando a percepção sobre os migrantes e gerando uma atmosfera de incerteza e apreensão. A persistência desses estereótipos pode contribuir para a marginalização e a discriminação dos migrantes, criando barreiras adicionais para sua inclusão e bem-estar na comunidade. Essa reflexão é respaldada por um estudo realizado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2023) confirmou essa tendência, revelando que 27% dos participantes da pesquisa afirmaram ter sido alvo de discriminação. A nacionalidade foi apontada como a razão primordial para esse tratamento discriminatório, citada por 89% dos entrevistados, seguida pela situação econômica, mencionada por 7%.

De maneira irônica, mesmo que alguns brasileiros expressem sua insatisfação, argumentando que não desejam que Pacaraima se torne uma cidade venezuelana e tentem legitimar seus discursos indicando que os migrantes são assistidos pelos impostos dos brasileiros, dados coletados pelo portal de notícias G1 Roraima (Félix, 2020) apontam que o Produto Interno Bruto de Roraima cresceu 4,3% em 2019, impulsionado pelas exportações para a Venezuela e que a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de Roraima aumentou na época, em decorrência da migração venezuelana, crescendo consideravelmente ao longo dos últimos anos e ocupando a 5ª posição no ranking da região norte e a 16ª a nível nacional (Azevedo, 2023). Contrariando as opiniões de senso comum, dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) indicam que os migrantes e refugiados da Venezuela representam oportunidades econômicas para a América Latina (Arena, 2022). No entanto, ao ser comparado com outros países como Peru, Colômbia, Equador e Chile, o Brasil não registrou grandes ganhos econômicos potenciais devido à falta de investimento na interação de migrantes, que têm o potencial de aumentar o PIB. Os dados revelam que a interação contribui para impulsionar o PIB e compensar os gastos associados.

Apesar disso, é importante ressaltar que, de acordo com dados do IBGE (2023) provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) indica um aumento de 12,3% na taxa de pobreza em Roraima durante o período de 2012 a 2022. Esse aumento reflete no fato de que 45,1% da população está vivendo nesta condição de pobreza, superando a média nacional de 31,6%. Esses números destacam os desafios socioeconômicos enfrentados pelo estado, incluindo a necessidade de políticas e

programas que visem reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento econômico e social, não só de brasileiros, mas, de um grande número de migrantes em Roraima.

Destarte, o ACNUR (2022) divulgou em novembro de 2022 um relatório/diagnóstico sobre a autonomia e integração de refugiados e migrantes em Roraima. Esse diagnóstico inclui entrevistas com representantes de vários setores da economia local, que destacam as habilidades e vantagens na contratação da mão de obra venezuelana. O documento ressalta que os venezuelanos demonstram grande esforço, versatilidade e disposição para aprender novas tarefas. Além disso, são criativos, fluentes em espanhol e sua contratação contribui positivamente para a diversidade cultural e interações enriquecedoras no ambiente de trabalho.

Assim sendo, os migrantes venezuelanos não devem ser vistos apenas como beneficiários de uma assistência humanitária, mas como agentes de mudança e transformação. Suas habilidades, experiências e perspectivas podem enriquecer a sociedade local e contribuir para o crescimento econômico e social de Pacaraima e de Roraima como um todo. Torna-se relevante a importância da interação, do acolhimento, das oportunidades, do acesso a serviços básicos, do conhecimento da cultura brasileira e de suas expressões culturais próprias, respeitando os seus direitos humanos fundamentais.

CAP 03: OFICINA DAS ONGS? O TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL

Somos de Roraima / Bom povo brasileiro / Que não foge da luta / E tem seu valor. [Hino de Pacaraima]

3.1 OFICINA DO POVO: A SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA PROTAGONISTA DA ACOLHIDA

Durante uma das várias visitas a Pacaraima entre 2015 e 2017, antes da implementação da Operação Acolhida, testemunhei diversas demonstrações de solidariedade e cidadania. Mesmo diante de suas próprias limitações, parte da comunidade local acolhia os migrantes mostrando-se disposta a compartilhar recursos e oferecer apoio em um momento de extrema vulnerabilidade. Esse gesto ilustra o poder transformador da solidariedade e da compaixão em meio a desafios humanitários que, naquela época, ainda não se tinha dimensão do que iria se tornar. Foi um período que não estava em jogo os discursos políticos que imputavam uma condenação ideológica sobre as pessoas que chegavam e muito menos existia demonstrações de xenofobia tão explícitos. É certo que não estou descrevendo um conto de fadas, mas que, diferentemente do que se tornou depois, o ambiente era bem mais acolhedor.

Pude, neste período, despertar meu interesse para um momento, hoje histórico, e à época, desconhecido, que é a migração venezuelana para o Brasil. Escrevi o trabalho “A Migração venezuelana e a resposta da Igreja” [Católica], apresentado no Simpósio Amazônico Teológico, em Manaus-AM, destacando que diante daquele exílio era uma instituição religiosa quem começava a acolhida dos migrantes, diante do cenário de escassez que fazia o povo se exilar em Pacaraima. Depois, escrevi com a ajuda de um amigo o trabalho “Gente da Fronteira: uma percepção Steniana da migração venezuelana”, apresentado no Simpósio Internacional sobre Edith Stein, em Brasília/DF, evidenciando já as primeiras percepções que as pessoas brasileiras tinham daqueles migrantes que chegavam a partir da fenomenologia de Edith Stein.

Os esforços da sociedade civil são os motores da acolhida (ousaria dizer que é esse exemplo que inspira o nome da operação estabelecida naquela localidade), à medida que seus esforços iniciam o processo e as organizações chegam para oferecer suporte. Estas organizações, estruturadas como instituições formais de diversas categorias, passam a fornecer suporte para os escassos serviços públicos enfrentados pelos moradores de Pacaraima, que foram ainda mais desafiados pelas necessidades dos migrantes, sobrecarregando o serviço público.

As organizações da sociedade civil assumiram o protagonismo no acolhimento e foram atores fundamentais na garantia de direitos e proteção aos migrantes. Segundo Sarmiento e Rodrigues (2020, p. 22)

As ações de algumas dessas organizações da sociedade civil às vezes transcendiam à assistência emergencial ou ações solidárias. [...]. Essas entidades, a maioria ligadas à igreja católica, associadas a outras entidades da sociedade civil, organizavam atos políticos e reivindicatórios tais como: audiências públicas, O Grito dos Excluídos, criação de uma associação de migrantes, publicações de notas de repúdio contra atos arbitrários ou negligências das autoridades públicas, dentre outras ações. Ou seja, realizavam ações que extrapolavam o viés meramente caritativo.

A presença de inúmeras ONG's e na cidade não apenas fortaleceu a economia local, mas também proporcionou novas perspectivas de emprego a jovens universitários ou recém formados e desempregados. As vagas de emprego criadas contribuíram significativamente para o desenvolvimento e a estabilidade da comunidade. Além disso, a experiência adquirida na cidade abriu portas para oportunidades de trabalho internacional, impulsionando profissionalmente muitos residentes para o cenário de organizações da ONU e internacionais.

3.1.1 Protagonistas da Acolhida antes da Operação: a sociedade civil

“Pessoas que fazem história, mas não estão nos livros de História”³⁵, são aquelas cujas contribuições e realizações não foram documentadas ou reconhecidas pelas narrativas da migração venezuelana em Pacaraima ou simplesmente foram ocultadas pelos episódios violentos que ocuparam o cenário local. Essas pessoas incluem indivíduos comuns que desempenharam papéis significativos em ações pessoais e comunitárias, que lutaram por dar um pão ou um prato de sopa, oferecer abrigo temporário, ou simplesmente fornecer apoio emocional aos migrantes que chegavam em busca de uma nova vida. Embora seus esforços possam não ter sido registrados nos relatos oficiais, seu impacto foi profundamente sentido pelas pessoas que receberam sua ajuda e solidariedade em momentos de extrema necessidade.

³⁵ A frase "Pessoas que fazem história, mas não estão nos livros de História" é atribuída a algumas fontes diferentes e pode ter sido popularizada por diversas pessoas ao longo do tempo. Não há um único autor definitivo associado a essa frase. Ela expressa a ideia de que há muitas pessoas cujas contribuições importantes para a história não são reconhecidas ou documentadas nos livros de história tradicionais.

Quando os migrantes cruzavam a fronteira, encontravam em Pacaraima, por um lado, a solidariedade e, por outro lado, a incompreensão de moradores locais. Os primeiros grupos desfrutaram de uma acolhida por parte de alguns moradores, que compartilhavam alimentos, roupas e abrigo com os recém-chegados. No entanto, também enfrentaram incompreensão e hostilidade por parte de outros residentes, que viam a chegada dos migrantes como uma ameaça à estabilidade local e aos recursos já escassos. Esse antagonismo expresso nas diversas reações demonstrou a complexidade das interações entre os migrantes e a comunidade local, refletindo os desafios e as oportunidades de interação inerentes ao processo de migração.

Antes da chegada das Forças Armadas, o acolhimento dos/as migrantes venezuelanos/as em Roraima era realizado predominantemente pela chamada Sociedade Civil Organizada (SCO) local, categoria ampla que reúne organizações não governamentais, igrejas, sindicatos e outros coletivos. O suporte logístico era provido precariamente pelo governo do estado. A SCO estava majoritariamente representada por entidades religiosas que, em parcerias com professores e alunos da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e agências internacionais, executavam ações de acolhimento. Durante esse primeiro momento, foram criados espaços de articulações, mobilização e debates sobre o tema. (Vasconcelos; Machado, 2021, p. 115).

Em janeiro de 2017, ao visitar Pacaraima, fiquei profundamente impactado pela dificuldades da situação que testemunhei. Em meio à forte rejeição percebida em relação às pessoas em situação de rua, havia uma rede discreta de solidariedade entre os moradores locais. Mesmo diante das dificuldades e da relutância em reconhecer publicamente seus esforços, muitos residentes desafiavam-se a prestar alguma ajuda, contribuindo com doações e apoio às iniciativas particulares que surgiam.

Em uma dessas ocasiões, senti-me compelido a compartilhar minhas impressões em uma rede social particular, ressaltando a coragem e a generosidade silenciosa daqueles que, mesmo enfrentando adversidades próprias, encontravam maneiras de estender a mão aos mais necessitados. Foi inspirador testemunhar esses atos de humanidade em meio a um cenário de desafios e incertezas. Essas experiências reforçaram minha convicção na capacidade das pessoas comuns de fazer a diferença, muitas vezes longe dos holofotes e das narrativas convencionais.

Escrevi na rede social Facebook:

Até então tinha visto pouco do grande exílio que vive o povo venezuelano por conta da crise social e política que aquele país está passando. Ou ainda mais drástico, que o povo está passando. O povo pobre, obviamente. No ano passado, as notícias da grande movimentação, dos problemas que estavam

aparecendo, a desestabilidade do município de Pacaraima-RR, a falta de estrutura para receber um número muito grande de pessoas que tentavam “fugir” da fome e da miséria por eventual crise na Venezuela, eram vistas por mim por meio dos jornais e fotos que recebia pelo whatsapp. No entanto, não imaginava a dimensão do “problema”.

Em meio a muitos comentários toscos, como: “eles estão atrasando o Brasil”, “deveriam fechar a fronteira e impedir deles entrarem”; “é mais um problema para nós”; “isso é uma praga”. Há muitas pessoas que se aproveitam da fragilidade delas para lucrar. Uma grande condenação da dignidade desses seres humanos que já sofrem com tantos problemas.

Ver tudo isso, particularmente, angustia meu coração.

[...]

Nestas iniciativas, encontramos pessoas que voluntariamente, buscam na medida do possível realizar alguma atividade para saciar as necessidades das pessoas que estão vivendo a mercê nas ruas da cidade. Sem trabalho, sem um local apropriado para dormirem e realizarem suas necessidades fisiológicas (vi que elas dormem numa praça antiga da cidade que não tem estrutura, aliás, só tem uma árvore, e quando chove, ficam, literalmente, debaixo d'água), sem condições humanas para estas pessoas.

A situação é muito crítica. O que escrevi aqui não é suficiente para descrever a dimensão do problema que só aumenta. Eu fiquei sem palavras, olhar aquelas crianças, mulheres e homens que, quando nos viram, enchiam-se de esperança, pois, naquele momento poderiam saciar a fome que lhe roía as entranhas. Eles estão com sede, estão com fome, não tem o que vestir, estão desabrigados, estão esquecidos, estão jogados. Estamos esquecendo do valor da vida humana. Onde está nossa humanidade? (Antonio Eduardo, 2017).

A atuação das agências e organizações internacionais era bastante limitada ou até mesmo inexistente naquela época. Enquanto isso, as iniciativas da população local enfrentavam certa relutância devido aos comentários desencorajadores de uma parte da comunidade, como mencionado anteriormente. Surgia, então, a questão: seria apropriado oferecer ajuda a essas pessoas? Essa ponderação reflete não apenas a hesitação da comunidade diante das críticas e do estigma associado ao auxílio aos desfavorecidos, mas também levanta um questionamento mais profundo sobre o papel e a responsabilidade de cada indivíduo em uma sociedade em transformação. É uma reflexão sobre os valores fundamentais de compaixão, solidariedade e responsabilidade coletiva, que muitas vezes entram em conflito com os preconceitos arraigados e as normas sociais estabelecidas.

Uma das atividades de distribuição de café da manhã em que participei de forma voluntária, realizada por moradores de Pacaraima em janeiro de 2017 (conforme a Figura 4).

Figura 4: Distribuição de café da manhã em Pacaraima em janeiro de 2017.



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Diante desse dilema, a chegada da Operação Acolhida representou um ponto de inflexão. Enquanto trouxe consigo recursos e estruturação, também desmobilizou os esforços da sociedade civil local, muitas vezes desconsiderando os diálogos e as iniciativas já em andamento, que estavam fazendo uma grande diferença no contexto da migração venezuelana (Vasconcelos; Machado, 2021). E com a eclosão da pandemia de COVID-19, essas iniciativas perderam sua força, e os decretos de isolamento social dificultaram ainda mais o apoio direto às pessoas em situação de vulnerabilidade por parte da sociedade civil. O distanciamento físico e as restrições de movimento limitaram a capacidade das comunidades locais de oferecer assistência e solidariedade de maneira direta e imediata. Além disso, as instituições que chegaram à cidade por ocasião da Operação Acolhida também enfrentaram dificuldades para realizar suas atividades integralmente devido às medidas de segurança e às limitações impostas pela pandemia.

3.1.2 As agências, Organizações Internacionais e trabalhadores humanitários

Em Pacaraima, a presença de agências, organizações internacionais e trabalhadores humanitários desempenha um papel de destaque no apoio aos migrantes venezuelanos e nas comunidades de acolhimento. Essas entidades operam em colaboração com o governo brasileiro e as organizações locais para fornecer assistência humanitária, proteção e serviços

essenciais aos que chegam em busca de ajuda. As agências internacionais desempenham um papel fundamental na coordenação e implementação de programas de ajuda humanitária. Elas trabalham para garantir abrigo, alimentação, assistência médica, educação e proteção para os migrantes e refugiados venezuelanos.

No entanto, o caráter militarizado da Operação Acolhida em Pacaraima muitas vezes dava a entender que se tratava exclusivamente de um problema de segurança do Estado, desconsiderando a dimensão humanitária e social da crise migratória, tendo, muitas vezes uma disputa interna “não pela oferta do acolhimento em si, mas pelo poder de manejar recursos federais e por um lugar de destaque diante dos holofotes”, bem como demonstrar uma postura controladora em relação aos pesquisadores e pesquisadoras que tentavam acessar informações sobre o andamento da operação, limitando seu escopo de investigação e liberdade acadêmica (Vasconcelos; Machado, 2021, p. 114-117).

As agências e as ONGs que estão ativas em Pacaraima, oferecem uma variedade de serviços e programas destinados a atender às necessidades específicas dos migrantes. Essas ONGs geralmente se concentram em áreas como assistência médica, apoio psicossocial, abrigo temporário, distribuição de alimentos e educação. No Quadro 2, apresentamos um resumo das organizações presentes em Pacaraima em setembro de 2023, durante uma visita realizada para observar a situação na fronteira.

Quadro 2 – Organizações operadoras da Operação Acolhida em Pacaraima.

Operação Acolhida	
01	Governo Federal (incluído Ministérios)
02	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR
03	Organização Internacional para as Migrações – OIM
04	Fundo de Populações das Nações Unidas – UNFPA
05	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância – UNICEF
06	ONU Mulheres
07	Médicos Sem Fronteiras – MSF
08	Cruz Vermelha Brasileira
09	Cáritas Brasileira
10	Pastoral do Migrante
11	Fraternidade – Federação Humanitária Internacional – FFHI
12	Visão Mundial
13	Associação Voluntários para o Serviço Internacional – AVSI
14	Fraternidade Sem Fronteiras – FSF
15	Fundação Panamericana para o Desenvolvimento - PADF
16	A Casa – Museu do Objeto Brasileiro

17 Associação Internacional Canarinhos da Amazonia Embaixadores da Paz – AICAEP

Fonte: Autor (2023).

Algumas das 17 organizações listadas Quadro 2 podem ser subdivididas em entidades menores dentro de sua própria estrutura, financiando suas atividades, mas que não foram incluídas no quadro por estarem envolvidas em trabalhos mais específicos ou de apoio à estrutura principal.

A mão de obra para muitas dessas organizações é atrativa e tem levado pessoas de diferentes origens a tentarem uma oportunidade de trabalho em Pacaraima. No entanto, é importante destacar que a cidade não oferece os mesmos espaços de lazer e entretenimento encontrados na capital ou em outras áreas urbanas mais desenvolvidas. Essa falta de opções de lazer pode criar um ambiente desafiador para os trabalhadores que buscam um equilíbrio saudável entre vida profissional e pessoal.

Os trabalhadores humanitários desempenham um papel fundamental no terreno, oferecendo suporte direto e assistência aos migrantes venezuelanos com: interiorização, representação da organização, cadastramento, assistência social, proteção documental, Wash, incidência, articulação interinstitucional, alimentação, gestão de equipes, logística, gerenciamento de dados, coordenação de abrigo, capacitação de equipes, financeiro, proteção jurídica, administrativo, gestão de denúncias de abusos contra migrantes, avaliação de perfis, abrigo e responsabilização ética (Lemos, 2021).

3.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MIGRANTE VENEZUELANO A PARTIR DOS MORADORES DE PACARAIMA

Durante minha experiência de trabalho em uma organização participante da Operação Acolhida, eu conduzia pequenas entrevistas de pré-documentação com solicitantes de refúgio no Brasil. Embora as entrevistas fossem estruturadas, o que realmente me chamava a atenção eram as oportunidades de compreender a realidade única de cada pessoa entrevistada, de sentir suas emoções e entender suas histórias para além do que era evidente nas perguntas do formulário de solicitação de refúgio. Este aspecto humano da interação me permitiu conectar de forma mais profunda com as experiências e necessidades dos solicitantes de refúgio, respeitando sua dignidade e individualidade em um momento de vulnerabilidade.

Durante essas entrevistas, tive a oportunidade de ouvir relatos sinceros sobre como essas pessoas se sentiam ao chegar no Brasil. Muitos compartilharam experiências substanciais e contraditórias: enquanto eram acolhidos, também enfrentavam rejeição. No entanto, mesmo diante desses desafios, expressavam gratidão, reconhecendo que as condições no Brasil eram, de certa forma, mais favoráveis do que as que deixaram para trás. Diante desse cenário, permeado por uma mistura de sentimentos, questionei-me sobre como poderia contribuir para aliviar o sofrimento dessas pessoas. Foi então que compreendi que o simples ato de ouvi-las com empatia e compaixão já era uma forma significativa de apoio e solidariedade.

Dessa forma, em vez de adotar uma abordagem de entrevista estruturada para a minha pesquisa de campo, decidi partir da realidade e das experiências das pessoas entrevistadas, buscando entender não apenas o óbvio, mas como suas vivências moldaram suas percepções. Reconheci a importância de estabelecer um ponto de partida, uma pergunta inicial que servisse como referência para a conversa. Chamei esse ponto de partida de “marco temporal”, iniciando sempre com perguntas sobre há quanto tempo moravam em Pacaraima e qual era sua relação com os migrantes venezuelanos. A partir dessas respostas, conduzia as demais perguntas, costurando a relação delas com o objeto de estudo. Além disso, tinha claro um dos principais objetivos da pesquisa: identificar como os migrantes venezuelanos eram representados na percepção das pessoas entrevistadas. Essa abordagem mais flexível e sensível permitiu uma compreensão mais profunda das narrativas e das visões de mundo dos entrevistados.

3.2.1 A seleção das pessoas entrevistadas

Durante minhas idas e vindas a Pacaraima para realizar observações de campo, aproveitava a oportunidade para abordar pessoas que estivessem interessadas em contribuir com a pesquisa. O fato de já conhecer alguns moradores foi, ao mesmo tempo, uma vantagem para o desenvolvimento do estudo, mas também uma barreira a ser considerada. Era necessário garantir que a relação de amizade não interferisse nas percepções e emoções dos entrevistados. A familiaridade entre o pesquisador e o entrevistado poderia levar à omissão ou à exposição excessiva de opiniões. Esta fase foi, sem dúvida, a mais desafiadora. Muitos concordavam em participar apenas se a entrevista fosse estruturada, exigindo apenas respostas marcadas. Outros demonstravam interesse em conversar, mas não se sentiam confortáveis em serem entrevistados diretamente. Havia ainda aqueles que apoiavam a pesquisa, mas preferiam não se comprometer diretamente.

Então, tomei a iniciativa de criar um formulário para sondar pessoas interessadas em participar da pesquisa. O formulário (ver Quadro 3) foi projetado para identificar possíveis colaboradores de forma anônima e voluntária, contanto que residissem em Pacaraima. O link³⁶ de divulgação foi distribuído em grupos de WhatsApp, compartilhado por contatos conhecidos, em grupos do Facebook e foi impulsionado por meio de anúncios pagos em uma página no Instagram. Este foi elaborado conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos no projeto.

Quadro 3 – Formulário de sondagem para participação voluntária em pesquisa.

Participação Voluntária em Pesquisa	
Apresentação da Pesquisa	Este Projeto de Pesquisa é realizado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima é um estudo interdisciplinar que abrangerá os estudos migratórios e os estudos interculturais na perspectiva das representações sociais a partir de um contexto marcado pelas migrações venezuelanas. Roraima é um Estado historicamente caracterizado pelas migrações sucessivas e por encontros de distintas culturas que resultam em trocas interculturais presentes na arte, na arquitetura, nas espacialidades, na religião, na culinária, e, assim por diante. São os migrantes e refugiados que promovem estas interações que nem sempre são espontâneas ou simultâneas. Nos últimos cinco ou seis anos o Estado de Roraima tornou-se um referencial no acolhimento aos migrantes venezuelanos. Esta nova conjuntura oferece oportunidades de novas interações sociais que podem ser refletidas por meio do sentipensar e abordadas pela hermenêutica, com o objetivo de aprofundar o tema das migrações, na perspectiva de entender as representações sociais que aparecem ao movimento migratório venezuelano, Operação Acolhida e Agências Internacionais a partir da sociedade pacaraimense. Por fim, o estudo buscará verificar as representações sociais na fronteira entre brasileiros e venezuelanos.

³⁶ A mensagem enviada e divulgada seguia esse padrão: Olá pessoal! Estou procurando pessoas brasileiras que tenham interesse de participar de uma pesquisa sobre a migração venezuelana em Pacaraima. A participação é voluntária e anônima. Requisitos:

- ter mais de 18 anos;
- podem participar civis, professores e professoras, funcionários públicos, políticos, líderes comunitários e religiosos, empresários, digital influencer (será preservada a identidade de todos);
- morar na cidade de Pacaraima há mais de cinco anos;
- não ser funcionário de organizações internacionais;
- ter naturalidade brasileira, pessoas naturalizadas não participam.

Os interessados participarão de uma pré-seleção de alinhamento de perfil, se inscrevendo em: <https://forms.gle/cE4UnNLwqS6sLSdq6> (somente as pessoas selecionadas serão contactadas).

As entrevistas acontecerão em setembro e outubro de 2023.

ATENÇÃO: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Roraima sob o número 6.030.583/2023, e faz parte da pesquisa de mestrado “‘Mente vazia, oficina das ONGs’: representações sociais do movimento migratório venezuelano em Pacaraima, Brasil”.

Para mais informações, entre em contato pelo e-mail: edujuniorao@gmail.com ou +5595991267717.

	Aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Roraima (UFRR) sob o número 6.030.583/2023.
Proteção de Dados informados	Em observância à Lei nº. 13.709/18 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais e demais normativas aplicáveis sobre proteção de Dados Pessoais, manifesto-me de forma informada, livre, expressa e consciente, no sentido de autorizar o tratamento de meus Dados Pessoais para as finalidades e de acordo com as condições aqui estabelecidas somente para a comunicação/contato entre entrevistador e entrevistado durante a vigência da pesquisa que voluntariamente quero participar.
Informações de contato e disponibilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Nome e sobrenome; - Data de Nascimento; - Telefone para contato (preferencialmente WhatsApp); - Há quanto tempo mora em Pacaraima? - Você possui alguma necessidade especial? Utilize o campo “outros” para dizer qual, se sua resposta for “sim”; - Nacionalidade; - Disponibilidade para entrevista (dia e horário).
Consentimento	<p>Não participarão da pesquisa pessoas que estejam de passagem por Pacaraima em virtude de contrato de trabalho ou em trânsito para outras cidades, moradores da cidade com menos de cinco anos de residência, brasileiros que morem na Venezuela, pessoas autodeclaradas indígenas, menores de idade ou que não se encaixem nos critérios de inclusão dessa pesquisa. Serão excluídos ainda pessoas vulneráveis (pessoas com restrição da liberdade, doença mental ou em situação de substancial diminuição em sua capacidade de decisão ou pacientes com doenças infectocontagiosas).</p> <p>Concordo que informei corretamente meus dados para manter contato com o pesquisador responsável. Autorizo o mesmo a entrar em contato comigo.</p>
Responsável pela pesquisa	<p>Discente: Antônio Eduardo de Oliveira Junior (PPGSOF/UFRR) Orientadora: Francilene dos Santos Rodrigues (PPGSOF/UFRR)</p> <p style="text-align: center;">Fonte: Autor (2024).</p>

Apesar dos esforços, a adesão de pessoas brasileiras não foi significativa. No entanto, o alcance foi o diferencial, e nenhuma das pessoas interessadas era conhecida por mim ou fazia parte do meu círculo social. No total, oito pessoas se inscreveram, das quais três eram venezuelanas. Das cinco pessoas brasileiras, três desistiram: a) a primeira alegou preferir responder a um questionário em vez de emitir uma opinião; b) a segunda indicou ter se inscrito no formulário por recomendação de um amigo, sem real interesse em participar; c) a terceira justificou, ao ser contatada, que estava de mudança para outra cidade e não poderia mais participar. Respeitei a decisão de todas essas pessoas e as excluí do processo. Como o projeto previu a participação de pessoas venezuelanas, decidi entrar em contato com as pessoas que se inscreveram. Nenhuma delas retornou à ligação ou respondeu as mensagens enviadas via *WhatsApp* e, por isso, foram também excluídas. As entrevistas foram realizadas com duas

pessoas, no texto serão identificadas como Entrevistado 1 e Entrevistada 2, respeitando o sigilo que lhes foi garantido.

3.2.2 Do discurso à realidade: como a sociedade local vê o migrante venezuelano e a Operação Acolhida

O entendimento da sociedade local em relação aos venezuelanos abrange percepções, atitudes e experiências de quem as vivenciou. Embora a opinião pública no geral seja sinuosamente parecida com os discursos políticos, a forma como os venezuelanos são percebidos pela sociedade local pode variar amplamente. Alguns indivíduos e grupos podem expressar simpatia e empatia, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos migrantes e buscando formas de ajudar. Por outro lado, há aqueles que podem manifestar ressentimento, medo ou hostilidade em relação à presença dos venezuelanos, temendo impactos negativos na economia, na segurança e na coesão social.

As percepções da sociedade local sobre os venezuelanos também podem ser influenciadas por estereótipos, preconceitos e desinformação. Os migrantes muitas vezes são retratados de maneira negativa, associados a problemas como criminalidade, desemprego e sobrecarga dos serviços públicos. Essas representações podem alimentar atitudes discriminatórias e contribuir para a marginalização dos venezuelanos na comunidade. Percepções fruto de observação e conversa informal que assimilei durante o campo.

Apesar disso, os entrevistados não apresentaram grandes divergências em sua percepção sobre a migração e as experiências que compartilharam. O Entrevistado 1, residente há mais de 20 anos em Pacaraima, é do sexo masculino, tem 30 anos de idade, solteiro e trabalhador do comércio. Já a Entrevistada 2, que vive na região há cerca de 7 anos, é do sexo feminino, tem 52 anos e trabalha em uma casa de passagem. Ambos representam diferentes gerações, no entanto, suas impressões são surpreendentemente diversas.

Quando questionado sobre sua experiência com migrantes venezuelanos e sua convivência na fronteira, tanto antes quanto agora, o Entrevistado 1 destaca um fato amplamente conhecido na região sobre a receptividade de brasileiros na Venezuela. Ele aponta que, embora fosse comum para os brasileiros frequentarem a Venezuela, nem sempre eram bem atendidos lá, particularmente em locais como Santa Elena. A sensação era de que estavam fazendo um favor ao estar lá, aproveitando os preços mais baixos em produtos, especialmente

alimentos e itens de limpeza. Agora, aqui no Brasil, os venezuelanos recebem uma acolhida completa, o que leva algumas pessoas a contestarem essa atitude, argumentando que os venezuelanos não acolhiam os brasileiros na Venezuela:

- Sempre foi muito comum para nós brasileiros frequentarmos a Venezuela, aqui mesmo em Santa Elena, por exemplo. Mas lá, aqui em Santa Elena mesmo, nem sempre a gente era bem atendido. Parecia que estávamos fazendo um favor. Só era bom porque as coisas eram mais barato e nós podia comprar. Principalmente comida, né. E produto de limpeza. Agora aqui eles têm toda a acolhida e tem gente que não concorda em acolher porque eles não acolhiam a gente, nós brasileiros lá. (Homem, 30 anos, solteiro, entrevista em 24 out. 2023).

Recordando esse mesmo ponto, a Entrevistada 2 menciona outros aspectos dos quais ouviu falar e analisa a relação deles para compreender essa falta de acolhimento, que se reflete na relutância em oferecer reciprocidade em Pacaraima.:

- E porque é uma justificativa que os brasileiros dizem aqui, sempre os comentários que a gente escuta, é de que eles foram maltratados quando necessitavam da Venezuela, quando iam para a Venezuela, e coisa porque tinha muita relação é... de brasileiros que viviam basicamente da Venezuela [na aquisição de produtos mais baratos]. (Mulher, 52 anos, solteira, entrevista em 08 dez. 2023).

Ambos destacam a complexidade das relações entre as duas comunidades e como as experiências passadas influenciam as atitudes presentes. É relevante considerar o contexto histórico dessas relações e as dinâmicas sociais vivenciadas por ambos antes do movimento migratório venezuelano para o Brasil, pois são intrinsecamente importantes para compreender as respostas emocionais, as percepções e as atitudes em relação à migração e ao acolhimento desses migrantes.

Acerca do que vivenciaram no início do acolhimento e da imagem que reproduziam do migrante venezuelano, o Entrevistado 1 lembrou que, bem no início, havia boatos de que os venezuelanos que chegavam e solicitavam o status de refugiado³⁷ eram pessoas que não tinham

³⁷ Solicitar status de refugiado é uma proteção legal que o Brasil oferece a cidadãos de outros países que estejam sofrendo perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, ou ainda, que estejam sujeitos, em seu país, a grave e generalizada violação de direitos humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-refugio#:~:text=%C3%89%20uma%20prote%C3%A7%C3%A3o%20legal%20que,generalizada%20viola%C3%A7%C3%A3o%20de%20direitos%20humanos>. Acesso em 22 fev. 2024.

documentos e que, em sua maioria, eram meliantes que estavam vindo se aproveitar das facilidades de entrar no Brasil. Esse episódio, segundo a entrevista, ocorreu entre 2016-2017:

- Lá naquele tempo que chegavam e ficava um monte de gente na barreira [Posto da Polícia Federal em Pacaraima], ainda nem tinha a Operação Acolhida, o pessoal daqui que trabalhava lá dizia que eles tiravam um documento de refúgio e aí eles podiam dizer que tinham qualquer nome, eles não tinham a cédula deles... era um monte de gente que entrava de qualquer jeito. Aí começou a dismantelar a cidade. Eles entravam, ficavam na rua, ficavam pedindo nos comércios e nas casas... era triste também porque você ia pra Boa Vista e via aquele monte de gente pegando a estrada a pé. Mas o povo diz que era só as pessoas com condições, porque os malandros ficavam aqui, pra poder roubar e atravessar a fronteira pra não ser preso. (Homem, 30 anos, solteiro, entrevista em 24 out. 2023).

Esses sentimentos se enraizaram no senso comum e alimentaram a percepção de que pessoas perigosas estavam presentes no Brasil. Esse cenário é reforçado quando manchetes e notícias de crimes começam a circular, muitas vezes destacando a nacionalidade venezuelana do autor ou suspeito, disseminando preconceitos, racismos e xenofobia. Sentimentos como esses desencadearam a primeira “crise” local em 2018, quando os brasileiros expulsaram os migrantes que estavam nas ruas da cidade. Segundo relatos da Entrevistada 2, esse episódio marcou o momento em que a xenofobia e os preconceitos por parte dos pacaraimenses foram explicitados de forma mais evidente, evidenciando as tensões subjacentes que os venezuelanos já vinham enfrentando, embora de maneira menos óbvia.

- Tinha muita gente na rua, uma grande população que vivia nas ruas. Apesar deles já receberem alimentação de alguns grupos, principalmente de pessoas ligadas a Igreja, a segurança foi um problema muito grande. Principalmente a xenofobia, aqui ela é muito livre e bem visível na sociedade, tanto é que, do que eu vi aqui, começou em 2018 com aquela grande manifestação, que foi um horror para a população [em situação] de rua! Ainda há muita violência, não de agressividade como já teve, mas de rejeição. (Mulher, 52 anos, solteira, entrevista em 08 dez. 2023).

Vale destacar que, embora as entrevistas tenham acontecidos em tempos e conversas diferentes, ambos notaram em perspectivas distintas o migrante que mora em Pacaraima e busca acesso a serviços públicos. De um lado, temos quem vê o migrante como um priorizado nos serviços prestados e, do outro, um olhar dos preconceitos estruturais no acesso a serviços básicos e escassos na cidade.

- Eu acho que sim, temos que acolher, já que estamos acolhendo, né. Mas se você vai no hospital ou no posto de saúde, só tem venezuelano, aí você desiste de ser atendido, né. Também nas escolas, tinha que ensinar logo em espanhol, porque só tem venezuelano. Ai se você pega uma terra e constrói um barraco, a polícia chega na hora e te tira, mas vai os venezuelanos e não acontece nada.

Tá cheio de invasão na cidade, só coisa que não presta nesses lugares, e cadê a polícia? Tão é querendo acabar com os abrigos e esse povo vai pra onde? Tem comida, tem tudo e não trabalha. (Homem, 30 anos, solteiro, entrevista em 24 out. 2023).

- Aqui [em Pacaraima] tem diversas formas de ajuda, com o café da manhã, almoço, banheiros públicos. Por conta de tudo isso que já aconteceu [fazendo referência a 2018], o município ajuda muito pouco, pra não dizer que é praticamente nada em relação a migração... [A ajuda] é basicamente o direito às políticas sociais, que isso não se pode negar de forma alguma, né? Mas o atendimento, assim, é bastante precário. (Mulher, 52 anos, solteira, entrevista em 08 dez. 2023).

À Entrevistada 2 foi perguntado se, devido ao seu posicionamento diferenciado em relação à maioria dos habitantes de Pacaraima, ela já havia enfrentado discriminação ou constrangimento ao utilizar serviços públicos ou fazer compras. Ela relatou que não foi diretamente discriminada, mas percebe uma perseguição velada, exemplificada pela imposição de uma multa no valor de R\$ 1.000,00 por uma acusação de aglomeração em 2021.

- Sofri [constrangimento] mais a nível de comentários, não afronte pessoal, até porque as pessoas sabem que eu não tenho medo de enfrentar. Mas perseguições acontecem muito, por exemplo, aqui na cidade o esgoto corre a céu aberto, mas se há um vazamento aqui na frente de casa, aí já dá multa ou vem uma fiscalização aqui. Aí eu tenho que andar sempre na linha para não ter alguma coisa que eles [Prefeitura de Pacaraima] possam reclamar. É, eles colocaram uma multa contra mim, que eu tive que pagar pelo município. Paguei para não ter problema. Então tem certas coisas, certas perseguições assim, certas coisas a gente sabe [que é perseguição]. (Mulher, 52 anos, solteira, entrevista em 08 dez. 2023).

Durante as entrevistas, os entrevistados expressaram suas opiniões e percepções em relação à Operação Acolhida e suas observações revelam uma variedade de pontos de vista sobre as atividades e os efeitos dessa operação na comunidade local. O Entrevistado 1 compartilhou suas lembranças iniciais da operação, destacando tanto aspectos positivos quanto desafios enfrentados pela cidade durante sua implementação. Por outro lado, a Entrevistada 2 abordou a dependência histórica de Pacaraima em relação a Santa Elena e a importância dos venezuelanos para a economia local, enquanto também destacava o problema da xenofobia e a falta de reconhecimento da contribuição dos migrantes para o desenvolvimento do município:

- Eu lembro que no começo as pessoas queriam que a [Operação] Acolhida fosse lá em Santa Elena e não aqui, mais aí essas coisas políticas que ninguém entende, fizeram ser aqui. Foi bom porque deu uma organizada na cidade, mas eu também lembro que mesmo com um monte de abrigo teve uma época que tinha muita gente na rua, aí teve aquela manifestação e o pessoal se organizou e fez um outro abrigo que eles só dormem, mas de dia fica tudo nas ruas. Eu também conheço gente que tá trabalhando lá, o legal é que elas são daqui, né... também tem essa coisa de dar oportunidade para os jovens daqui, até porque

aqui está literalmente um buraco, sem perspectiva nenhuma. (Homem, 30 anos, solteiro, entrevista em 24 out. 2023).

- Pelo que eu sei, Pacaraima sempre dependeu de Santa Elena e vice-versa, por conta do turismo e das compras aqui e lá. Também dependeu por muito tempo do combustível. E o município de Pacaraima sobrevive do comércio. E quem são os que sustentam [o comércio]? Os venezuelanos. Eles que fazem o movimento do comércio, que levam produtos daqui para as minas [garimpo], para Santa Elena e distribui por aí. E, se não houver a participação venezuelana, aqui nós não teremos movimento do comércio e nem progresso. Mas isso eles não veem [o povo], porque a xenofobia não reconhece a importância da migração para o progresso do município. Vê como um problema. E quando fala do governo, a população de Pacaraima não vê com bons olhos a Operação Acolhida e atribui os problemas sociais a Operação Acolhida. Geralmente eles ficam falando que é culpa das ONGs que causam problemas aqui, porque só ajuda venezuelano e não trazem progresso e não ajudam a população brasileira. (Mulher, 52 anos, solteira, entrevista em 08 dez. 2023).

Segundo o relato do Entrevistado 1, ao longo de vários anos, os moradores de Pacaraima aguardavam com expectativa a visita do ex-presidente Jair Bolsonaro à cidade. Eles esperavam que essa visita permitisse ao ex-presidente ter uma compreensão direta da situação dos venezuelanos e das dificuldades enfrentadas pela comunidade local, bem como encontrar uma solução mais efetiva:

- A gente ficou esperando o presidente Bolsonaro, mas ele só ia até Boa Vista. E toda vez que rolava a notícia que ele vinha até aqui a cidade ficava um brinco. Não tinha ninguém nas ruas, tudo muito organizado, né? A gente diz que eles maquiavam a cidade. Mas não era daquele jeito, a gente sabia, e isso revoltava ainda mais as pessoas. Como é que a gente tá passando por um problema e eles tentam disfarçar? Tinha que mostrar o que era real mesmo. Até a Globo quando vinha aqui era pra mostrar as coisas ruins, mas só os que os brasileiros faziam, os que os venezuelanos faziam não mostrava nada. Ai a gente ficava como o vilão da história. (Homem, 30 anos, solteiro, entrevista em 24 out. 2023).

As narrativas evidenciam a necessidade de compreender não apenas os aspectos logísticos e operacionais da acolhida, mas também as percepções, emoções e experiências individuais dos envolvidos. Enquanto as críticas à Operação Acolhida expõem preocupações e tensões em relação às políticas de assistência e interação, é importante reconhecer que essas perspectivas representam apenas parte da complicada realidade local. No entanto, elas nos convidam a refletir sobre a diversidade de opiniões e sentimentos presentes na comunidade, destacando que se faz necessário o enfrentamento dos desafios humanitários e sociais associados à migração venezuelana em Pacaraima

3.3 OFICINA DE ACOlhIDA EM PACARAIMA: EXEMPLOS PARA O MUNDO?

A resposta humanitária em Pacaraima, apesar de todas os seus problemas, emerge como uma resposta-modelo para outras regiões globais. É claro que, cada reposta humanitária deve ser adaptada a sua realidade, mas não podemos negar que o modelo em Pacaraima possui uma boa estratégia. Esta estrutura operacional representa um esforço colaborativo entre agências governamentais, organizações não governamentais e atores locais e internacionais para abordar os desafios humanitários e sociais associados à migração em massa.

O modelo de colaboração e coordenação interagencial implementado em Pacaraima tem despertado interesse internacional como um exemplo de boas práticas na gestão de crises migratórias. Além disso, o modelo favorece uma abordagem mais abrangente da situação e das necessidades das pessoas assistidas, concentrando-se em oferecer uma resposta que aborde os diversos aspectos em jogo. Permite também que a participação de diversas organizações na tomada de decisões fortaleça um espírito colaborativo na gestão operacional. Essa abordagem integrada e participativa contribui para uma resposta mais eficiente e compassiva aos desafios humanitários enfrentados em Pacaraima e serve como um exemplo inspirador para outras comunidades enfrentando crises similares.

Dessa forma, a militarização de um serviço humanitário pode acarretar tensões e desafios adicionais. Embora a presença militar possa garantir segurança e logística eficiente em determinados contextos, ela também pode criar uma percepção de imposição e controle sobre a população afetada. Além disso, a militarização tende a desviar a atenção dos aspectos humanitários e sociais da crise, priorizando a segurança e a gestão do fluxo migratório. Isso pode resultar em uma abordagem menos centrada nas necessidades e nos direitos das pessoas deslocadas, comprometendo assim a eficácia e a legitimidade da resposta humanitária.

Segundo Castro (2020, p. 10)

Confinados nesse espaço, às margens da rotina da cidade, homens e mulheres venezuelanos/as mantêm sua vida em suspenso - sempre esperando a prometida regularização e inserção no país. A entrada e a saída têm horário restrito sob controle dos militares. Toda organização social do espaço se dá sem nenhuma participação daqueles que têm sua existência ali administrada. As refeições acontecem num local reservado do terreno, com cadeiras e mesas de plástico para quem aguarda a vez na fila da “quentinha”. Estas, se sobram, não são distribuídas para os que estão do lado de fora. Um militar disse que essa é uma estratégia para evitar filas diárias de pessoas que estão em situação de rua. Segundo ele, não é permitido que as pessoas carreguem sua comida

para longe desse “refeitório”, pois o número de mães que tentam entregá-las para os filhos que ficaram do lado de fora do abrigo é grande.

A percepção de que os acolhidos são tratados como uma ameaça para a nação acolhedora pode minar os esforços de interação e solidariedade. É importante considerar que, embora a presença militar possa ser útil em situações de guerra, seu uso em contextos humanitários deve ser cuidadosamente avaliado, priorizando sempre o bem-estar e os direitos das pessoas deslocadas.

Neste sentido, é importante assegurar que o governo municipal esteja disposto a participar de forma efetiva, diferentemente do que ocorreu em Pacaraima. A colaboração e o comprometimento dos líderes locais são fundamentais para garantir uma resposta humanitária eficaz e inclusiva. Isso requer a superação de divisões políticas e a adoção de uma abordagem unificada, centrada no bem-estar das comunidades afetadas e na busca por soluções sustentáveis. Ao deixar de lado as diferenças ideológicas e priorizar o interesse comum, os governos municipais podem desempenhar um papel categórico na construção de uma sociedade mais coesa e resiliente diante dos desafios humanitários e sociais, principalmente criando políticas públicas e incentivando a participação colaborativa em atividades culturais, empreendedorismo, educação e programas de interação social. Essas iniciativas são essenciais para promover a inclusão e o desenvolvimento sustentável das comunidades locais e dos migrantes. Ao investir em programas educacionais, culturais e econômicos que envolvam tanto os residentes quanto os migrantes, os governos municipais podem criar oportunidades de aprendizado, troca de experiências e crescimento econômico para todos. Além disso, o estímulo ao empreendedorismo e à participação em atividades culturais contribui para fortalecer os laços comunitários e promover a compreensão mútua entre os diferentes grupos étnicos e culturais presentes.

E por fim, as ações em conjunto devem ser colaborativas tanto para brasileiros quanto para venezuelanos, promovendo o respeito mútuo e combatendo a disseminação da xenofobia. Isso envolve não apenas a implementação de políticas públicas inclusivas, mas também a promoção de campanhas de conscientização e educação que abordem a diversidade cultural e os direitos humanos. Construindo uma cultura de acolhimento e tolerância, tornando possível erigir uma sociedade mais justa e harmoniosa, onde todas as pessoas, independentemente de sua origem, possam viver com dignidade e respeito.

3.3.1 O hoje da cidade de Pacaraima

A cidade de Pacaraima continua a oferecer os serviços administrados pela Operação Acolhida. No entanto, é notório que há uma ausência significativa da administração pública local. Os problemas sociais que foram atribuídos à migração venezuelana nunca foram adequadamente abordados ou alvo de medidas por parte da Prefeitura de Pacaraima, que demonstrou um nível mínimo de esforço nesse sentido. Além disso, não houve fiscalizações ou intervenções significativas por parte da Câmara de Vereadores para lidar com essas questões emergentes. A falta de engajamento e ação por parte das autoridades municipais deixam lacunas importantes na resposta aos desafios sociais e humanitários enfrentados pela comunidade local e pelos migrantes venezuelanos. Essa omissão destaca a necessidade urgente de uma liderança mais proativa e comprometida com o bem-estar e a interação de todos os residentes de Pacaraima.

Atualmente, Pacaraima enfrenta diversos desafios relacionados à infraestrutura. Nos últimos meses, a cidade tem lidado com uma crise de saneamento básico, especialmente no que diz respeito ao descarte inadequado de lixo doméstico e hospitalar, o que representa uma séria ameaça à saúde pública. Além disso, as ruas encontram-se extremamente esburacadas, refletindo a falta de investimento em manutenção viária. Os espaços públicos também estão deteriorados, carecendo de revitalização e cuidados adequados para proporcionar um ambiente mais seguro e agradável para os moradores.

A única escola que oferece o Ensino Médio na sede do município, frequentada por muitos estudantes brasileiros e venezuelanos em busca de preparação para o ensino superior, enfrentará desafios significativos devido um processo de reforma anunciado pela gestão da escola para adaptações em razão da superlotação. No entanto, uma medida adotada para lidar com a superlotação é a implementação de aulas remotas, o que levanta preocupações quanto à qualidade do ensino oferecido. Essa decisão contraria a Portaria N° 320, de 4 de maio de 2022, do Ministério da Educação (Brasil, 2022), que estabelece diretrizes para a oferta de educação básica remota de forma excepcional, somente para complementar a carga horária de atividades pedagógicas.

Desde 2021, o Hospital Délio de Oliveira Tupinambá passa por uma reforma abrangente que, conforme anunciado pelo Secretário Estadual de Saúde à época, Leocádio Vasconcelos, estava prevista para ser concluída em 12 meses (Governo de Roraima, 2021). A realidade demonstra que a reforma do hospital tem enfrentado uma série de atrasos e problemas,

resultando em uma extensão significativa do prazo inicialmente estabelecido. Isso compromete diretamente a qualidade e a disponibilidade dos serviços de saúde oferecidos à comunidade local e aos migrantes venezuelanos que dependem do hospital para atendimento médico e atualmente usufruem de um pequeno espaço para os atendimentos. Além disso, a falta de transparência e de prestação de contas por parte das autoridades responsáveis levanta questionamentos sobre a gestão dos recursos públicos e a eficiência do processo de reforma.

Por fim, Pacaraima encontra-se em um estado de abandono estrutural e cultural, carecendo da revitalização de seus espaços, eventos e projetos sociais que, em tempos passados, já promoveram uma interação saudável e acolhedora entre brasileiros e venezuelanos na região fronteira, mas também fortaleceram os laços comunitários e a identidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu também sou amazônida, roraimense e pacaraimenses, sou um *Hermano* e *pana*. Sou essa diversidade identitária, mas, sobretudo, sou e reconheço as pessoas com todas as suas potencialidades. Também compartilhamos diversas representações sociais nossas por todos os espaços em que nos inserimos. Ao longo desta jornada de pesquisa e reflexão, tornou-se claro que a migração não é apenas um fenômeno geográfico, mas uma experiência humana complexa, marcada por desafios, esperanças e lutas compartilhadas. Para avançarmos em direção a uma interação inclusiva é fundamental reconhecermos nossa humanidade para além das fronteiras que nos separam.

Desde o início desta pesquisa, meu propósito foi explorar a fronteira como um local fundamental para investigar e compreender as complexidades das mobilidades humanas internacionais. Ao estudar as representações sociais, culturais e políticas que permeiam a vida das pessoas em movimento e daquelas que as acolhem ou rejeitam, busquei aprimorar minha formação profissional para contribuir significativamente no campo da pesquisa e na proposição de alternativas viáveis para questões relacionadas à migração, tanto aqui quanto em qualquer lugar do mundo. Durante o desenvolvimento deste estudo, os papéis do pesquisador e do trabalhador humanitário se entrelaçaram no texto, refletindo uma abordagem multidimensional e interdisciplinar, que buscou interagir entre conhecimentos teóricos e experiências práticas. Reconheço a importância de continuar a aprofundar minha capacidade de análise e intervenção em contextos migratórios, promovendo um engajamento ético e eficaz nas questões humanitárias e de migração.

Retomando ao que me propus no início e as questões iniciais da pesquisa que foram as representações sociais dos moradores de Pacaraima sobre os migrantes e as ações da Operação Acolhida é possível afirmar que algumas dessas representações são naturalizadas e, portanto, mais claras no processo de identificação, uma vez que elas são persistentes nas ideias coletivas. Outras, no entanto, são reinventadas ou ressignificadas ao longo dos anos da migração, ora sendo muito estereotipadas, ora perdendo a força para dar lugar a outras características que possam não ser consideradas tão ofensiva (talvez, em nome de uma convivência estabelecida que resiste às investidas tentativas de excluir o outro). Como por exemplo a expressão “veneca”, hoje uma expressão pejorativa; as consequências da “ditadura comunista”, que teve muita força durante o auge do Bolsonarismo; ideias de que são “criminosos” entrando no Brasil para pedir refúgio; entre tantas outras.

E quando objetivei analisar as representações sociais feitas em Pacaraima sobre os migrantes venezuelanos, atingimos nossos objetivos de reconstruir historicamente o processo migratório, depois de identificar e verificar as representações sociais das pessoas em migração, e analisar o caso específico de Pacaraima com base nas atividades de campo e nas análises desenvolvidas ao longo do texto. Ao longo dessa pesquisa, pude mergulhar profundamente na dinâmica migratória que transformou o lugar, a paisagem social e emocional de Pacaraima. As representações sociais são moldadas pela interação entre experiências individuais, contextos históricos e narrativas dominantes. A análise das percepções dos moradores locais revelou uma ampla gama de respostas que vão desde a solidariedade até a desconfiança, iluminando assim a complexidade desse objeto de pesquisa.

Por isso, avançamos em responder nossa pergunta/problemática inicial: que representações e respostas emocionais são elaboradas pelos moradores de Pacaraima sobre os migrantes venezuelanos? A apresentação do contexto revela a enredamento das percepções e sentimentos dos moradores diante da migração venezuelana. As representações surgem não apenas da interação direta com os migrantes, mas também são influenciadas por narrativas midiáticas, experiências passadas e expectativas em relação ao futuro. Observei que as respostas emocionais variam amplamente, desde a solidariedade e acolhimento até a desconfiança e a xenofobia. Além disso, identifiquei a importância de considerar as vozes e perspectivas dos próprios migrantes venezuelanos na compreensão das representações locais. Suas histórias, experiências e aspirações são essenciais para desafiar estereótipos e construir relações entre os moradores locais e os migrantes

Por isso, é válido observar os fenômenos humanos e sociais da Amazônia a partir de uma perspectiva decolonial do pensamento. Enquanto persistirem as estruturas de dominação, nós resistiremos para afirmar nossa existência. Portanto, é fundamental reconhecer o outro além das fronteiras impostas pela nacionalidade e pela comunidade imaginada que é a nação brasileira (Anderson, 2008). As fronteiras e suas barreiras, embora tangíveis, devem ser compreendidas como limites que podem ser transcendidos por meio do diálogo e solidariedade. Nunca mais um mundo sem nossa humanidade, parece até utopia. Mas que seja, afinal, na utopia que encontremos o combustível para transformar nossas realidades em algo mais próximo do ideal que buscamos.

A presente pesquisa apresentou uma visão da migração venezuelana em Pacaraima por uma ótica diferente do convencional, destacando os desafios enfrentados pelos migrantes e a

comunidade local. Além disso, explorou-se o impacto das políticas de acolhimento e as percepções dos residentes sobre a migração, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de inclusão e apoio aos migrantes. Isso nos permite olhar de forma empática as dinâmicas sociais e humanas envolvidas na migração, promovendo um diálogo mais informado e construtivo.

A dinâmica da migração venezuelana envolve movimentos que vão além das fronteiras geográficas e que muitas vezes têm natureza simbólica. Estes movimentos não se restringem apenas à deslocação física das pessoas, mas também abrangem transformações culturais, econômicas e sociais que impactam tanto os migrantes quanto as comunidades receptoras. É notável a rejeição, a expulsão e dificuldade da hospitalidade como uma troca de papéis entre hospedeiro e hóspede (Derrida, apud Michaud, 2011). A ética da hospitalidade é o que amplia nossa compreensão e alteridade em relação às experiências e desafios da migração.

È importante questionar o que se diz sobre a migração venezuelana. Estamos sendo honestos ao buscar fontes confiáveis e compreender as diversas perspectivas envolvidas neste processo complexo? Ou estamos colocando em jogo nossas próprias seguranças e preconceitos ao aceitar informações superficiais e tendenciosas? Em uma época marcada pelas tecnologias e pela manipulação de informações, é fundamental exercitar o pensamento crítico e a análise cuidadosa das fontes que consultamos. Devemos considerar diferentes pontos de vista e estar cientes dos vieses que podem influenciar a narrativa sobre a migração venezuelana. Somente assim podemos formar uma compreensão mais completa e precisa desse fenômeno e contribuir para um debate mais informado e construtivo.

Refleti sobre até que ponto ser acolhedor, nessas circunstâncias, poderia colocar em xeque minha identidade brasileira, ou se as políticas públicas existentes poderiam me privar de certos privilégios aos quais me acostumei. As respostas não são tão claras, mas percebi que o medo do outro é algo que "mata" as possibilidades de construir pontes e promover uma convivência mais harmoniosa. Quando não se tinha medo do venezuelano, diversas trocas culturais foram realizadas, mas quando este se torna migrante, desperta em nós as nossas próprias inseguranças, de que um dia também tivemos que migrar.

Assim, percebo a projeção de um medo e como tal, nem sempre real, ao comunismo, vindo de uma narrativa de quem tem a mão estendida para derrubar e não ajudar. Isso faz brotar na comunidade local um sentimento de desconfiança e insegurança em relação àquelas pessoas

que chegam em busca de uma nova vida. Mas, o que é o comunismo no imaginário do povo? É visto como um daqueles personagens de quadrinho inventados para entretê-los, enquanto a máquina privilegia uma minoria em detrimento da maioria, com uma visão distorcida e simplista do que é alimentada por narrativas políticas que buscam perpetuar o *status quo* e desencorajar a solidariedade e a igualdade social, além das fronteiras...

É notório que aqueles que deveriam assumir as responsabilidades quanto à governança migratória local se esquivam, muitas vezes, por receio de perder popularidade ou de administrar inadequadamente os recursos financeiros e humanos. Essa falta de ação e responsabilidade contribui para a perpetuação da violência em Pacaraima, tornando a situação ainda mais desafiadora para todos os envolvidos. É essencial que as autoridades locais enfrentem esses desafios de forma proativa, comprometendo-se com políticas e programas eficazes que promovam a segurança, a interação e o bem-estar tanto dos migrantes quanto da comunidade local. O medo da impopularidade não pode ser uma desculpa para a inação diante de questões tão urgentes e complexas.

Vale destacar nestas conclusões o Projeto de Extensão Universitária que foi elaborado a partir dessa pesquisa. Trata-se das “Oficinas sobre Representações Sociais e Coleta de Dados pelo Método de Análise de Conteúdo”, realizado entre setembro e outubro de 2023, em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão, o Centro de Ciências Humanas, o Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, o Instituto Federal de Roraima e a Cáritas Roraima. Foram mais de 30 participantes e voluntários envolvidos nas atividades propostas de coleta e organização de dados. Alguns participantes, motivados a socializar as informações coletadas, apresentaram suas coletas de dados e reflexões em eventos científicos que aconteceram nesse período, fortalecendo a prática de contribuir cientificamente para a sociedade. Um relato de experiência desta atividade de extensão está em fase de publicação como capítulo do livro “EXPERIENCIAR: Práticas de Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Básica”, que está sendo elaborado pela Comissão Organizadora da XVII Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no estado de Roraima, previsto para o primeiro semestre de 2024.

A pesquisa poderia ter explorado ainda outros tantos aspectos e comparado abordagens em outros portais de notícias, porém, o tempo dispendido não oportunizava este feito. É por isso que se torna essencial, em trabalhos que busquem objetivos similares, que haja uma alocação adequada de tempo para uma análise mais abrangente e comparativa. Bem como

comparar resultados de estudos semelhantes em outras regiões ou contextos envolvendo migrantes venezuelanos ou não.

Também percebi os limites na coleta específica de notícias sobre a migração em Pacaraima. Talvez delimitar um marco temporal menor possa proporcionar uma abordagem mais minuciosa na coleta e interpretação das informações, além de facilitar o estabelecimento de categorias de análise mais específicas e menos abrangentes.

A meu ver, esta pesquisa contribui significativamente para o entendimento dos desafios enfrentados pela comunidade de Pacaraima diante do fenômeno da migração venezuelana. Ela nos estimula a olhar criticamente para nossas experiências em relação ao outro que se aproxima, a perceber que se adotarmos uma abordagem diferente, os resultados sociais serão distintos, a ver que o acesso a serviços públicos é universal e acolhe quem está em vulnerabilidade e que as trocas culturais podem enriquecer o tecido social de forma positiva.

Um ponto muito interessante é poder ler essa pesquisa e entender a reconstituição do movimento migratório venezuelano em Pacaraima, principalmente para quem está conhecendo ou pesquisando a região. O texto nos provoca a olhar todo o processo a partir dos principais fatos que ocorreram na região e como foi estabelecido os relacionamentos nos diversos episódios apresentados.

Aquele ou aquela que represento socialmente em meu imaginário é uma síntese complexa de experiências, influências e percepções que moldam minha identidade e visão de mundo. Essa representação reflete não apenas quem sou, mas também as expectativas, normas e valores da sociedade em que estou inserido. É um reflexo das interações sociais, das narrativas culturais e das estruturas de poder que permeiam minha existência. No entanto, também é dinâmica e fluida, sujeita a mudanças e reinterpretada ao longo do tempo. É um processo contínuo de autoconhecimento e reflexão que me permite compreender melhor a mim mesmo e meu lugar no mundo.

Diante da migração venezuelana e das complexidades que ela trouxe para Pacaraima, a reflexão sobre quem represento socialmente em meu imaginário adquire uma relevância ainda maior. Esta jornada de autoconhecimento não se limita apenas a compreender minhas próprias experiências e identidade, mas também a reconhecer a diversidade de histórias, culturas e perspectivas que coexistem em nosso mundo. A migração venezuelana, com suas nuances e desafios, nos convida a ampliar nossa compreensão do outro e a valorizar a riqueza da

diversidade humana. É através desse entendimento mútuo que podemos construir pontes, promover a inclusão e buscar soluções para os desafios compartilhados que enfrentamos como sociedade.

REFERENCIAS CONSULTADAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **O ACNUR antes e depois da Operação Acolhida: uma análise à luz do deslocamento forçado no Brasil (2017-2022)**. 1ª ed. Brasília-DF: Agência da ONU para Refugiados, 2022. 56 p.

_____. **Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Roraima e Manaus: setor produtivo e potencialidades**. 2022. 77 p. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/11/Diagnosticos-para-a-promoc%CC%A7ao-da-autonomia-e-integrac%CC%A7ao-local-de-pessoas-refugiadas-e-migrantes-venezuelanas-em-Roraima-e-Manaus.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ALENCAR, Gabriel de Souza. **Os eventos artísticos-culturais transfronteiriços: cooperação e solidariedade na fronteira**. 2019. 213 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica**. Tradução: Clio Tricarico. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 248 p.

ALMEIDA, Eduarda Rabelo de; RODRIGUES, Francilene dos Santos; CRUZ, Amanda Vitória Oliveira. De Refugiado à Bárbaro: uma análise das situações de violências envolvendo imigrantes venezuelanos em Boa Vista. *In: OLIVEIRA, M. M. et al (org.). Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica*. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 1, 2020. cap. 7, p. 148-163.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 2008. 332 p.

ANTONIO EDUARDO. **Até então tinha visto pouco do grande exílio que vive o povo venezuelano por conta da crise social e política que aquele país está passando [...]**. Pacaraima, 19 jan. 2017. Facebook: Antonio Eduardo, @aantonioedu. Disponível em: <https://www.facebook.com/aantonioedu/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ARENA, Marco *et al.* **Os migrantes da Venezuela trazem oportunidades econômicas para a América Latina**. FMI - Fundo Monetário Internacional, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2022/12/06/cf-venezuelas-migrants-bring-economic-opportunity-to-latin-america>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 174 p.

_____. **Da violência**. Tradução Maria Claudia Drummond. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 71 p.

AZEVEDO, Maria Fernanda. **PIB de Roraima tem um dos maiores crescimentos do país; agropecuária impulsiona aumento**. Portal do Governo de Roraima. 2023. Disponível em: <https://portal.rr.gov.br/noticias/item/8541-desenvolvimento-economico-pib-de-roraima-tem-um-dos-maiores-crescimentos-do-pais-agropecuaria-impulsiona-aumento#:~:text=Em%202021%2C%20o%20PIB%20per,maior%20na%20escala%20norte%2Dnordeste>. Acesso: 13 fev. 2024.

BARBOSA DE OLIVEIRA, Marcos. Considerações sobre a neutralidade da ciência. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 161-172, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/c75MKHt9FC3WDnWlR7vMMvC/?format=pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe *et al.* **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Ferbabdes. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 185-228.

BATISTA, Amarildo Nogueira; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. (Re) Pensando o espaço territorial de Pacaraima. *In*: VERAS, A. T. de R.; SENHORAS, E. M. **Pacaraima**: um olhar geográfico. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. cap. 5, p. 99-117.

BATISTA, Roberta Rangel; BONONO, Mariana. Representações sociais de imigração e imigrantes em jornais britânico, francês e alemão no ano 2012. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 432-453, mai./ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2017.37125>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37125>. Acesso em: 10 out. 2022.

BARBOSA, Pedro. Venezuelanos são expulsos de Pacaraima. **Jornal Folha de Boa Vista**, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/venezuelanos-sao-expulsos-de-pacaraima/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa: Edições 70, 1977. 229 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 83 p.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 123 p.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 55 p.

BELLO, Ângela Ales. **A fenomenologia do ser humano**: traços de uma filosofia no feminino. Tradução: Antonio Angonese. Bauru-SP: EDUSC, 2000. 288 p.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985. 248 p.

BRITO, Bruno Dantas Muniz de. Planejamento participativo do turismo em Pacaraima-RR: dimensão e possibilidades. *In*: V Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial, jul., 2016, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Laboratório de Geoecologia da Paisagem e Planejamento Ambiental, 2016. Disponível em: <http://www.ppggeografia.ufc.br/images/documentos/C5T3.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRUM, Eliane. A violência em Roraima é contra a imagem no espelho. **El País**, Brasília, 27 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/27/opinion/1535381111_480467.html. Acesso em: 21 fev. 2023.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. 2002, 197 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. ed. 1. São Paulo: Contexto, 2012. 224 p.

CAMPOS, Heleniza Ávila. O papel estratégico de cidades gêmeas no controle de mercadorias em regiões de fronteira no contexto do MERCOSUL: Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR). **Revista de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional**. Santa Catarina, v. 22, n. 1, p. 56-73, jan./abr., 2017. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v22i1.8667>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/8667>. Acesso em: 05 set. 2022.

CARVALHO, João Carlos de. **Amazônia revisitada**: de Carvajal a Márcio Souza. 2001. 283 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2001.

CARVALHO, Paola. Nova manifestação é registrada em Pacaraima. **Jornal Folha de Boa Vista**, 27 ago. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/nova-manifestacao-e-registrada-em-pacaraima/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. Ministro da Justiça autoriza deportação de estrangeiros criminosos. **Jornal Folha de Boa Vista**, 27 jul. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/ministro-da-justica-autoriza-deportacao-de-estrangeiros-criminosos/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Deputado pede transparência na aplicação de recursos. **Jornal Folha de Boa Vista**, 17 set. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/policia/deputado-pede-transparencia-na-aplicacao-de-recursos/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo. Memória e Patrimônio: diversidade e identidades. **Revista Memória em Rede**. V. 2, n. 2, p. 7-16, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/9554>. Acesso em: 16 mai. 2024.

CASTLE, Stephen. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, v. 18, n. 35, ano XVIII, p. 11-43, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CASTRO, Mariana. Militarização e Necropolítica da Fronteira: as respostas do Brasil à crescente migração venezuelana. **Mural Internacional**. Rio de Janeiro, v. 11, ed. 48787, 2020. DOI: 10.12957/rmi.2020.48787. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347816485_Militarizacao_e_Necropolitica_da_Fronteira_as_respostas_do_Brasil_a_crescente_migracao_venezuelana_Militarization_and_Necropolitics_of_the_Frontier_the_responses_of_Brazil_to_the_growing_Venezuelan_mi. Acesso em: 15 mar. 2024.

CASTRO, Mary Garcia. Estranhamentos e Identidades: direitos humanos, cidadania e sujeito migrante representações em textos diversos. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 5-28, jan./jun., 2005. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/252>. Acesso em: 27 dez. 2023.

CERETTA, Celestino. **História da igreja na Amazônia Central**. Manaus-AM: Biblos/Valer, 2008. 447 p.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das revistas**. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CORREIA, Cyneida Menezes; MUNARO, Luís Francisco. Manuscritos e impressos na construção de uma microesfera pública em Roraima no início do século XX. In: MUNARO, Luís Francisco (org.). **Terra das letras mortas: a identidade da Amazônia nos jornais regionais**. Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2021. p. 104-135.

CORREIA, Luan Guilherme. Prefeitura pagará aluguel e alimentação de venezuelanos; Veja em 360 graus. **Jornal Folha de Boa Vista**, 24 ago. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/prefeitura-pagara-aluguel-e-alimentacao-de-venezuelanos-veja-em-360-graus/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Brasília-DF: CSEM, 2006. 244 p.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes Sociais e os Estudos de Recepção na Internet. In: XIX Encontro da COMPÓS. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p75-92>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38293>. Acesso em: 22 out. 2022.

COSTA, Matheus Marques da. A empatia em Edith Stein como estratégia de enfrentamento da intolerância. **Território Acadêmico**. Taubaté/SP, n. 1, p. 87-114, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://ta.dehoniana.com/ta/index.php/ta/article/view/6>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução: Eduardo Lúcio Nogueira. ed. 9. Lisboa: Presença, 2004. 160 p.

ESTARQUE, Marina. **Sociedade não quer que venezuelanos sejam bem tratados**, DW - Deutsche Welle, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-sociedade-n%C3%A3o-quer-que-os-venezuelanos-sejam-bem-tratados/a-36708133> Acesso em: 04/11/2023.

FARIA, Ana Carolina Viana; DINIZ, Alexandre Magno Alves; FILHO, Oswald Bueno Amorin. A formação da fronteira entre Brasil e Venezuela: aspectos históricos e relações bilaterais contemporâneas. In: LYRA JUNIOR, A. A. de (org.). **Governabilidade e fronteira: os desafios amazônicos**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. cap. 2, p. 45-68.

FÉLIX, Jackson. PIB de Roraima cresce 4,3% em 2019 impulsionado pelas exportações para a Venezuela. **G1 Roraima**, 10 mar. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/03/10/exportacoes-de-soja-e-produtos-alimenticios-para-venezuela-impulsionam-pib-de-roraima.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2022.

FERNANDES, Danilo Araújo. **A questão regional e a formação do discurso desenvolvimentista na Amazônia**. 2011, 313 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

FERNANDES, Rodrigo Baldin; SENHORAS, Elói Martins. Notas sobre a geografia do turismo em Pacaraima. In: VERAS, A. T. de R.; SENHORAS, E. M. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. cap. 3, p. 99-117.

FERNÁNDEZ, Adrian Padilla. Venezuela entre la hegemonía y la contra-hegemonía (una lectura contextual para comprender una complejidad socio-histórica). **Textos e Debates**. Boa Vista, v. 1, n. 32, p. 175-197, 2019. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v1i32.5697. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/5697>. Acesso em: 4 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 22 ed. Rio de Janeiro: Edições Gerais, 2006. 295 p.

FOLHABV. Governo pede que médicos venezuelanos sejam incluídos no Programa. **Jornal Folha de Boa Vista**, 23 set. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/governo-pede-que-medicos-venezuelanos-sejam-incluidos-no-programa/>. Acesso em: 23 jun. 2018.

_____. Imigrantes haitianos viram exemplo de superação no mercado informal. **Jornal Folha de Boa Vista**, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/imigrantes-haitianos-viram-exemplo-de-superacao-no-mercado-informal/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. RR ainda espera por ajuda e governo prevê caos com a migração em massa. **Jornal Folha de Boa Vista**, 14 ago. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/rr-ainda-espera-por-ajuda-e-governo-preve-caos-com-a-migracao-em-massa/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Venezuela está cada vez mais perto de uma guerra civil, diz EUA. **Jornal Folha de Boa Vista**, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/venezuela-esta-cada-vez-mais-perto-de-uma-guerra-civil-diz-eua/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Estados Unidos não irão tolerar 'ditadura' na Venezuela, diz ONU. **Jornal Folha de Boa Vista**, 27 ago. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/estados-unidos-nao-irao-tolerar-ditadura-na-venezuela-diz-onu/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Sem espaço no ginásio, venezuelanos constroem “favela” na área externa. **Jornal Folha de Boa Vista**, 03 jul. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/sem-espaco-no-ginasio-venezuelanos-constroem-%C2%91favela%C2%92-na-area-externa/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Governo avalia como positiva limitação da entrada de venezuelanos. **Jornal Folha de Boa Vista**, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/governo-avalia-como-positiva-limitacao-da-entrada-de-venezuelanos/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Peru volta a permitir entrada de venezuelanos sem passaporte. **Jornal Folha de Boa Vista**, 08 out. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/peru-volta-a-permitir-entrada-de-venezuelanos-sem-passaporte/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. “Brasil é soberano”, diz Bolsonaro sobre pacto de migração. **Jornal Folha de Boa Vista**, 09 jan. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/%C2%93brasil-e-soberano%C2%94-diz-bolsonaro-sobre-pacto-de-migracao/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Tanques chegam a Santa Elena e Maduro fecha a fronteira. **Jornal Folha de Boa Vista**, 22 fev. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/tanques-chegam-a-santa-elena-e-maduro-fecha-a-fronteira/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Renato Silva volta a cobrar providências sobre crise migratória. **Jornal Folha de Boa Vista**, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/renato-silva-volta-a-cobrar-providencias-sobre-crise-migratoria/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Restrição de entrada de estrangeiros via terrestre é prorrogada. **Jornal Folha de Boa Vista**, 05 out. 2020. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/restricao-de-entrada-de-estrangeiros-via-terrestre-e-prorrogada/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Restrição de entrada de estrangeiros via terrestre é prorrogada. **Jornal Folha de Boa Vista**, 05 out. 2020. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/restricao-de-entrada-de-estrangeiros-via-terrestre-e-prorrogada/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Polícia invade abrigo de refugiados e MPF entra com ação pública. **Jornal Folha de Boa Vista**, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/policia-invade-abrigo-de-refugiados-e-mpf-entra-com-acao-publica/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Câmara de Pacaraima discutirá alternativas contra impactos da migração. **Jornal Folha de Boa Vista**, 06 out. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/camara-de-pacaraima-discutira-alternativas-contra-impactos-da-migracao/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. “Ou acaba com a Operação Acolhida ou ela acaba com RR”, diz Telmário Mota. **Jornal Folha de Boa Vista**, 01 nov. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/%C2%91ou-acaba-com-a-operacao-acolhida-ou-ela-acaba-com-rr%C2%92-diz-telmario-mota/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. V. Senador volta a defender fim de acolhimento de venezuelanos em Roraima. **Jornal Folha de Boa Vista**, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/senador-volta-a-defender-fim-de-acolhimento-de-venezuelanos-em-roraima/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. “Não tem como fazer muro na fronteira”, diz Bolsonaro sobre migração. **Jornal Folha de Boa Vista**, 07 mar. 2022. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/%C2%91nao-tem-como-fazer-muro-na-fronteira%C2%92-diz-bolsonaro-sobre-migracao/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Com venezuelana, Bolsonaro cita Roraima e ataca PT por apoio a Maduro. **Jornal Folha de Boa Vista**, 20 ago. 2022. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/especiais/eleicoes-2022/com-venezuelana-bolsonaro-cita-roraima-e-ataca-pt-por-apoio-a-maduro/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Moradores de Pacaraima fazem manifestação pacífica. **Jornal Folha de Boa Vista**, 21 mar. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/moradores-de-pacaraima-fazem-manifestacao-pacifica/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. Em Pacaraima moradores fazem manifestação contra imigrantes. **Jornal Folha de Boa Vista**, 18 ago. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/policia/em-pacaraima-moradores-fazem-manifestacao-contra-imigrantes/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. Moradores de Pacaraima contestam matéria do Fantástico. **Jornal Folha de Boa Vista**, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/moradores-de-pacaraima-contestam-materia-do-fantastico/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. Após morte de empresário população organiza manifestação. **Jornal Folha de Boa Vista**, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/policia/apos-morte-de-empresario-populacao-organiza-manifestacao/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FREUD, Sigmunt. **O mal-estar na cultura**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre/RS: L&PM, 2010. 192 p.

GALLEGOS, Jacques Ramirez; GRAJALLES, Maria del Pilar Ospina. La política migratória en Colombia e Ecuador: decisiones y respuestas a la migración venezolana. In: GALLEGOS, Jacques Ramirez, et al. **(Re)pensando el vínculo entre migración y crisis**. 1 ed. Guadalajara: CLACSO, 2001. cap. 1, p. 31-55.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social - um problema político em psicologia. **Psicologia USP**. São Paulo, v.9, n.2, p. 11-67, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/psicosp.v9i2.107818>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/107818/106159>. Acesso em: 16 mai. 2024.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. 277 p.

GOVERNO DE RORAIMA. **Reforma Geral no Hospital de Pacaraima é iniciada para melhorar atendimento na região**. SESAU, Boa Vista, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://saude.rr.gov.br/index.php/component/content/article/20-noticias/775-investimento-na-saude-reforma-geral-no-hospital-de-pacaraima-e-iniciada-para-melhorar-atendimento-na-regiao>. Acesso em: 22 fev. 2024.

GUBERMAN, Mariluci da Cunha. A territorialidade da Amazônia: o espaço, o homem e seu tempo. In: GUBERMAN, M. da C. (org.). **Provocações da Amazônia: dos rios voadores aos voos imaginários**. Cascavel-PR: EDUNIOESTE, 2015. cap. 1, p. 23-119.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. 1 ed. Niterói: CLACSO RJ, 2021. 396 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracica Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 1 ed. Porto Alegre/RS: L&PM, 2015. 452 p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback, 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 325 p.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1970. 158 p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102052>. Acesso em 13 fev. 2024.

JAKOB, Alberto Augusto Eichman. A migração internacional recente na Amazônia Brasileira. **Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**. Brasília, Ano XXIII, n. 45, p. 249-271, jul./dez., 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-8585250319880004513>. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/488>. Acesso em: 11 set. 2023.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975. 188 p.

JODELET, Denise. **Loucura e representações sociais**. Tradução: Lucy Magalhães. 2ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015. 391 p.

JARDIM, Cláudia. Chávez, o militar socialista que transformou a Venezuela. **BBC Brasil**, 05 mar. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130103_obituario_chavez_cj#:~:text=A%20estrutura%20econ%C3%B4mica%20herdada%20de%20governos%20anteriores%20na,principal%20motor%20da%20economia%20continuou%20sendo%20o%20petr%C3%B3leo. Acesso em: 24 jan. 2023.

JAROCHINSKI, J. C.; PERES, V. P. dos S. Rentismo e Crise. **Textos e Debates**. Editora UFRR, v. 1, n. 34, p. 23-39, 2020. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v1i34.6964. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/6964>. Acesso em: 4 nov. 2023.

LEMOS, Marcelo Antonio. **O abjeto e a abjetivação da hospitalidade**: experiência dos itinerários profissionais de proteção e assistência humanitária em contexto de deslocamentos. 2021, p. 183. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/handle/prefix/806>. Acesso em: 25 out. 2022.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997. 306 p.

_____. **Totalidade e Infinito**. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980. 145 p.

LIA, Cristine Fortes; OLIVERIA, Franciele de Almeida de; MONTEIRO, Katani. Trajetórias migrantes: jeitos de ser e estar no mundo de Demba Sokhna. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n. 26, dez., p. 70-90, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/transversos.2022.70485>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/70485>. Acesso em: 01 out. 2022.

LYRA JUNIOR, Américo Alves de; MELO, Ricardo Abreu de. Brasil, Venezuela e Migração Internacional: disputas pela hegemonia e a nova lei de migração brasileira. In: OLIVEIRA, M. M. de *et al* (org.). **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 1, 2020. cap. 2, p. 31-38.

LOPES, Minervaldo. “Favela” surge com chegada de mais venezuelanos no entorno da rodoviária. **Jornal Folha de Boa Vista**, 08 ago. 2017. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/%C2%91favela%C2%92-surge-com-chegada-de-mais-venezuelanos-no-entorno-da-rodoviaria/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima. **Jornal Folha de Boa Vista**, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/manifestacao-reune-centenas-de-pessoas-em-pacaraima/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

LUSSI, Carmen. Espaços fronteiriços na América do Sul: desafios e oportunidades para a pastoral da mobilidade humana. *In: Encontro de Fronteiras do Grupo Missionário do EISAL*, Curitiba: Centro Scalabriniano de Estudos Migratório, out., 2015.

MACHADO, Luciana de Oliveira Rosa. Desflorestamento na Amazônia brasileira: ação coletiva, governança e governabilidade em área de fronteira. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 115-147, jan./abr., 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5455>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAGALHÃES, General Couto de. **O selvagem**. 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 362 p.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade Humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. **Contexto & Educação**, Unijuí, ano 25, n. 84, jul./dez., p. 31-50, 2010. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2010.84.31-50>. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/460>. Acesso em: 20 nov, 2023.

MATTOS, Pablo. Breves apontamentos sobre a atuação do ACNUR na resposta ao fluxo de venezuelano em Roraima. *In: MILESI, R. et al (org.). Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*. Brasília: IMDH, v. 14, n. 14, 2019. cap. 2, p. 23-25.

MDHC – Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Recomendação Nº 5/2018**. Dispõe sobre o direito de venezuelanas e venezuelanos no fluxo migratório no Brasil em seguimento às missões do CNDH para verificação da situação em Roraima. Brasília: MDHC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/Recomendaon5direitodevenezuelanxsnofluxomigratrioBrasilenseguimentosmissesdoCNDH.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2022.

MEC - Ministério da Educação. **Portaria Nº 320/2022**. Altera a Portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, que dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre o caráter excepcional de utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas, enquanto durar a situação da pandemia do Novo Coronavírus - Covid-19. Brasília: MEC, 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-320-de-4-de-maio-de-2022-397588854>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MENDES, Denise Figueiró; MEDEIROS, Regina de Paula; FERNANDES, Duval Magalhães. A Migração Venezuelana do Cenário ao Acolhimento: contexto inicial, respostas brasileiras à diáspora venezuelana e análises teóricas de fatores de perpetuação. *In: OLIVEIRA, M. M. de et al (org.). Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica*. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 3, 2022. cap. 7, p. 145-173.

MENDES, Maria Manuela. Representações e estereótipos dos imigrantes russos e ucranianos na sociedade portuguesa. **Tempo Social**. São Paulo, v. 3, n. 1, jun., p. 269-304, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/jJyTcWqHGZxvXF45k7gmPMj/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MICHAUD, Ginette. Jacques Derrida: um pensamento do incondicional. *In*: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2011. p. 1001-1011.

MILESI, Rosita; COURY, Paula; ROVERY, Julia. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Aedos**. Porto Alegre, v. 10, n. 22, ago., p. 53-70, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/83376>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. ed. 5. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. 395 p.

MUNARO, Luís Francisco. A Amazônia e a fundação do Brasil na obra Simá (1857) de Lourenço da Silva Amazonas. **Revista Intellectus**, Ano XIX, n. 2, p. 219-246, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/intellectus.2020.47785>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/47785>. Acesso em: 22 out. 2022.

NASCIMENTO, Milton Meira. Rousseau: sociedade e poder. *In*: WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. ed. 14. São Paulo: Ática, v. 1, 2011. cap. 6, p. 143-183.

NAVES, Mônica Martins; CÍCERO, Pedro Henrique de Moraes. Desigualdade e desenvolvimento na Venezuela: uma análise histórico-contemporânea. II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. **Anais [...]**. Universidade de São Paulo, 2016. 14 p. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/NAVES-CICERO_SP04-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

NOBRE, Carlos A.; SAMPAIO, Gilvan; SALAZAR, Luis. Mudanças climáticas e Amazônia. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 59, n. 3, p. 22-27, Set., 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 nov. 2023.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e Cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 90 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)Caminhos da Identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 15, n. 42, fev., p. 7-21, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YdhBGdVXmppChKMyNkKTLjh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2022.

OIM - Organização Internacional das Migrações. **Monitoramento do fluxo da população venezuelana**. Brasília-DF, 2023. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2023-04/DTM-2023-RR>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PARDO, Diego. Como era a 'Venezuela saudita', um dos países mais ricos dos anos 50 e 80. **BBC News Mundo**, 2 mar. 2019. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47423737>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PADILLA, Beatriz; LOPEZ, Magdalena. Venezolanos en Argentina, Estados Unidos y Portugal: una diáspora en construcción. **Revista Interdisciplinar em Mobilidade Humana**.

Brasília, v. 29, n. 62, ago., p. 15-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006202>. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1528>. Acesso em: 05 mai. 2023.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. **O processo recente de atualização do território no sudoeste da Amazônia: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre**. 2009. 329 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, 2009.

PESSOA, Enock da Silva. Povos Indígenas e o sistema colonizador na Amazônia sul-ocidental. **Psicologia Política**. Sociedade Brasileira de Psicologia Política, vol. 5. nº 10, jul/dez, p. 211-237, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1519-549X. Acesso em: 15 nov. 2023.

PEÑALVER, Leonardo Vivas; PÁEZ, Tomás. The Venezuelan Diaspora: another impending crisis? **Research Gate**. Washington, 2017. DOI: 10.13140/RG.2.2.17819.87843. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/317099053_The_Venezuelan_Diaspora_Another_Impending_Crisis. Acesso em 03 jan. 2024.

PGR - Procuradoria Geral de Roraima. **Ação Civil Originária 3121/2018**. Pedido de Tutela Provisória. Governo de Roraima, 12 abr. 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=5437155>. Acesso em: 29 jul. 2022.

PLATÃO. **A República**. ed. 6. Paraná: Atena, 1956.

POLÍCIA FEDERAL. **Painel de monitoramento do fluxo migratório Venezuelano em Pacaraima (RR)**. 2024. Disponível em: [eyJrIjoiMGNmZDZkZWQtY2EyZC00NjI1LTg3YTktYjM2MTYwOTdlMTFiIiwidCI6IjE1O DgyNjJkLTlzMltNDNiNC1iZDZILWJjZTQ5YzhlnjE4NiIsImMiOjh9](https://www.pf.gov.br/portal/monitoramento-do-fluxo-migratorio-venezuelano-em-pacaraima-rr). Acesso em: 23 fev. 2024.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da Violência**. Brasília: Francis, 2010. 312 p.

R4V. **Resposta para Venezuelanos**. 2023. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/node/423>. Acesso em 23 fev. 2024.

_____. **UNHCR/REACH Brazil, Roraima, Pacaraima city/Vulnerable group map - August 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/node/3722>. Acesso em 06 abr. 2024.

RAMOS, Alan Robson Alexandrino; OLIVEIRA, Keyty Almeida de.; RODRIGUES, Fracilene dos Santos. Mercury-Based Mining in Yanomami Indigenous Lands and Accountabilities. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v. 23, p. 1-22, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180326r2vu2020L5AO>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/Kbrq95pYDnwGD8DVVxYqtsm/?lang=en>. Acesso em: 05 set. 2023.

RAPOSO, Tácio José Natal. **A (re) produção do espaço urbano no município de Pacaraima – 1995 – 2013**. 2015. 273 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

RIBEIRO, Renato Janine. Hobbes: o medo e a esperança. *In*: WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. ed. 14. São Paulo: Ática, v. 1, 2011. cap. 3, p. 42-63.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: Editora UFAM, 2012. 294 p.

_____. La Frontera Dorada: brasileiros em busca de outro na fronteira Pan-Amazônica. *In*: RODRIGUES, F. dos S. *et al* (org.). **Estudos transdisciplinares na Amazônia Setentrional: Fronteiras, Migração e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: Letras Capital, 2012b. p. 26-42.

ROCHA, Valcleia Barros; SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Pacaraima no contexto regional fronteiriço – Brasil/Venezuela. *In*: VERAS, A. T. de R.; SENHORAS, E. M. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. cap. 2, p. 43-63.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 160 p.

ROMANO, Ruggiero. **Os Mecanismos da Conquista Colonial: Os Conquistadores**. Tradução: Marilda Pedreira. ed. 3. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. 133 p.

ROCHA, Ribamar. Aumento da imigração faz Pacaraima sofrer com falta d'água. **Jornal Folha de Boa Vista**, 27 jul. 2019. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/ministro-da-justica-autoriza-deportacao-de-estrangeiros-criminosos/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ROCHA, Gilberto de Miranda; GONÇALVES, Sabrina Fortes e Silva. Considerações sobre a federalização e a gestão compartilhada do território na Amazônia brasileira. **Revista Franco-brasileira de Geografia**. Confins, n. 30, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.11665>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/11665>. Acesso em: 01 nov. 2023

ROSSA, Lya Amanda; MENEZES, Marilda A. Entre Migrações e Refúgio: migrações Sul-Sul no Brasil e as novas tipologias migratórias. *In*: BAENINGER, Rosana et al (org.). **Migrações Sul-Sul**. ed. 2. Campinas-SP: Nepo/Unicamp, 2018. cap. 26, p. 383-401.

ROZENDO, Adriano; GIACOMOZZI, Andreia Isabel; VITALI, Marieli Mezari. Representações Sociais sobre Migrantes. *In*: **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Rio de Janeiro, v. 1, ano 12, p. 109-119, 2022. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3119>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTOS, Alessandra Rufino. Interações e estigmas entre brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela. *In*: OLIVEIRA, M. M. de *et al* (org.). **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 3, 2020. Cap. 2, p. 41-67.

SARMENTO, Gilmara Gomes da Silva; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Entre a emergência e os limites do acolhimento: atores, protagonismos e contradições. *In*: OLIVEIRA, M. M. de *et al* (org.). **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 2, 2020. Cap. 2, p. 17-36.

SARTORI, Oseias Cordeiro; BETHÔNICO, Maria Bárbara de Magalhães. A reivindicação de um território: o caso de Pacaraima. *In*: VERAS, A. T. de R.; SENHORAS, E. M. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. cap. 4, p. 79-98.

SASSEN, Saskia. Lógicas Predatórias: indo muito além da desigualdade. **Caderno CRH**. Universidade Federal da Bahia, v. 35, ed. 022002, pág. 1-17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v35i0.48850>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/48850>. Acesso em: 23 set. 2022.

_____. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Tradução: Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 294 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). Prefácio. In: ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 2008. p. 9-18.

SINGER, Florantonia. Pobreza extrema beira 80% na Venezuela. **El País**, 09 jul. 2020. Disponível: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-09/pobreza-extrema-beira-80-na-venezuela.html>. Acesso em 03 jan. 2024.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar**: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades. Belo Horizonte: Editora do IFNMG, 2023. 790 p.

STEIN, Edith. **Ser finito y ser eterno**: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Ciudad del México: Fondo de la Cultura Económica, 1996. 549 p.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Tradução: Beatriz Perrone Moi. ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 215 p.

_____. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010. 237 p.

TOSCANO, Gabriel Bayarri; COLUSSI, Juliana; SILVA, Flávia Gomes-Franco e; Arrufat-Martín, Sandro. Más banderas que palabras: la comunicación no verbal de Bolsonaro en su discurso polarizador. **Disertaciones**. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social, vol. 17, num. 1, ene.-jun., pág. 1-26, 2024. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.12802>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TUAN, Y.-F. (2018). Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150>. Disponível em: . Acesso em: 16 mai. 2024.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Reno. Uma missão Eminentemente Humanitária? Operação Acolhida e a gestão militarizada nos abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista-RR. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 29, n. 63, dez., 2021. p. 107-122. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880006307>. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1512>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VELÁSQUEZ, Militza Zulimar Pérez. **Status Legal e Condicionalidade no Acesso aos Direitos para Venezuelanas (os) Solicitantes de Refúgio e Residentes Temporários no Brasil**. 2021. p. 137. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.

ZECA PRETO. **Hino de Pacaraima**. Pacaraima: Estudio ZP Produções, 2005 (113min).